

A Colmeia
Uma experiência pedagógica
Sébastien Faure

tradução: Antonio Bernardo Canellas



Tradução: Antonio Bernardo Canellas

Revisão: Clayton Peron & Paulo Marques

Capa & Projeto gráfico: Adriano Skoda

Biblioteca Terra Livre

Caixa Postal 195

São Paulo/SP

01031-970

bibliotecaterralivre@gmail.com

<http://bibliotecaterralivre.noblogs.org>

1ª edição - 1919 (*editada por Antonio Bernardo Canellas*)

2ª edição - 2015

Impresso no Brasil



É livre a reprodução para fins não comerciais, desde
que esta nota seja incluída e a autoria seja citada.

SUMÁRIO

Apresentação	7
A Colmeia, a partir de agora, a escola do amanhã	9
01. Breves indicações	21
02. Introdução	25
03. Com que fim e como fundei A Colmeia	29
04. O começo	35
05. O que é A Colmeia	49
06. As nossas discussões com a Inspeção Acadêmica	51
07. A Direção	57
08. Os colaboradores	61
09. As nossas crianças	69
10. Condições de admissão	85
11. Os pequenos	93
12. Algumas palavras sobre o que chamamos a “pré-aprendizagem”	95
13. Seres completos	107
14. Nossas oficinas	119
15. Nosso orçamento	131
16. Confiança no futuro	135
17. Nosso festival anual	137
18. Nossas viagens	143
19. O Boletim d’A Colmeia	149
20. Meios para auxiliar A Colmeia	155
21. O impacto social d’A Colmeia	161

APRESENTAÇÃO

A construção do futuro está pautada pelas perspectivas e possibilidades que o passado e o presente nos apresentam. Relembrar os trabalhos daquelas pessoas que buscaram construir um mundo novo é um desafio constante e necessário. O presente livro de Sébastien Faure, teve sua primeira edição em português impressa através das mãos de Antonio Bernardo Canellas, que traduziu e publicou o livro em 1919, na cidade de Niterói/RJ.

Canellas, nascido em 1898, teve uma jovem e intensa militância anarquista na década de 1910. Colaborou com diversos jornais anarquistas e, com apenas 17 anos, abandonou sua cidade natal, Niterói, e partiu para o interior do nordeste a fim de organizar sindicatos e propagar as ideias anarquistas. Entre os anos de 1919 e 1920 Canellas viajou para França a fim de conhecer as experiências políticas que estavam sendo desenvolvidas em território europeu e retornou ao Brasil absolutamente impressionado pelos relatos d'A Colmeia. Este encantamento o levou a traduzir e publicar todos os materiais que encontrou sobre este projeto educativo e o incentivou a levar

a cabo uma experiência semelhante à de Sébastien Faure em terras tropicais. A estratégia de Canellas era a mesma de Faure: organizar uma série de palestras, por todo o território brasileiro, afim de sensibilizar as pessoas para a causa e arrecadar fundos para conseguir iniciar o projeto educativo.

Ao longo desta década de militância Canellas tomou contato com alguns importantes militantes anarquistas da época como Edgard Leuenroth, Astrojildo Pereira, entre outros. Seria justamente em conjunto com alguns destes companheiros anarquistas que Canellas fundaria, no ano de 1922, o Partido Comunista do Brasil (PCB), do qual seria o primeiro expulso, no ano seguinte, após discordâncias com Trotsky e outros “camaradas” durante sua participação no IV Congresso da Internacional Comunista, realizado em Moscou (antiga União Soviética).

Se a atuação de Canellas em prol da criação d’A Colmeia no Brasil perdeu forças após sua adesão ao PCB, os esforços realizados por ele em seu período de atuação libertária ainda seguem dando frutos. A tradução que apresentamos aqui, foi consultada no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), que atualmente se encontra na UNICAMP. O arquivo é fruto de um inestimável trabalho realizado por Leuenroth ao longo de toda sua vida na busca por preservar a história do movimento anarquista no Brasil.

Se hoje temos acesso e podemos compartilhar o conteúdo deste livro com um público mais amplo, isto não teria sido possível sem o trabalho de preservação da memória do anarquismo tão arduamente realizado por companheiras e companheiros no passado e ainda hoje.

Por fim, agradecemos o apoio da *LaMalatesta Editorial* por compartilhar conosco as imagens que ilustram este livro.

Desejamos a todas as pessoas uma ótima leitura!

Biblioteca Terra Livre

A COLMEIA, A PARTIR DE AGORA, A ESCOLA DO AMANHÃ

Paulo Marques¹

Rodrigo Rosa da Silva²

Em tempos de discursos sobre “educação integral” e da necessidade de novas metodologias pedagógicas baseadas no “aprender a aprender” e na “interdisciplinaridade” é de se espantar como nos meios acadêmicos ocorre uma seletividade, quer seja ela premeditada, quer seja pura falta de rigor científico, sobre quem foram os pioneiros dessas propostas. Nos referimos à ainda persistente omissão da contribuição dos anarquistas no campo da educação.

1 Professor da Faculdade de Educação/UFPel, integrante do Grupo Estudos Educação Libertária-Pelotas e coordenador do Grupo de Pesquisa Memória, Teoria e Prática de Educação Libertária do Rio Grande do Sul.

2 Membro da Biblioteca Terra Livre, pesquisador do Grupo de Pesquisa Poder Político, educação, Lutas Sociais e Professor da Faculdade de Educação/USP.

Mas qual o motivo de não figurarem ainda em destaque nos programas das disciplinas dos cursos de pedagogia?

Podemos imaginar que o pouco acesso aos escritos sobre o tema, em sua maior parte produzidos originalmente em francês e ainda não traduzidos ao português, pode ser um dos motivos que dificultam a sua ampla difusão³. Malgrado essa questão é fato que nomes como Proudhon, Bakunin, Paul Robin, Louise Michel, Francisco Ferrer, Sébastien Faure, Élisée Reclus, ou seja, aqueles que foram os pioneiros na elaboração de teorias sistemáticas e críticas à escola – seja ela religiosa, privada ou estatal – e os protagonistas de algumas das mais belas e radicais iniciativas pedagógicas inovadoras, permanecem ainda hoje ilustres desconhecidos para professores e estudantes.

Dentre as fundamentais contribuições dos anarquistas à educação na perspectiva “dos de baixo” estão as primeiras experiências de educação popular, de coeducação entre os sexos e de classes, a centralidade do trabalho e seu caráter essencialmente pedagógico, as saídas de campo, a criação de escolas para crianças, jovens e adultos autônomas em seus aspectos pedagógicos, políticos e econômicos, a produção própria de vasto material didático e de métodos anti-autoritários de ensino, a fundação dos centros de cultura, ateneus e bibliotecas vinculadas aos sindicatos, a concomitância do ensino geral com a educação profissional, etc. A lista de inovações e realizações é grande!

Conscientes da necessidade de suprir essa lacuna, o resgate desse legado tem sido, em grande medida, obra dos próprios

3 Há uma tradução de trechos de escritos de Sébastien Faure sobre *A Colmeia* no livro organizado por F. G. Moriyón, publicado pela Artmed de Porto Alegre em 1989 intitulado “Educação Libertária”. Hoje a obra está esgotada e nunca ganhou uma reedição.

anarquistas. É com essa perspectiva que militantes e pesquisadores, individual ou coletivamente, vêm trabalhando constantemente no resgate da memória das práticas libertárias; buscando a reafirmação de suas ricas experimentações em diferentes aspectos da vida e a partir de variadas áreas do conhecimento – geografia, história dos trabalhadores, filosofia política, organização social, crítica ao capitalismo, etc.

No campo da educação vemos um lento e consistente processo de redescoberta dos pensadores e experiências anarquistas sendo alimentado por esparsas mas significativas produções – pesquisas, organização de arquivos, reimpressão de documentos, publicação de antologias, etc – que ampliam as possibilidades de um (re)encontro com as bandeiras históricas da classe trabalhadora e dos explorados pela criação de uma nova educação que atenda a seus interesses e seja, ao mesmo tempo, parte da sua luta pela emancipação social, política e econômica.

É com o objetivo de contribuir com o esforço de resgate desse legado, e ao mesmo tempo possibilitar aos pesquisadores, educadores e interessados no tema o acesso à história da Educação Libertária, que comemoramos a reedição brasileira, quase 100 anos após a original, da obra que descreve uma das mais ricas experiências educativas e comunitárias já realizadas pelos anarquistas: *A Colmeia*. Escrita há quase um século por seu fundador e “diretor”, Sébastien Faure, um dos mais célebres militantes anarquistas da Europa naquele período.

Com essa nova edição, cuidadosamente editada pela Biblioteca Terra Livre, poderemos finalmente observar se a ausência do pensamento educacional anarquista e suas experiências nos currículos oficiais das universidades tem sua origem no desconhecimento e na ignorância de textos em português ou em algum tipo de silenciamento deliberado e intencional das práticas autônomas e anti-estatais de educação.

Mas afinal, por que a A Colmeia é uma das mais importantes experiências educacionais de que se tem notícia? Fundamentalmente porque tornou-se uma referência para o pensamento educacional libertário, ao colocar em prática com enorme êxito, por mais de uma década (14 anos!), uma pedagogia baseada nos princípios ácratas da Educação Integral, Autogestão, Cooperação, Autonomia Individual e Apoio Mútuo. Teve encerradas suas atividades somente por ocasião da eclosão da primeira guerra mundial na Europa.

Muito mais que uma “escola”, A Colmeia tornou-se uma cooperativa integral, auto-sustentada, na qual o saber e o conhecimento estavam intrinsecamente vinculados à prática, ou seja, à criação dos próprios meios necessários para a sua existência autônoma, principalmente em relação ao Estado ou qualquer outra instituição que a tutelasse.

Em que consiste, então, a experiência de A Colmeia e qual sua importância para a história da educação e para as práticas pedagógicas contemporâneas? A resposta está nas páginas desta obra cuja história se confunde com a de seu próprio criador.

Sébastien Faure (1858-1942), o fundador e principal impulsionador de A Colmeia, iniciou sua carreira política candidatando-se ao parlamento pelo Partido Socialista em 1885, abandonando-o alguns anos depois para filiar-se ao ideal anarquista. Colaborou com textos em muitas publicações anarquistas e foi fundador dos periódicos *Le Libertaire*, junto a Louise Michel, e *Ce qui il faut dire*. Escreveu livros e proferiu conferências de propaganda libertária, idealizou a *Encyclopédie Anarchiste* na década de 1920 e foi, sem dúvida, um dos grandes militantes e teóricos do anarquismo francês.

Mas foi como diretor da experiência educativa A Colmeia que tornou-se conhecido como um importante realizador no campo da pedagogia e da educação integral. Fundada nos arre-

dores de Paris, mais exatamente em Rambouillet, A Colmeia é muito mais que uma escola libertária, laica e livre. Constituiu-se como um espaço de vida comunitária libertária, onde crianças e adultos viviam numa propriedade rural, numa verdadeira comunidade educativa autogestionada e com orientação cooperativista. Funcionou de 1904 a 1917 numa área de 25 hectares de bosque e abrigava, aproximadamente, 40 crianças.

Nas páginas do presente livro Faure diz que

a educação deve ter por objeto e por resultado formar seres tão completos quanto seja possível, capazes de ir mais além de suas especialidades cotidianas, quando as circunstâncias ou as necessidades o permitam ou o exijam: os trabalhadores manuais, de abordar o estudo de um problema científico, de apreciar uma obra de arte, de conceber ou de executar um plano, até mesmo de participar a uma discussão filosófica; os trabalhadores intelectuais, de pôr a mão à massa, de se servirem com destreza dos seus braços, de fazerem, na fábrica ou nos campos, um papel decente e um trabalho útil (p. 109).

E foi assim que tentou “colocar em circulação alguns indivíduos desta espécie” através da educação integral, associando o ensino técnico e profissional com a formação científica e intelectual. O francês criticou fortemente a divisão entre os teóricos e práticos, entre trabalho intelectual e braçal, ou, em resumo, entre os burgueses e os operários. Uma nova relação professor-estudante impõe-se na realização da Educação Integral: “o papel do ensino é conduzir ao máximo desenvolvimento todas as faculdades da criança: físicas, intelectuais e morais” e o “dever do educador consiste em favorecer o pleno desenvolvimento deste conjunto de energias e de aptidões que se encontram em todos” (p.107). E longe de acreditar ou exigir na oferta de tal sorte de educação pelo Estado, Faure determina categoricamente, com

tremenda lucidez, que “unicamente fora da escola pública, oficial, é que se funda uma escola absolutamente livre” (p. 163).

A autonomia financeira como premissa fundamental para a autonomia pedagógica sempre esteve no centro do projeto d'A Colmeia. Da mesma forma, a autonomia em relação ao Estado também foi uma batalha travada e vencida por Faure. Nesta obra, Faure anexa os documentos que mostram a tentativa do Estado de controlar o “estabelecimento escolar”. Em resposta, Faure utilizava de forma genial a própria lei francesa que dava autonomia de educação para as famílias, argumentando que A Colmeia não era uma *escola*, mas uma *família* que garantia educação para seus filhos. Assim, não fazia mais do que demonstrar o que ela realmente era. Uma família de aprendizagem, voltada principalmente para filhos de operários e órfãos, perfil das crianças que viviam n'A Colmeia. Por não ser propriamente nem uma escola, nem um orfanato, mas sim uma “grande família libertária”, ela possui características de um altruísmo, solidariedade e apoio mútuo extremos (talvez baseados no senso de pertencimento e comunidade por todos – crianças e adultos – morarem e viverem no mesmo local).

O sistema de Educação Integral se realizava ali a partir das diversas oficinas que cumpriam uma tripla função: ensinava as diversas técnicas como carpintaria, ferraria, costura e encadernação, com vistas à formação das crianças; garantia a economia na aquisição de materiais (móveis, roupas, material didático) que eram produzidos pelos próprios os alunos; e por fim, podiam ser comercializados com sindicatos e associações simpatizantes da educação anarquista como forma de arrecadação complementar de fundos para sua manutenção.

Faure realizou diversas turnês em que proferia conferências que tinham como objetivo difundir o ideal anarquista e arrecadar fundos para os projetos que tinha em mente. Sabe-se que

teria investido boa parte de seu dinheiro ganho como palestrante na “escola”. Assim, podemos afirmar que havia autonomia financeira e um sistema de autogestão dos recursos econômicos. Sem dúvida uma das mais importantes garantias de liberdade e autonomia pedagógica e política que uma escola pode ter.

No aspecto pedagógico, o conceito de “aprender a aprender” - consigna tão em voga hoje em dia entre os pedagogos considerados progressistas - torna-se a ideia-força da metodologia de ensino proposta, após um primeiro período de “borboletear” pelas classes e oficinas. Segundo escritos do próprio Faure na década de 1910, deve-se abandonar o método tradicional – dedutivo – e implantar aquele que faz com que o aluno adquira papel mais importante no processo de ensino-aprendizagem, preponderante tanto em relação ao professor quanto ao conteúdo: o método indutivo. A partir da observação da realidade, é o estudante quem observa, pesquisa, classifica e generaliza sob uma simples direção do professor que serve mais para estimulá-lo e não deixá-lo desistir frente aos insucessos. Segundo Faure, o método dedutivo é dogmático e um ato de fé e o estudante acredita; já o método indutivo “abandona todo credo, só leva em conta as coisas concretas, vivas, vistas, necessita de observação, apela para o espírito crítico, apoia-se na experimentação, comporta a verificação, o controle, exige o exercício racional e constante do livre exame”. O ensino racional deve caminhar sempre do simples ao composto, do concreto ao abstrato, da unidade ao número e assim por diante. O contrário é um ato de fé e, portanto, religioso.

Faure acreditava que os pequenos não são um reflexo dos adultos, por isso a criança deve ser ela mesma, sempre. Aqui há uma influência da psicologia ao tratar da necessidade dos pais e educadores se refletirem nas crianças, de formar o aluno ou filho à sua imagem, o que é para ele condenável e deve ser evitado. Quanto à coeducação de sexos que era praticada na escola, Faure

a defende pelos mesmos argumentos que os demais pedagogos anarquistas, adicionando que lá todos colaboram nos mesmos trabalhos e que a vida é igual para todos.

Também aboliu os sistemas de classificação baseados em recompensas e castigos, que só estimulariam a competição em detrimento da solidariedade entre os estudantes, pois observava que aqueles formados no sistema tradicional classificatório das inteligências, quando adentrarem na sociedade, vão se acotovelarem para estar sempre em primeiro lugar.

A educação moral também está sempre presente, pois para Faure, “em matéria de educação, o regime da liberdade comporta riscos e inconvenientes” mas o regime da obrigação carrega em si ainda mais e piores riscos e inconvenientes. No que diz respeito à primeira refere-se, basicamente, à segurança da criança, já a segunda causa efeitos psicológicos duradouros nos pequenos. Ao final, “levando em conta as reservas que dita a prudência e que exigem o cuidado do interesse da criança e de sua segurança, o regime de liberdade só dá bons resultados”. E essa liberdade concretizava-se quando Faure e seus colaboradores faziam com que a criança deixasse “de ser um bem, um objeto, uma propriedade da Religião ou do Estado” e passasse a ser “dona de si mesma”, segura de que ali encontraria “o pão, o saber e a ternura, que necessitam seu corpo, seu cérebro e seu coração” (p. 22).

Nos opúsculos escritos por Sébastien Faure havia uma tentativa de registrar a história, a rotina, a administração, enfim, o cotidiano da experimentação pedagógica-comunitária colocada marcha em Rambouillet. A presente obra é um exemplo disso. E esse formato permite-nos acessar detalhes importantes para a compreensão da obra educativa e de seu contexto. Podemos notar, em linhas gerais, a consonância de sua prática com o proposto pelos “clássicos” do anarquismo e, é claro, alguns avanços em sua escrita sincera. O livro é de fácil leitura e apresenta, em

formato de relato próximo aos diários, a visão de Sébastien Faure sobre A Colmeia. Nessas sinceras linhas vemos saltar toda a humanidade do velho militante e “diretor”, apresentando e comemorando as vitórias e as realizações da comunidade, bem como expondo os desafios e as dificuldades, sem omitir erros e acertos. A compreensão do alcance histórico da experiência aparece claramente, assim como o reconhecimento de sua limitação. Curiosa é a confissão de uma de suas preocupações: “Já não estou mais nos dias da minha juventude, chego à idade em que as forças começam a diminuir”. Encontrou ainda muitas energias para seguir na militância anarquista e poder fazer muito mais pela difusão de seus ideais antes de seu falecimento em 1942.

A Colmeia encerrou suas atividades após mais de uma década de funcionamento. Os motivos não foram de ordem interna, ou seja, a comunidade vivia seu melhor momento em 1914, ano em que eclode a Primeira Grande Guerra. A pressão do governo francês e da sociedade para os esforços de guerra tornaram-se obstáculos insuperáveis para a sobrevivência daquele modelo educativo em Rambouillet. Como o próprio Faure escreveu, “foi a Guerra que matou A Colmeia”. Em texto da *Encyclopédie Anarchiste*, publicada em 1934, Faure afirma:

A Guerra infame e maldita matou A Colmeia (ela matou tantas pessoas e tantas coisas). Só o produto de minhas conferências a fazia viver, e, durante as hostilidades, era ordenado a uns matar ou fazer-se matar, e proibido aos outros falar. Durante o tempo que pudemos, prolongamos, meus colaboradores, nossas crianças e eu, a existência d'A Colmeia, conquanto essa existência tivesse se tornado cada vez mais difícil e precária.

A Colmeia fechou suas portas em 1917 ao final da Grande Guerra.

*
* *

Passados mais de cem anos o que se mantém como referência da experiência d'A Colmeia para os desafios de uma Educação Libertária do Século XXI?

Reconhecendo que cada experiência é única e irrepetível, assim como não se pode desconsiderar as circunstâncias e contextos históricos singulares que permitiram sua realização, é inegável que a Educação Libertária realizada n'A Colmeia esteve e ainda está a frente do nosso tempo no que diz respeito às teorias e práticas que propôs e realizou em termos de educação. Ainda hoje a educação predominante tem como função realizar os objetivos do Estado e do capital. Para isso sua meta é o disciplinamento dos corpos, o controle da vida individual, o adestramento para formatar autômatos, meras peças da engrenagem produtivista. A Colmeia foi e permanece sendo uma referência de prática antagônica a esse paradigma estatal/capitalista de ensino. Faure e seus colaboradores imaginaram e realizaram educação livre para indivíduos livres na perspectiva de uma sociabilidade livre.

É seguindo essa perspectiva e na esteira das referências dos educadores anarquistas do passado que renovamos hoje essa prática com novas formas de ação direta no campo da educação, criando nossos próprios espaços educativos, não-formais, horizontais e fora dos muros da universidade. Salutares exemplos dessa prática nos dias de hoje são os grupos de estudos que se proliferam de norte a sul do país. Nesses grupos é possível ter a liberdade de experimentar a auto-formação, o apoio mútuo e a horizontalidade aplicados à educação. Foi através deles que muitos de nós puderam ter contato com a pedagogia libertária – na teoria e na prática. Ali conhecemos e nos aprofundamos no

estudo da vida e da obra de Sébastien Faure e nos encantamos com a rica e inspiradora experiência educacional por ele realizada entre na França⁴.

Como anarquistas, somos parte desse processo de construção de uma Educação como ação direta, uma Educação como exercício prático de liberdade, a partir do método que os libertários denominaram de Educação Integral: um ensino livre, laico, que permitisse o acesso de todos ao saber e ao conhecimento produzido pela humanidade. Uma educação que ainda hoje influencia aqueles apaixonados pela liberdade da criança e pela pedagogia libertária.

Talvez esteja aí a explicação mais coerente do porquê a educação libertária e suas experiências emblemáticas permanecem “esquecidas” pela pedagogia “oficial”. São perigosas, como sempre foram, para o *status quo*.

Esperamos, para concluir, que o leitor possa também sentir-se tão sensibilizado e renovado após a leitura deste livro como nós e que se reconheça nas palavras e na utopia realizada de Faure, em especial quando escreveu as seguintes palavras: “a escola cristã, é a de ontem; a escola laica, é a de hoje; A Colmeia, é, a partir de agora, a do amanhã”. Professores e estudantes: renovemos nossas esperanças e coloquemos as mãos à obra para que muitas novas Colmeias libertárias, as “escolas do amanhã”, sejam criadas e recriadas hoje, em qualquer parte do mundo, em pleno século XXI.

4 Nos referimos, em especial, ao Grupo de Estudos Anarquismo e Educação da Biblioteca Terra Livre (São Paulo) - <http://biblioteca-terralivre.noblogs.org/grupos-de-estudos/anarquismo-e-educacao/> - e ao Grupo de Estudos Educação Libertária (Pelotas) - <http://libertariosufpel.blogspot.com.br/>

282
SEBASTIÃO FAURE

"LA RUCHE"

(A COLMEIA)

O seu fim — A sua organização — O seu
alcance social — Monographia completa

Traduzido e editado por

ANTONIO BERNARDO CANELLAS



Preço 500 réis

BREVES INDICAÇÕES

Esta obra de solidariedade e de educação, localizada em Rambouillet (Seine-et-Oise, França), foi fundada e é dirigida por Sébastien Faure.

Educa a mais de quarenta crianças de ambos os sexos.

Não há qualificações: nem castigos, nem recompensas.

SEU PROGRAMA

Mediante a vida ao ar livre, uma dieta regular, higiene, limpeza, passeios, esportes e atividades, formamos seres sãos, vigorosos e belos.

Mediante um ensino racional, pelo estudo atraente, pela observação, o debate e o espírito crítico, formamos inteligências cultivadas.

Pelo exemplo, a doçura, a persuasão e a ternura, formamos consciências retas, vontades firmes e corações afetuosos.

relações c/ o mundo

A Colmeia não é subvencionada nem pelo Estado, nem pela província, nem pelo município. São as pessoas com coração e inteligência que contribuem conosco, cada um na medida de suas possibilidades.

AS TRÊS ESCOLAS

No momento em que na França dois tipos de escolas disputam o coração e a inteligência de nossas crianças e se entregam a um combate encarniçado, cujo resultado mais claro até aqui, consiste em ressaltar aos olhos dos menos prevenidos, as degenerações, as imperfeições e as insuficiências de uma e outra, é particularmente útil que se crie uma terceira escola.

A escola cristã, é a de ontem; a escola laica, é a de hoje; A Colmeia, é, a partir de agora, a do amanhã.

A escola cristã, é a escola do passado, organizada pela Igreja e para ela; a escola laica, é a escola do presente, organizada pelo Estado e para ele; A Colmeia é a escola do futuro, a escola em si, organizada para a criança, de tal maneira que, deixando de ser um bem, um objeto, uma propriedade da Religião ou do Estado, seja dona de si mesma e encontre na escola o pão, o saber e a ternura, que necessitam seu corpo, seu cérebro e seu coração.

O BOLETIM D'A COLMEIA

Desde 10 de março de 1914, La Ruche publica um órgão quinzenal: *O Boletim d'A Colmeia*. A subscrição é de 4 francos por ano para a França, de 5 francos para o exterior. Para informações, entre em contato com a gráfica da La Ruche, Rambouillet.

A COLMEIA

**Uma obra de solidariedade
Um experimento de educação
Dez anos de existência**

INTRODUÇÃO

Este texto foi redigido e ia ser publicada quando estourou a guerra. Sem dúvida, um mal momento para colocá-lo em circulação.

Ansiosos, os espíritos estão absorvidos pela ideia fixa dos combates que se desenrolam, da horrível carnificina que se desenvolve nos campos de morte onde se extermina centenas de milhões de homens, da formidável aposta que está em jogo nesta luta sem precedentes em uma história tão rica em massacres e atrocidades.

Em primeiro lugar, teme-se que, em virtude desta tragédia, da qual, com razão, todos acompanham interessadamente e sem descanso as dramáticas peripécias, este texto passe despercebido.

Isso seria, todavia, um problema menor, já que essa edição só poderá ser publicada quando a guerra terminar¹.

Porém, teme-se uma coisa mais grave, que A Colmeia não possa resistir às duras provações desta guerra monstruosa, que ela

¹ Esperamos, efetivamente, para a publicar, que a vida normal tenha retomado o seu curso e que os espíritos voltem à calma necessária.

sucumba antes do fim desta tormenta e que assim esta exposição d'A Colmeia, de suas origens, do seu mecanismo interior, da sua situação atual, da sua significação social, do seu porvir e do seu objetivo nada mais seja, na realidade, que um estudo necrológico sem grande interesse.

Com efeito, em consequência das circunstâncias, cujas possibilidades de materializar-se, mesmo à véspera das hostilidades, não queríamos crer, fomos bruscamente lançados em uma situação alarmante.

Muitos dos meus colaboradores foram convocados; as nossas oficinas estão paradas: todo o trabalho para o exterior está suspenso e não posso sonhar em fazer conferências. Os nossos recursos são quase nulos.

Mandar as nossas crianças embora é um extremo com o qual só me conformarei se for impossível evitar. Uns, são órfãos de pai e mãe; outros perderam sua mãe e o seu pai está nas fileiras do exército, sendo, pois, como se também fossem órfãos; outros, enfim, já não tem seu pai e só lhes resta a mãe, a qual está encarregada de outras crianças pequenas e ficaria exposta a todas as privações.

Mandar embora as nossas crianças seria, por conseguinte, atirá-las à rua, expô-las ao abandono, condená-las às mais penosas privações.

De modo que tomei a resolução de mantê-las e as mantenho.

Atualmente, a horta e os campos fornecem-nos em grande parte os recursos alimentares indispensáveis. Por outro lado, já estamos fazendo raционamentos - como era prudente fazê-lo.

Mas, se a guerra se prolongar - é o que tememos! - que faremos?

Quando se aproximar o inverno e os nossos recursos e nossas provisões estiverem esgotados, quando for necessário roupas e calçados quentes, quando for necessário manter por toda a parte estufas acesas e ter iluminação a partir das 4 ou 5 horas da tar-

de, quando for preciso tudo comprar e tudo pagar ao contador, como viveremos?

As nossas crianças, que serão delas?

Que será d'A Colmeia se, para serem pagos tudo que se deve e o que então lhes for devido, os proprietários e os fornecedores nos obriguem a vender tudo?

Que ficará desta obra que, depois de cerca de dez anos, tem absorvido tantas energias e recursos, tem suscitado tantas simpatias e tantas esperanças? O que ficará dos esforços realizados, das lutas sustentadas, dos sonhos abrigados, dos projetos alimentados com tanto entusiasmo e devoção?

Ah! Que tristeza para mim, para os meus colaboradores, para as nossas crianças, para todos os nossos amigos se, desta Colmeia ainda ontem tão ativa, animada e fraternal, tão alegre, suas abelhas se dispersarem aos quatro ventos?

Se esta catástrofe acontecer, terei, com a chegada da paz, a temeridade e a força para recomeçar de novo?

Não importa!

É necessário que este livro apareça, que não seja a única coisa d'A Colmeia que permaneça.

A sua leitura fará conhecer o que um homem, apoiado por alguns amigos, tentou e realizou; ela informará aos homens de amanhã sobre a obra de solidariedade e a experiência de educação que foi A Colmeia; ela inspirará provavelmente os espíritos nobres e corações generosos a vontade de imitar este exemplo e de retomar este trabalho no ponto onde ele foi abandonado.

Portanto, assim, momentaneamente submergidos pela torrente de lágrimas e de sangue desencadeada pela guerra, A Colmeia voltará a surgir à superfície e retomará sua obra pacífica e fecunda.

Sébastien Faure

Rambouillet (França) 1º de setembro de 1914

COM QUE FIM E COMO FUNDEI A COLMEIA

Há cerca de vinte e cinco anos, faço conferências no sentido de propagar as convicções que me animam e os sentimentos que me são caros.

Favorecido pelas circunstâncias, tive a sorte de conquistar pouco a pouco uma certa notoriedade. Adquiri, por assim dizer, uma clientela numerosa de ouvintes na maior parte das cidades que visito periodicamente e não é raro que, por grandes que sejam, as salas para as quais convido o publico a vir me ouvir, sejam ainda pequenas.

Na porta, cobro um ingresso. Uma vez pagos os meus gastos (viagem, sala, publicidade etc.), resta-me um saldo apreciável e esses benefícios adicionais representam, anualmente, uma soma bastante grande.

Perguntei muito naturalmente a mim mesmo o que convinha fazer com esse dinheiro que minha propaganda proporcionava.

Teria podido, considerando que o ganhei honestamente, guardá-lo para mim. É um erro grosseiro e uma injustiça o de recusar ao orador o direito de viver dos seus discursos; ao confe-

rencista o direito de viver de suas conferências, da mesma forma que vivem da tarefa que realizam todos os que trabalham: os professores, do ensino que ministram; os jornalistas, dos artigos que escrevem; os médicos, das doenças que tratam; os advogados, das causas que defendem; os operários, do trabalho que executam.

Teria, pois, podido, sem escrúpulos e em pleno direito, guardar para mim os recursos que me produziam as minhas conferências.

Mas, constantemente preocupado com o trabalho a ser realizado pelos militantes junto à multidão ignorante do nosso ideal, poderia eu conservar todo ou uma parte deste dinheiro que se necessita a todo instante e em todas as circunstâncias?

Há uma multidão de pessoas - uma ampla maioria - sem convicções, sem ideal, que não têm mais que uma preocupação: enriquecer-se ou, em todos os casos, economizar para os seus dias de velhice.

Não encontraremos nenhum militante autêntico que tenha esta preocupação. O militante avança, totalmente vigilante, em direção ao seu sonho. Como não tem outra paixão ardente senão aquela que o move incessantemente na direção do fim que voluntariamente traçou, ele não conserva o dinheiro senão na medida em que este lhe é indispensável para a realização do seu sonho, para a consecução do seu objetivo.

Durante quinze anos, fiz como todos os meus amigos: empreguei tudo o que ganhava nas obras de propaganda, nas campanhas de agitação, no esforço de educação, nos gestos de solidariedade que espereitam e solicitam a cada passo o educador de multidões.

Contudo, chegou um dia em que, durante uma dessas paradas que trazem um pouco de calma à marcha febril do apóstolo e lhe dão o repouso momentâneo cuja necessidade se impõe, examinei, tranquilo e de sangue-frio, se fazia o melhor uso, quer

dizer, o mais fecundo, dos recursos postos à minha disposição pelas minhas conferências.

De reflexão em reflexão, fui levado a considerar que seria preferível concentrar em uma obra única todas as somas que, até então, havia desperdiçado ao acaso das circunstâncias, das necessidades ou das solicitações.

Isto posto, não me restava mais que definir a natureza e o caráter desta obra única.

Contudo, através da minha já longa carreira de propagandista, havia chegado a duas constatações:

Primeira constatação: de todas as objeções que se opõem à aceitação de uma humanidade livre e fraternal, a mais frequente e a que aparece como a mais tenaz, é a de que o ser humano é profunda e irredutivelmente perverso, vicioso, mau; e que o desenvolvimento de um meio livre e fraternal, implica a necessidade de indivíduos dignos, justos, ativos e solidários. A existência de um tal meio, essencialmente contrário à natureza humana, portanto, é e será sempre impossível.

Segunda constatação: quando se trata de pessoas que chegaram à velhice ou simplesmente à idade madura, é quase impossível, e quando se trata de adultos que atingem a idade de vinte e cinco a trinta anos sem experimentar a necessidade de se envolver nas lutas sociais da sua época, é muito difícil tentar com sucesso a obra desejável e necessária da educação e da conversão: pelo contrário, nada é mais fácil que conseguir isso sobre os seres ainda jovens: as crianças de coração limpo, de cérebro novo, de vontade flexível e maleável.

Acabaram-se as dúvidas: havia encontrado a obra que haveria de fundar.

Tratava-se de reunir de 20 a 25 crianças em um amplo círculo familiar e de criar com elas um meio especial onde se viveria, na medida do possível, desde já, ainda que encravada na sociedade

atual, uma vida livre e fraternal: cada qual aportando ao dito círculo familiar, segundo a sua idade, as suas forças e as suas aptidões, a sua quota de esforços, e cada qual tomando do todo, alimentado pela contribuição comum, sua parte proporcional de satisfação.

Os grandes contribuindo para o grupo familiar, assim constituído, com o produto do seu trabalho, o fruto da sua experiência, a afeição do seu coração e a nobreza do seu exemplo: os pequenos contribuindo pelo seu lado com o pequeno auxílio de seus braços ainda delicados, com a graça do seu sorriso, a pureza dos seus olhos claros e sensíveis e o encanto dos seus beijos.

Os grandes tornando-se jovens ao contato com as atitudes infantis e ingênuas dos pequenos e os pequenos fazendo-se pouco a pouco sérios e razoáveis ao contato com a seriedade e os gestos laboriosos e da sensatez dos grandes.

Vista desta maneira, esta obra única respondia à dupla preocupação assim formulada:

Preparar as crianças, desde os seus primeiros passos na vida, nas práticas de trabalho, de independência, de dignidade e de solidariedade de uma sociedade livre e fraterna.

Demonstrar, por meio dos fatos, que o indivíduo não é mais que o reflexo e a consequência do meio no qual se desenvolve, tanto vale o meio, tanto valerá o indivíduo e que, à uma educação nova, à exemplos diferentes, às condições de vida ativa, independente, digna e solidária, corresponderá um ser novo - um ser ativo, independente, digno, em uma palavra, contrário a esse triste espetáculo que temos diante de nós.

A sorte estava lançada, minha decisão estava tomada, ia fundar A Colmeia.

Busquei e acabei por encontrar um local do meu agrado; uma fazenda bastante ampla, com uma grande horta, mata, campinas, terras de cultura, perfazendo tudo uma superfície total de

25 hectares e situado a três quilômetros de Rambouillet (Seine-et-Oise), e a quarenta e oito quilômetros de Paris.

Aluguei essa fazenda.

O COMEÇO

Um mês antes da abertura d'A Colmeia, a casa, uma construção bastante vasta, composta de piso térreo e de um andar (sem falar nas dependências destinadas sobretudo aos animais e às colheitas), estava inteiramente vazia.

Não havia lá nem uma cama, nem uma mesa, nem um armário, nem um assento, nem um lençol, nem uma coberta, nem mesmo um prato, nem um copo sequer; só quinze quartos vazios.

Ainda era necessário preparar e tornar quente e macio o ninho que devia abrigar os passarinhos esperados.

E no meu bolso uma soma insignificante: apenas algumas centenas de francos.

O que eu iria fazer, como eu iria resolver o complicado problema de introduzir neste imóvel vazio os objetos estritamente indispensáveis à existência de umas trinta de pessoas, eu não quis me deter demasiado tempo ou muito proximamente nessa questão.

A minha resolução era irrevogável e não ia ter medo das dificuldades e incertezas dessa empreitada.

Sem dúvida, havia um meio de solucioná-las: esperar, economizar e acumular, pouco a pouco, a quantidade necessária por meio das minhas conferências, até a obtenção completa da soma que permitisse cobrir os custos da primeira instalação.

Esta ideia, que podia parecer correta em princípio, no fundo não era aceitável.

Eu sabia que o produto das minhas conferências, como havia ocorrido em anos anteriores, seria consumido no trabalho de propaganda em apoio aos companheiros e as campanhas que surgiam etc...

Cinco anos, dez anos, se passariam assim, ao fim dos quais não teria avançado mais que ao primeiro dia e chegaria ao fim dos meus dias sem conseguir pôr em prática meu plano. Censure-me quem quiser, mas é como lhes digo.

Que fazer, então?

Adiantar-me, comprando a crédito, assumindo dívidas, assinando contratos? Não era muito prudente; mas era bem necessário, à falta de outros meios; e assim decididamente tomei esse caminho, de certa forma uma aventura. Me questionava a mim mesmo, ansiosamente, como chegaria a amortizar a dívida, ao mesmo tempo que cobria os gastos cotidianos, mas eu tinha uma confiança no futuro; o meu impetuoso ardor se acomodava mal com as dúvidas, os retrocessos e o imobilismo produzido pela cautela.

Foi nestas condições que fundei A Colmeia.

Sem querer me desanimar, mas com temor, não sem motivos, das cargas esmagadoras que eu ia assumir, os meus melhores amigos, sem deixar de respaldar essa ideia que me inspirava, não me deixavam de assinalar que previam um fracasso.

Exporei um pouco mais adiante a situação atual d'A Colmeia: veremos se eu tinha razão ou estava equivocado em seguir adiante.

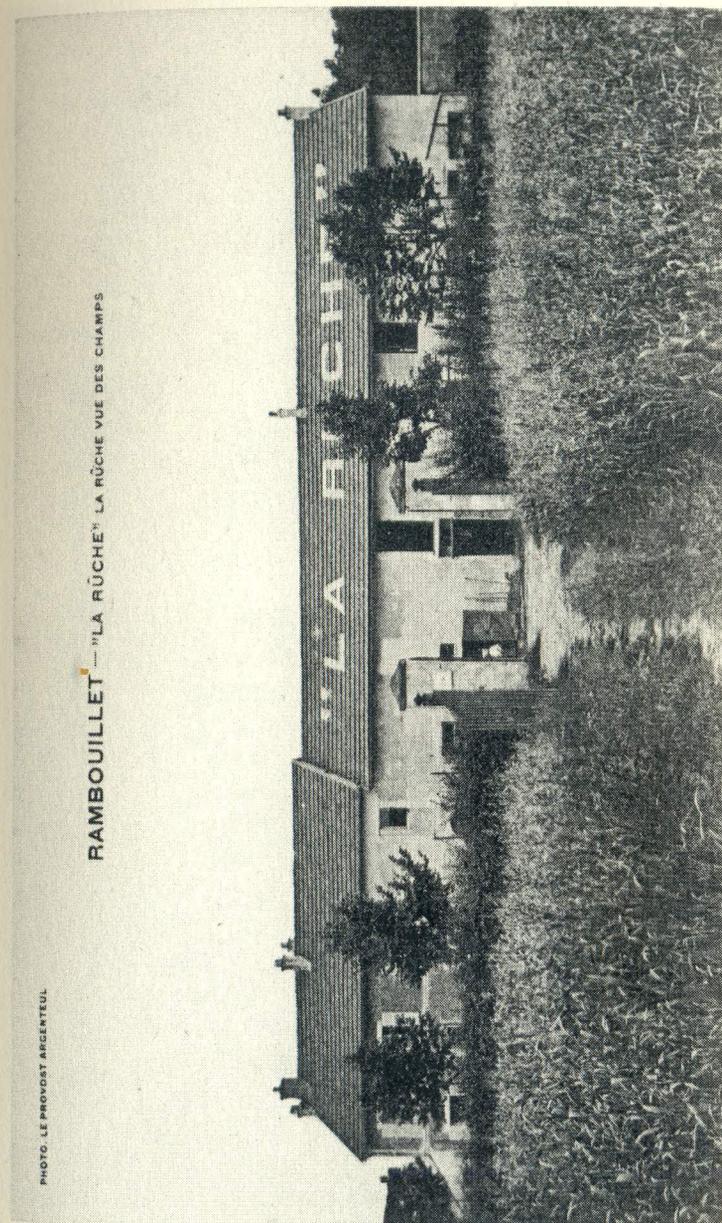
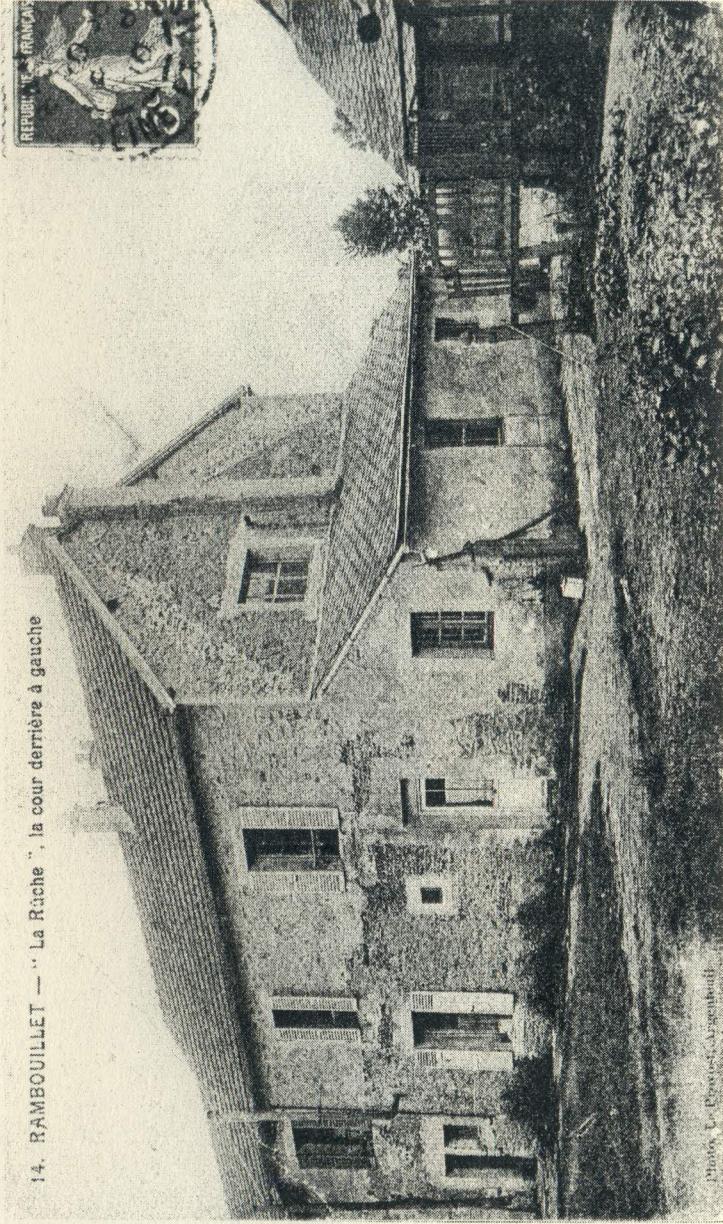


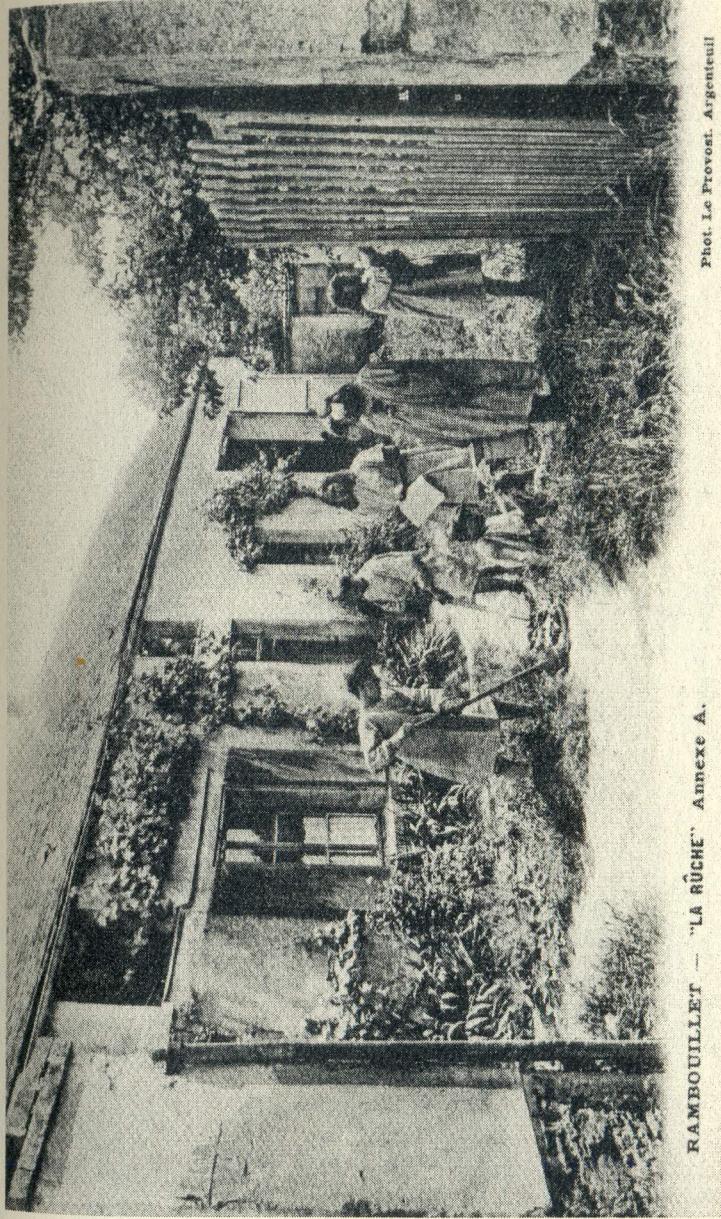
PHOTO. LE PRODIGE ARGENTEL

RAMBOUILLET — "LA RUCHE" LA RUCHE VUE DES CHAMPS

14. RAMBOUILLET — "La Ruche", la cour derrière à gauche

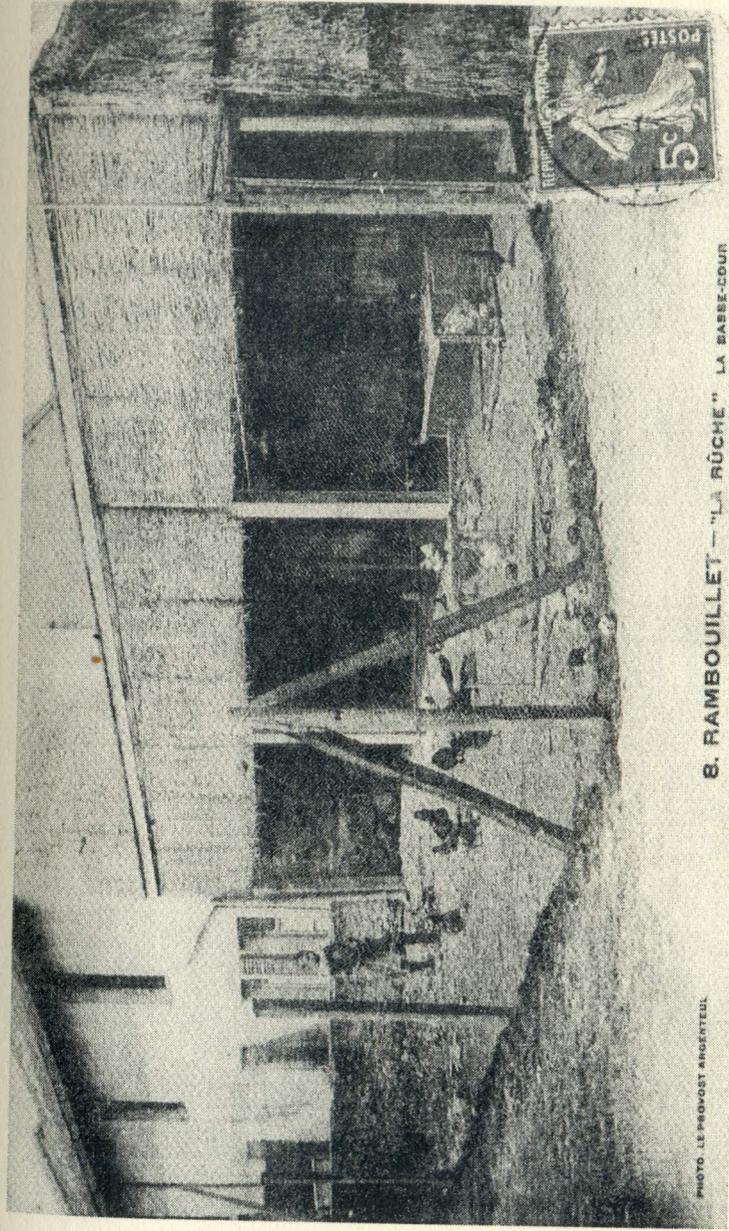
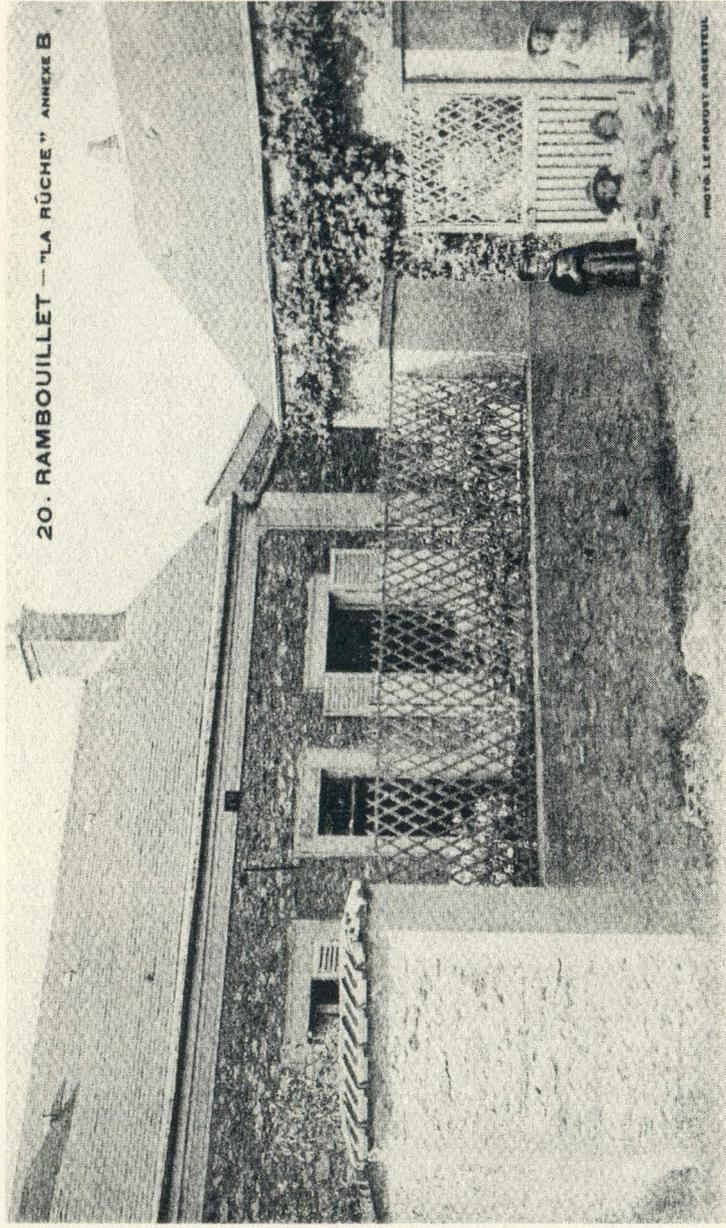


Phot. Le Provost, Argenteuil

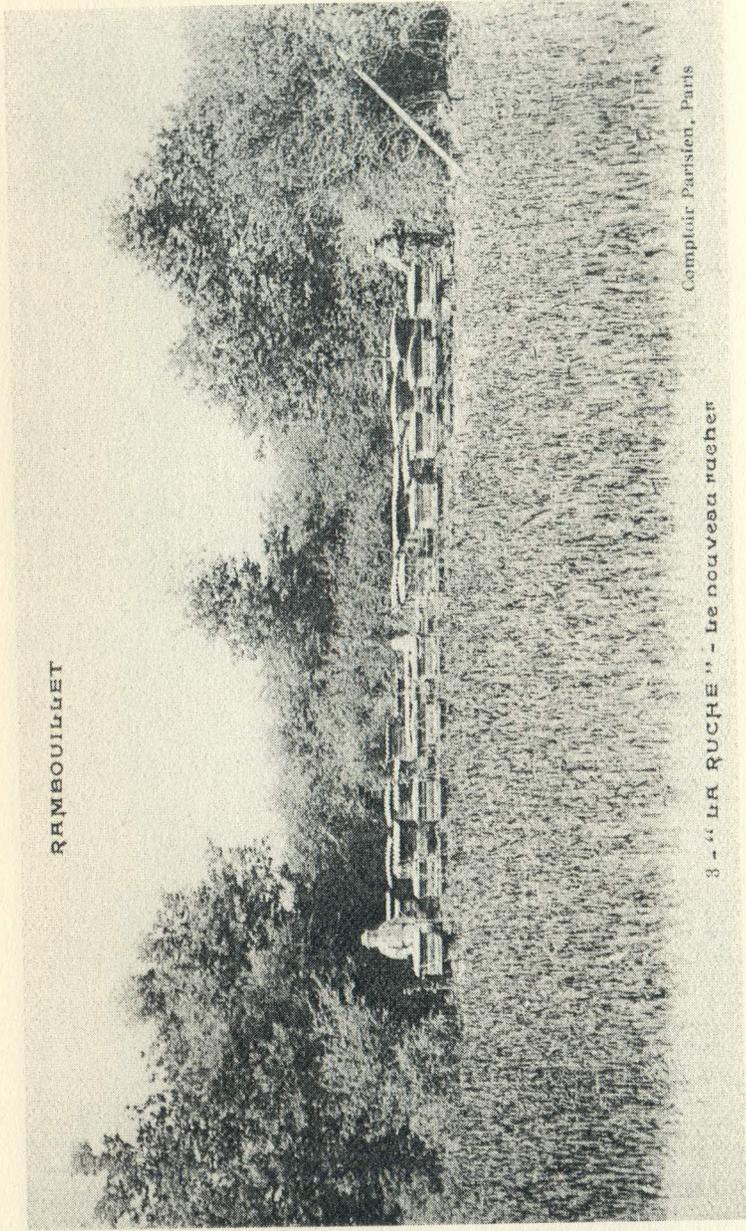


RAMBOUILLET — "LA RUCHE" Annexe A.

Phot. Le Provost, Argenteuil

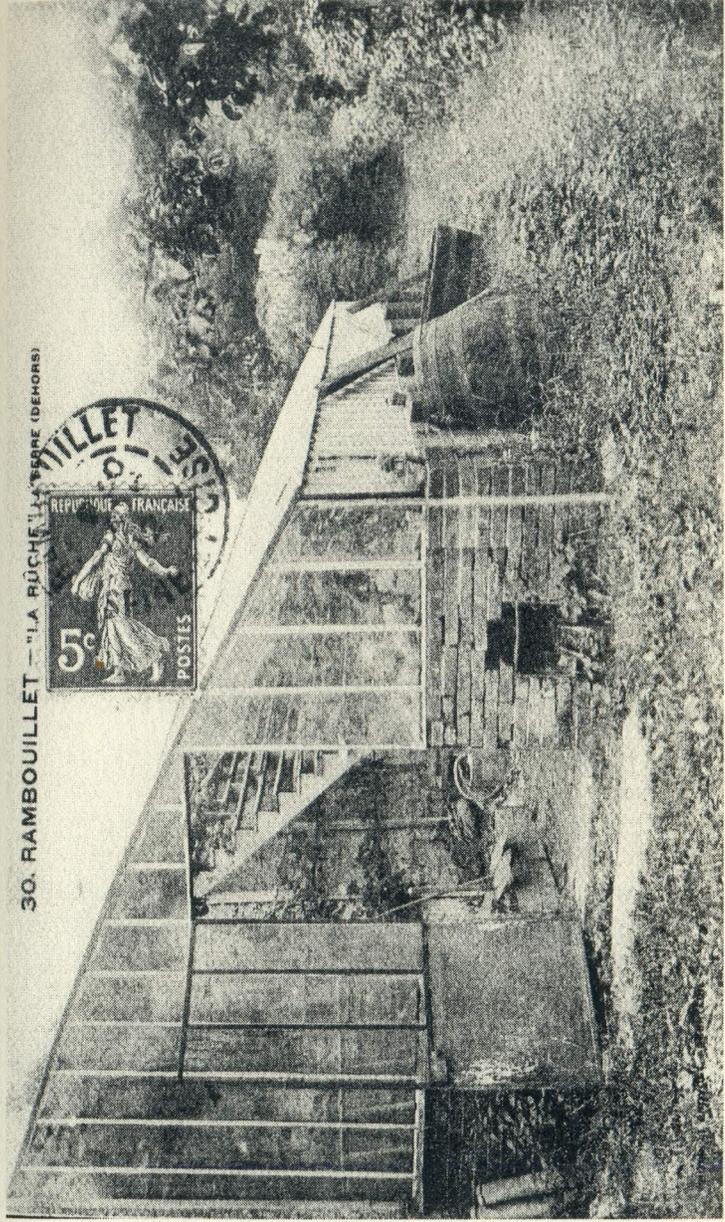


RAMBOUILLET

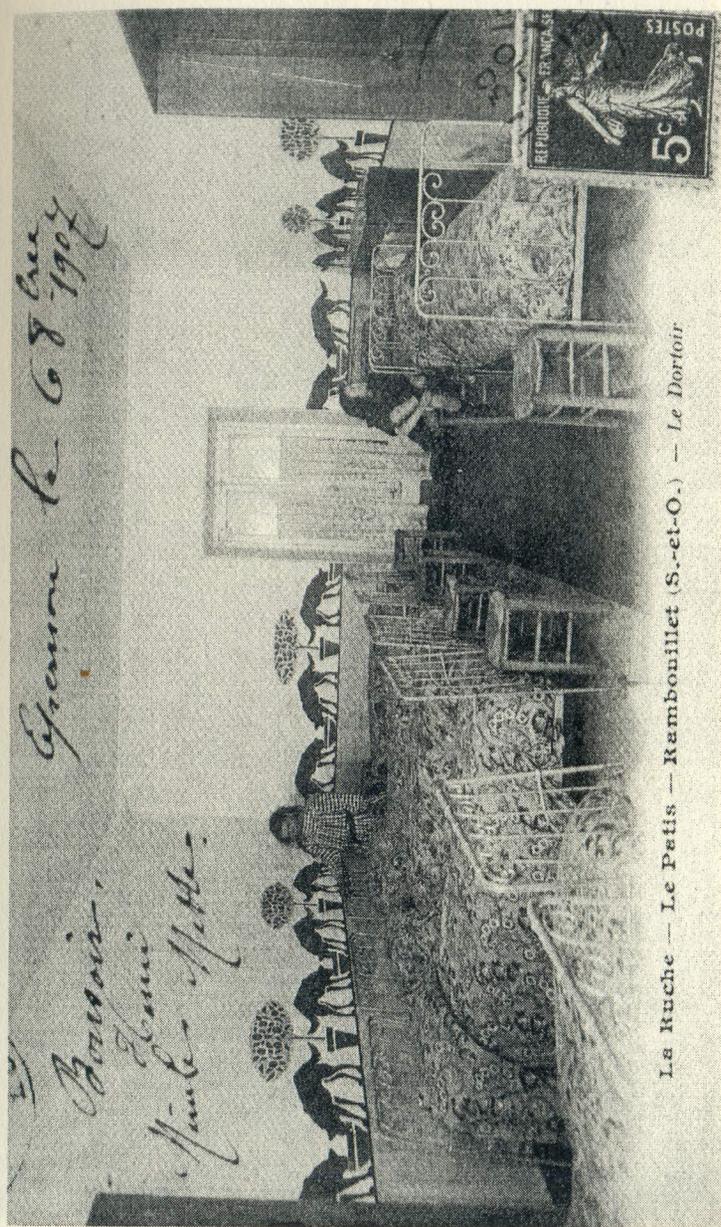
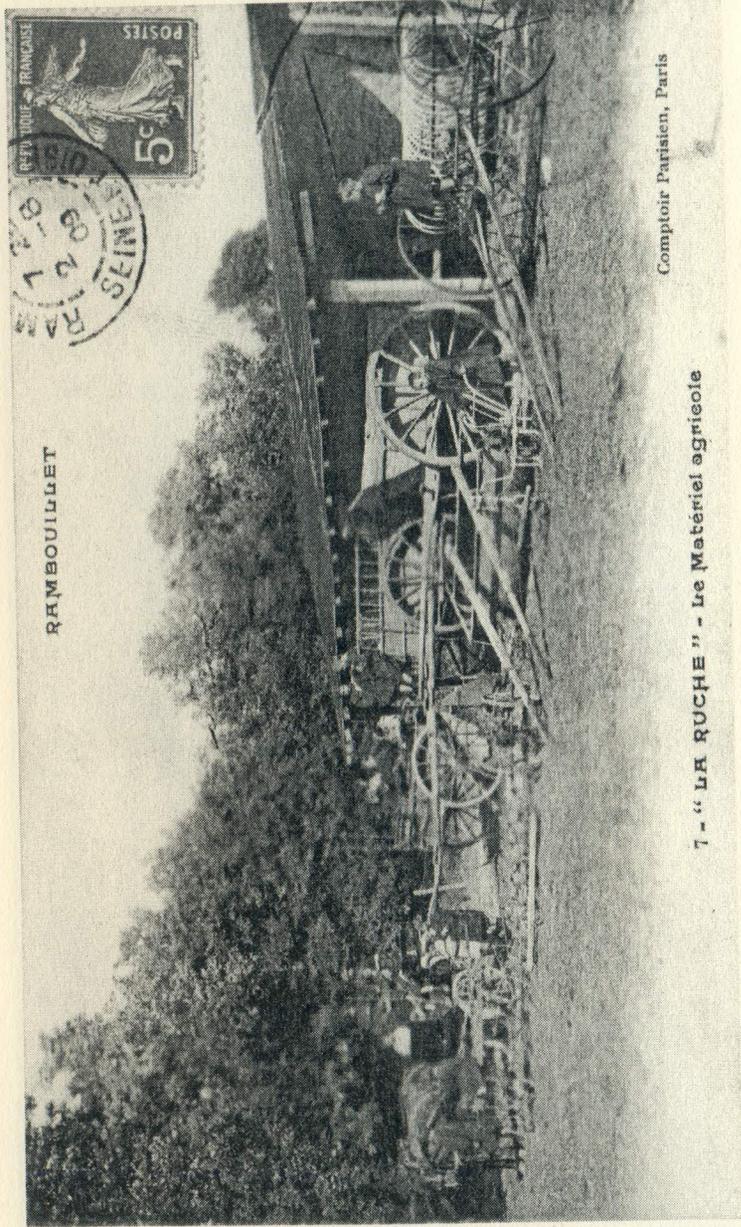


Comptoir Parisien, Paris

3 - " LA RUCHE " - Le nouveau rucher



30. RAMBOUILLET - " LA RUCHE " - Le nouveau rucher (DEHORS)



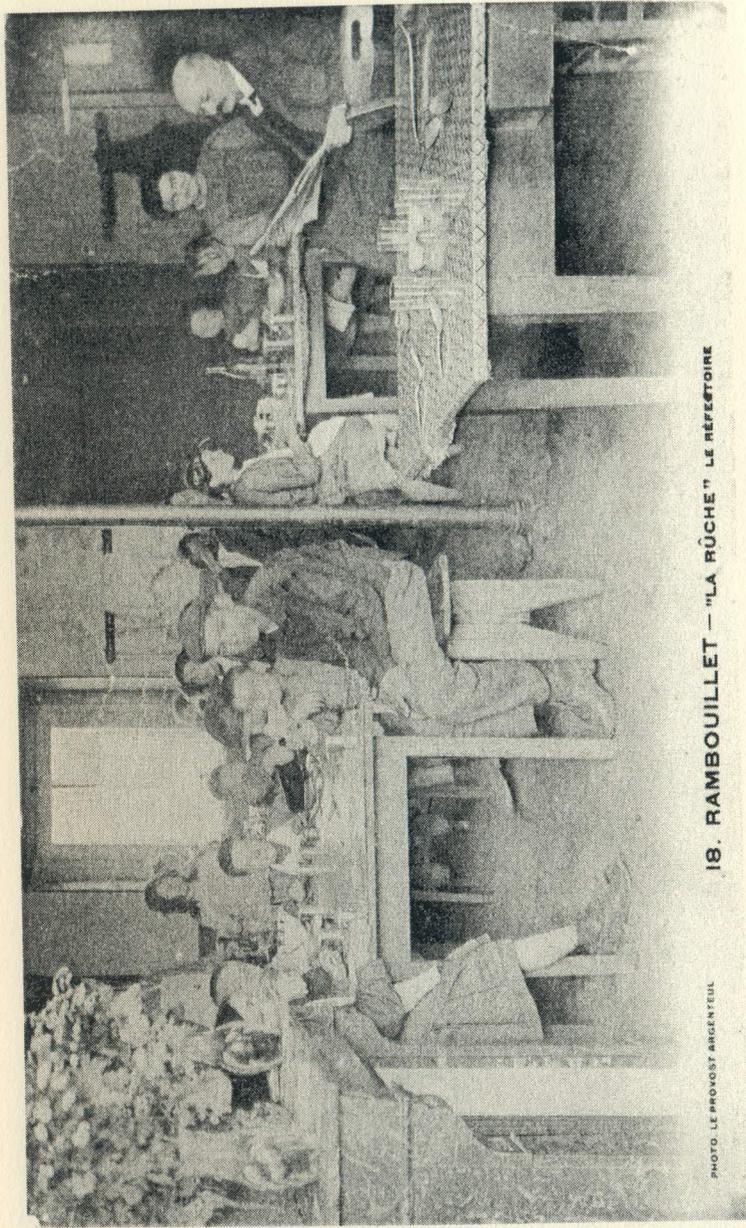
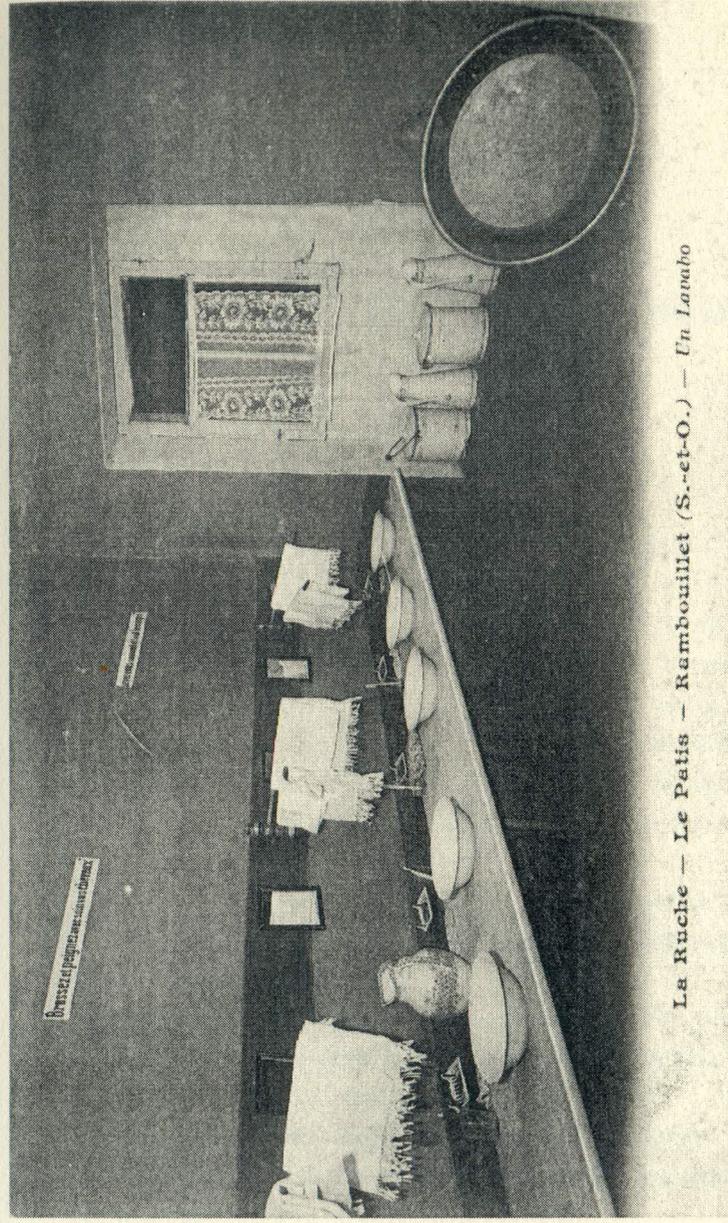


PHOTO. LE PROVOST ARGENTEU

18. RAMBOUILLET — "LA RÛCHE" LE RÉFECTOIRE



La Ruche — Le Patis — Rambouillet (S.-et-O.) — Un Larabo

O QUE É A COLMEIA

A Colmeia não é uma escola. Uma escola é uma instituição fundada com vistas à educação e, falando estritamente, sem nenhum outro objetivo. Os professores vão para lecionar e os alunos para assistir as aulas. Os professores têm a missão de ensinar o que sabem e os estudantes o dever de aprender tudo o que lhes é indispensável e útil saber. Este é, basicamente, o objetivo da escola. A escola está aberta a todas as crianças do mesmo bairro, do mesmo município ou da mesma região. Ela não deve fechar suas portas a ninguém sem um motivo grave e concreto.

Os alunos continuam nas casas de suas famílias, que têm a responsabilidade do seu alojamento, de alimentá-los, de tratá-los quando eles estão doentes etc., etc.

A escola que se encarrega de alojar, alimentar, zelar pela criança, a escola que, em resumo, substitui em certa medida a família da criança, é um internato.

O internato recebe da família da criança, à qual assegura a instrução, a educação, o alojamento e a alimentação, uma mensalidade que cobre o custo de todos esses serviços.

A Colmeia não é um internato e nenhuma criança é nela admitida nem nela se encontra a título "pago". Alguns pais podendo, graças ao seu trabalho, enviar espontaneamente, de uma forma regular ou de tempos em tempos, algum dinheiro à Colmeia, o fazem ao tomar consciência das necessidades. Esses pais têm razão e assumem voluntariamente esse dever. As suas contribuições entram na conta geral d'A Colmeia; a sua criança não é por isso melhor tratada nem mais amada que as outras; não obstante, essas pequenas somas têm por objetivo não deixar que o sustento da criança recaia inteiramente ao encargo d'A Colmeia, e permitem diminuir o meu esforço pessoal.

Finalmente, a Colmeia não é um orfanato. Só temos alguns órfãos, e estes mesmos deixam de sê-lo quando estão conosco.

Para ser um orfanato, era preciso que A Colmeia tivesse uma situação regular, prevista e regulamentada pela lei ou pelos estatutos de uma sociedade constituída legalmente; ou era necessário que ela tivesse ligações com a Assistência Pública que, mediante uma retribuição, lhe confiasse - como ela faz com outras obras - as crianças que tem recolhidas e que continuariam a lhe pertencer.

A Colmeia não é, pois, nem uma escola, nem um internato, nem um orfanato.

AS NOSSAS DISCUSSÕES COM A INSPEÇÃO ACADÊMICA

Insisto sobre o ponto anterior, tanto para especificar claramente a natureza particular d'A Colmeia, como para tornar compreensíveis as razões pelas quais ela tem sido sempre e continuará absolutamente independente dos Poderes Públicos e, sobretudo, da Administração Universitária.

Foi preciso batalhar, resistir, lutar com firmeza para preservar esta independência, talvez ainda seja necessário continuar a fazê-lo. Estamos preparados para resistir amanhã como resistimos ontem e esperamos que amanhã, como ontem, a vitória seja nossa.

Desde a fundação d'A Colmeia, a inspeção acadêmica de Versailles primeiro nos convidou, para logo nos intimar a regularizar a situação, endereçando-lhe um pedido de autorização de abertura.

Respondemos que A Colmeia, não sendo nem uma escola, nem um internato, nem um orfanato, não fazia parte de nenhuma das unidades escolares previstas pela lei. Demonstramos que A Colmeia, sendo uma grande família, limitando o ensino às crianças desta família, não tínhamos de forma alguma que nos ajustar às formalidades ditadas pela lei em relação aos estabele-

cimentos públicos de ensino; finalmente, vendo que o legislador nos ignorava, igualmente o ignoramos também e, conhecendo nossos direitos, nos negamos a obedecer às ordens da Academia.

As autoridades aceitaram nossas razões e, durante oito anos, vivemos perfeitamente tranquilos, livres de qualquer preocupação, de qualquer tipo de incômodo.

Mas eis que, no dia 3 de outubro de 1913, recebemos a seguinte carta:

“Senhor Diretor do estabelecimento escolar A Colmeia, em Rambouillet.

Senhor Diretor,

Tem chamado minha atenção o estabelecimento escolar anexo à Colmeia, dirigida pelo Sr. Sébastien Faure em Rambouillet.

Segundo as informações que me têm sido fornecidas, este estabelecimento comportaria um internato, que recebe crianças de ambos os sexos e está aberto sem autorização.

A situação da escola, do ponto de vista legal, seria atualmente a seguinte:

1° Ausência de declaração de abertura de uma escola, em violação da lei de 30 de outubro de 1886 (art. 37 e 38).

2° Ausência de autorização dada pelo Conselho Municipal ao diretor para dirigir a escola mista em substituição e no lugar de uma professora e, em consequência, violação do artigo 6 da mesma lei (parágrafos 1 e 2).

3° Ausência de autorização dada pelo Conselho Municipal de receber alunos internos.

4° Violação do artigo 177 do decreto de 18 de janeiro de 1887, nos termos do qual nenhum internato poderá ser anexado a uma escola primária privada que recebe crianças de ambos os sexos.

Se estas informações são exatas, a situação do estabelecimento que você dirige é ilegal; o convido a regularizá-la o mais cedo possível, conforme à lei de 30 de outubro de 1886.

O inspetor da Academia
(*Ilegível*)”

Respondemos com o que se segue:

“Rambouillet, 13 de outubro de 1913.

Senhor Inspetor da Academia, em Versailles.

As informações que lhe foram dadas são inteiramente errôneas. Não existe nenhum estabelecimento escolar anexo à Colmeia.

As famílias operárias, numerosas ou com poucos recursos e, na maior parte das vezes, desestruturadas pela desaparecimento do pai ou da mãe, estão felizes de me confiar as suas crianças e de aceitar a oferta que lhes tenho feito de me encarregar delas, sem exigir nenhuma retribuição por alojar essas crianças, alimentá-las, vesti-las, instruí-las, educá-las como se fossem meus próprios filhos.

Estabeleci, dessa maneira, uma grande família: a minha família.

Além disso, esta situação resulta de um acordo voluntário entre essas famílias e eu, acordo esse conforme aos seus direitos e os meus, o que é a prova manifesta dos sentimentos de solidariedade que propago há 30 anos, cuja realização prática não podeis deixar de aprovar.

A lei exige que essas crianças recebam - em minha casa ou em outro lugar - a educação necessária à sua idade.

Meus recursos me permitem, em minha casa e não em outro lugar, que elas sejam instruídas.

Concretamente, três pessoas se encarregam disso.

Poder-se-á exigir que eu envie as minhas crianças à escola? — Não. Poder-se-á proibir-me de as instruir ou de fazê-las instruir em minha casa por preceptores de minha escolha? — Ainda menos. Ademais, isso seria estranho pois que, ao contrário, o que a lei me obriga é não deixá-las na ignorância.

Então?

Seu único direito, que confere e impõe o legislador, é o de se assegurar de que as minhas crianças recebem a instrução que lhes é devida.

Para este fim, as nossas portas estarão sempre abertas aos vossos inspetores e será com prazer que receberei suas visitas.

A nossa situação, veja-o, não é por nenhuma forma ilegal e não comporta nenhuma regularização.

Estas foram as explicações, que já há oito anos forneci ao sr. Sub-Prefeito e ao sr. Inspetor de Rambouillet, e que eles reconheceram exatas e suficientes.

Não posso fazer mais que recordá-los, por deferência e em resposta a vossa carta de 3 de outubro corrente.

Rogo-lhe, Sr., que aceite minhas saudações afetuosas.

Sébastien Faure”

Alguns dias depois, chegou outra carta do sr. Inspetor Acadêmico de Versailles, que dizia:

“Versailles, 27 de Outubro de 1913.

O Inspetor da Academia de Versailles, ao sr. Sébastien Faure, diretor da colônia A Colmeia, Rambouillet.

Dei conhecimento ao sr. ministro da Instrução Pública da vossa carta de 14 do corrente. O sr. ministro respondeu a 25 de Outubro:

‘Das informações fornecidas pelo sr. Sébastien Faure, resulta que este estabelecimento A Colmeia recebe como internos crianças de ambos os sexos pertencentes a diversas famílias.

Que o Sr. Sébastien Faure se nega a legalizar o seu estabelecimento sob o pretexto de que ele se limita a dar um ensino familiar, mas ao mesmo tempo aceita e até solicita a inspeção das autoridades escolares.

O sr. Sébastien Faure parece ignorar que o ensino dado nas casas das famílias escapa a toda a inspeção e que só as escolas declaradas como tais são a ela submetidas.

Desde o momento em que o sr. Sébastien Faure reconhece dar instrução a cerca de 40 crianças e recebê-las como internas, é obrigado a fazer as declarações exigidas pela lei’.

Não posso, nestas condições, fazer outra coisa senão renovar-vos o meu convite de 3 de outubro corrente, destinado à regularização do vosso estabelecimento pelo preenchimento das formalidades legais.

Rogo-lhe que aceite, Senhor Diretor, na garantia da minha mais alta consideração.

O Inspetor da Academia
(Ilegível)”

Eu respondi:

“Rambouillet, 29 de Outubro de 1913.

Senhor Inspetor da Academia, em Versailles.

Talvez tenha me explicado mal, pois não me fiz compreender.

Não recebo interno na Colmeia. Os pais com os quais fiz um acordo para dar às suas crianças a educação que eles mesmos não são capazes de assegurar, não me pagam valor algum. Não

lhes peço nenhuma retribuição. Essas crianças estão sob minha responsabilidade, e eu as alojo, alimento, visto, zelo, educo, instruo, como se fossem meus próprios filhos.

Não solicitei de forma alguma a inspeção das autoridades escolares. Limitei-me a dizer-vos e me contento em declarar-vos novamente que as autoridades escolares têm o direito, e mesmo o dever, de se assegurarem de que essas crianças recebem a instrução que a sua idade comporta e que a lei prescreve.

Está claro que estas autoridades podem, no exercício deste direito, vir à Colmeia, que as minhas portas estarão sempre abertas para esse fim.

A minha situação é pois bem simples e das mais precisas:

A Colmeia não é nem uma escola, nem um internato, nem um orfanato: ela não é nenhum dos centros escolares previstos pela lei. O legislador a ignora.

Ela constitui uma família e tenho, em minha casa, professores - não pagos - que, por devotamento, instruem os meus filhos.

Nestas condições, não temos nenhuma autorização a solicitar e nem peço autorização alguma.

Rogo-lhe, Senhor, que aceite a garantia da minha mais alta consideração.

S. Faure"

Esta carta pôs fim à troca de correspondência. Desde o fim de outubro de 1913, não recebemos mais nenhuma comunicação nos intimando.

Há, pois, razão para pensar que, desta vez, como há oito anos, a autoridade compreendeu que A Colmeia não é nem uma escola, nem um internato, nem um orfanato e, por isso, não tem que solicitar nenhuma autorização.

A situação continua a mesma: o legislador ignora A Colmeia e A Colmeia ignora o legislador.

É simples, franco, claro e preciso.

A DIREÇÃO

Existe um diretor n'A Colmeia; mas ele o é tão pouco que, se dermos a essa expressão o sentido que ordinariamente lhe é atribuído, pode-se dizer que não há absolutamente diretor.

Em outros lugares, talvez possa se dizer em todos os lugares, o diretor é um mestre, que dá suas ordens, a quem se deve obedecer, a quem se teme, cuja vontade é soberana, que aplica inflexivelmente um regulamento já em si temível e que, se for preciso, muda as regras conforme sua vontade; uns adulam-no na esperança de obter favores; outros temem-no e se escondem dele; uns e outros espionam-se, por ambição ou por inveja, conforme os seus interesses ou as suas rivalidades.

Nenhuma dessas abominações existe n'A Colmeia. Se o diretor fosse um déspota, ele seria o ponto culminante de toda uma hierarquia, sobre a qual estaria construída uma série de despotismos subalternos, sob o peso dos quais, inteiramente abaixo, seriam esmagados os mais fracos e os mais submissos.

Então, mais família; mais ambiente comunista!

Um de nós - eu, neste momento - tem o título de diretor.

Para os proprietários, nós somos somente locatários, para os fornecedores, para as famílias que nos confiam as suas crianças, para os grupos que às centenas e para os camaradas que aos milhares seguem com interesse o funcionamento d'A Colmeia, para as autoridades e para a administração, é necessário um diretor, porque tem que haver um responsável.

Comprometer-se, responder, assinar, prestar fiança, tal é o papel do diretor.

Intervir nas negociações com o exterior; escrever, falar em nome d'A Colmeia, essa é a sua função.

Pobre diretor!

Mas tão logo esse diretor deixe de estar voltado para o público e de tratar com os fornecedores, os proprietários, os banqueiros, com o arrecadador de impostos, com as autoridades constituídas, com os grupos e os companheiros, ele se coloca ao lado dos seus colaboradores e se reintegra ao grupo, deixa seu cargo e se torna apenas mais um, nem mais nem menos.

Se há uma decisão a tomar, sua voz tem o mesmo peso que as outras; ele exprime o seu parecer e emite a sua opinião da mesma forma que os outros e o seu parecer não tem nenhum valor especial. A razão lhe é dada caso se estime que ele tem razão: ela lhe é tirada, caso se julgue que ele não a tem; ele não é superior a ninguém, como também não é inferior a quem quer que seja, é igual a todos.

Vivemos em uma sociedade tão corrompida pela autoridade, a disciplina, a hierarquia, que aqueles que a prescindem parecerão, para a maioria, algo inverossímil ou muito exagerado. Aos meus colaboradores e a mim, isso parece muito natural e muito justo.

Em um ambiente comunista, as coisas não poderiam se passar de outra forma.

N'A Colmeia, o diretor tem como função centralizar todos os serviços e coordenar todos os esforços, a fim de que cada servi-

ço, ainda que preservando sua autonomia, mantenha com os serviços vizinhos a coesão necessária para um bom funcionamento conjunto e também para que os esforços não se neutralizem uns aos outros mas, ao contrário, apoiando-se uns nos outros, se obtenha, com o mínimo de esforço, o máximo rendimento.

Desse ponto de vista, pode-se dizer que existe n'A Colmeia uma direção; mas ela é toda objetiva; não é mais que uma função como as outras; somente um serviço; encarrega-se de coordenar e controlar de forma geral as atribuições distribuídas e as responsabilidades dispersas.

OS COLABORADORES

Os nossos colaboradores não são nem contratados nem assalariados. Todas as funções, n'A Colmeia, são realizadas de forma absolutamente gratuitas.

Salários, pagamentos, promoções são totalmente desconhecidos aqui.

Os companheiros que, com diferentes cargos, trabalham n'A Colmeia, fazem-no da forma a mais desinteressada.

Cada um deles deve, entretanto, reunir determinadas condições de capacidade, assiduidade ao trabalho, sobriedade e moralidade que lhe permitiram, no exterior, elevar-se ao nível dos seus colegas mais competentes.

Portanto, os nossos colaboradores renunciam voluntariamente a estas vantagens materiais para viver na Colmeia.

Isso não é porque eles trabalhem menos e levam uma vida mais confortável n'A Colmeia; eles trabalham, ao contrário, muito mais do que trabalhariam os professores em uma escola, ou os trabalhadores manuais em uma fábrica, uma oficina ou no campo.

Tem acesso, não obstante, a um pouco de dinheiro próprio; existe para esse fim um caixa comum, onde podem retirar o que seja necessário sem ter que dar satisfações, sendo eles mesmos os únicos juizes de suas necessidades, e sinto-me feliz em dizer, como elogio a todos, que já passados quase dez anos de existência d'A Colmeia, todos os nossos colaboradores têm utilizado da caixa comum com absoluta discrição e reserva, de modo a pesar o menos possível sobre o nosso orçamento.

Está claro: as vantagens materiais ligadas ao título de colaborador d'A Colmeia são bem insignificantes.

Entretanto, ninguém se queixa; todos trabalham duro e com alegria, dedicando-se a este trabalho porque desfrutam de satisfações moral e emocional que compensam largamente as vantagens às quais renunciam voluntariamente.

Mais de uma vez me tem sido dito: — Mas, então é como em uma comunidade religiosa? — Não, absolutamente, a comparação nem poderia ser sustentada. Em primeiro lugar, os colaboradores d'A Colmeia não estão obrigados por nenhum voto; não estão presos por nenhum compromisso; são livres e a qualquer instante poderão ir-se embora, se isso for seu desejo ou se esperam ser mais felizes em outra parte; em segundo lugar, eles não estão submetidos a nenhuma autoridade e não têm que obedecer a nenhum superior; além disso, são eles mesmos que escolhem, com todo a independência, o seu trabalho e como executá-lo; em terceiro lugar sua colaboração é totalmente desinteressada porque não creem no céu, ao passo que os membros de uma comunidade religiosa, quando renunciam a toda a retribuição aqui na terra, estão convencidos que mais tarde, após sua morte, receberão um salário incomparável por seus trabalhos, mortificações e obediências.

Os religiosos, no fundo, não são mais do que usurários: avançam um para receber mil. Não são mais do que hábeis especula-

dores, que empregam o capital da sua austeridade em negócios muito vantajosos; eles abandonam o rendimento desse capital durante dez, vinte ou cinquenta anos; esperando que posteriormente, durante toda a eternidade, receberão milhares e milhares de vezes o que foi investido.

O número dos colaboradores da Colmeia é determinado pelo trabalho a executar.

Atualmente são vinte, repartidos da seguinte maneira:

- 2 na cozinha;
 - 1 na oficina de costura;
 - 1 na lavagem da roupa;
 - 3 no ensino;
 - 2 na horta e no trato de animais;
 - 1 na jardinagem;
 - 2 na marcenaria;
 - 1 na forja;
 - 1 em serviços diversos;
 - 4 na tipografia;
 - 1 na encadernação;
 - 1 na direção.
- Total: 20¹

Acontece que, em certos momentos, temos a necessidade de contar com alguns colaboradores para trabalhos temporários; por exemplo, quando há um grande número de sapatos para reparar, trabalhos de manutenção que devem ser executados sem demora, ou ainda, na primavera, nos jardins, ou na época das colheitas e das forragens, quando temos que recolher o feno do campo.

1 A caixa, a farmácia, a biblioteca e outros serviços do mesmo gênero são alternadamente mantidos por uns e outros.

Pedimos a colaboração, nestes casos, de amigos d'A Colmeia, ou aos nossos companheiros dos sindicatos parisienses que nunca se negaram a nos dar uma mão. Todos são colaboradores temporários que não recebem retribuição econômica de espécie alguma. Todos os serviços são autônomos, cada colaborador conhece os deveres e responsabilidades inerentes ao seu trabalho. Todos confiam na capacidade e na ética de cada responsável.

Uma vez por semana, ou mais frequentemente se existe necessidade, todos os colaboradores reúnem-se à noite, ao fim do dia, quando as crianças já estão dormindo.

Aquelas crianças maiores, de 15, 16 ou 17 anos, que já são aprendizes, assistem a estas reuniões e nelas tomam parte no mesmo nível que os demais colaboradores.

Estas reuniões têm por objetivo fortalecer os laços que nos unem e manter-nos informados sobre tudo que diz respeito à Colmeia.

Cada qual diz o que o preocupa, informa sobre o projeto que planejou, a ideia que teve e submete esta ideia, esse projeto, essa preocupação aos demais. Fala-se, discute-se e deixa-se a ideia ou o projeto para estudo, se acaso ainda não se possuem os elementos suficientes para uma deliberação.

Cada um tem o direito a perguntar sobre o funcionamento de qualquer serviço: ensino, caixa, contabilidade, cozinha etc., etc., a formular observações, emitir conselhos, propor melhorias.

Graças a estas frequentes reuniões, todos os nossos colaboradores e as nossas crianças já crescidas (meninos e meninas) são colocados a par de tudo o que se passa, conhecendo a situação d'A Colmeia, participam das decisões tomadas e contribuem para a sua aplicação.

É a vida em plena luz, é a plena confiança, é a troca simples e franca de opiniões, de coração aberto. É o meio mais seguro e melhor para impedir intrigas e a formação de panelinhas, baseadas nos segredos e silêncios.

A educação está mais particularmente confiada preferencialmente àqueles dos nossos companheiros que, encarregados do ensino, estão em constante contato com as crianças. É certo que aqueles que passam sua vida com as crianças, constantemente envolvidos com elas, exercem uma grande influência sobre as mesmas. No entanto, é necessário que todos os colaboradores d'A Colmeia sejam educadores.

Por um lado, todos são mais ou menos chamados a iniciar as nossas crianças, gradualmente à medida que crescem, nas técnicas de seus ofícios: cozinha, costura, lavagem, forja, marcenaria, cultura, jardinagem etc., etc.; por outro lado, eles estão frequentemente envolvidos com as brincadeiras e com os entretenimentos das nossas crianças.

Por conseguinte, é preciso que sejam um exemplo vivo e um guia paciente, doce e afetuoso para essas crianças como, em uma família, todos os mais velhos devem ser, para os mais novos, guias e modelos.

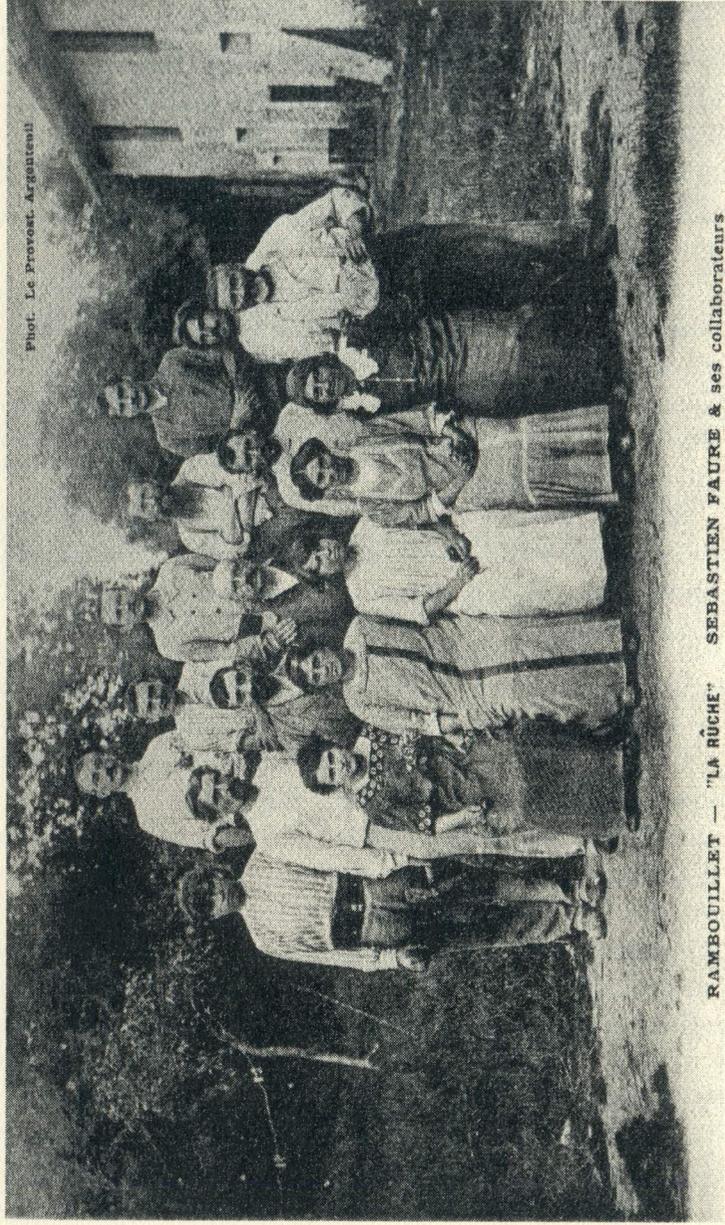


Photo. Le Provost. Argentensi

RAMBOUILLET - "LA RUCHE" SEBASTIEN FAURE & ses collaborateurs



RAMBOUILLET - LA RUCHE - SEBAST. FAURE & SES COLLABORATEURS

PHOTO. LE PROVOST ARGENTECUIL

AS NOSSAS CRIANÇAS

A Colmeia educa quarenta crianças de ambos os sexos¹.

Como elas chegam a nós? — Ah! da maneira mais natural e sem necessidade que as busquemos. Por situações interessantes em que se distinguiram ou por organizações e amigos que nos divulgam e nos recomendam.

Por desgraça, não são as crianças que faltam!

A situação dos trabalhadores é, muitas vezes, lamentável; a família operária está tão deploravelmente atingida pela doença, pela falta de trabalho, pelos acidentes ou pela morte; os conflitos internos destroem com frequência o meio familiar, brigas nas quais a criança é a vítima inocente, que cem Colmeias, mil Colmeias poderiam ser rapidamente povoadas de pequenos a abrigar e a educar.

1 Quarenta crianças e vinte colaboradores, é uma população total de sessenta pessoas (pelo menos) que A Colmeia comporta. Essa população que, no início, compunha-se somente de vinte pessoas, triplicou rapidamente: resultado inevitável da extensão que a obra tomou.

Já nos vimos obrigados a recusar vários deles, todos os dias nos vemos na obrigação de fazê-lo, e quanto mais a Colmeia é conhecida, a cada dia aumentam as nossas recusas.

Quantas cartas desoladoras nos chegam! A mulher de um operário que, tendo sido levado, em pleno vigor, pela doença, deixa à sua viúva a responsabilidade sobre três, quatro ou cinco criancinhas e a mãe estende para nós os braços desesperados; é um trabalhador que acaba de perder a mãe de suas crianças e que nos diz: "Que querem que eu faça com estes pequenos? Como querem que, trabalhando da manhã à noite para alimentá-los, tenha ainda o tempo e a força de me ocupar deles?"

É um vizinho que nos indica um desses casos interessantes que, à força de se repetirem, estão-se tornando quase a regra!

É um companheiro que nos recomenda um menino vigoroso, inteligente, que poderia tornar-se um homem destacado e que cresce miserável e espancado, com um pai que se embriaga e a mãe que se prostitui!

É um amigo que nos suplica a abrir a porta d'A Colmeia a uma criança que a febre religiosa espreita: devemos salvá-lo!

É o trágico e angustioso desfile de todos os dramas silenciosos ou barulhentos, ignorados ou conhecidos, dos quais está tecida a existência dos deserdados!

E cada vez que nos vemos na cruel obrigação de rechaçar as mãos que se dirigem a nós, de destruir as esperanças que se colocam n'A Colmeia, recusando a admitir uma criança que de antemão se alegraria de aí ver-se acolhida, o nosso coração se parte duplamente: porque pensamos com tristeza nos desafortunados que nos imploram e que não podemos socorrer e porque pressentimos que um grande número dessas crianças que nos é impossível de tomar sob a nossa proteção, são espreitadas por nossos inimigos. Vencidos pela miséria, os pais cederão e esses pequenos serão entregues, abandonados a uma obra de filan-

tropia ou de caridade que os cobiça e mais tarde serão, quase infalivelmente, os adversários dos seus próprios interesses e dos seus irmãos de sofrimento.

Não! As crianças não faltam; a Colmeia poderia esvaziar-se do jovem enxame que contém; ela poderia esvaziar-se dez vezes, cem vezes, que não tardaria a encher-se de novo e ainda assim muitas abelhas permaneceriam à sua porta.



a vous dire je fais une croix sur moi. et sur
mon frère **PAULINE**
Les Moyens Le Provost. Argenteuil



RAMBOUILLET - "LA RUCHE" Les Petits

Phot. Le Provost. Argenteuil



La Ruche — Le Patis — Rambouillet (S.-et-O.) — Les plus grands



La Ruche — Le Patis — Rambouillet (S.-et-O.) — Les plus petits



Les Garçons



Les Filles



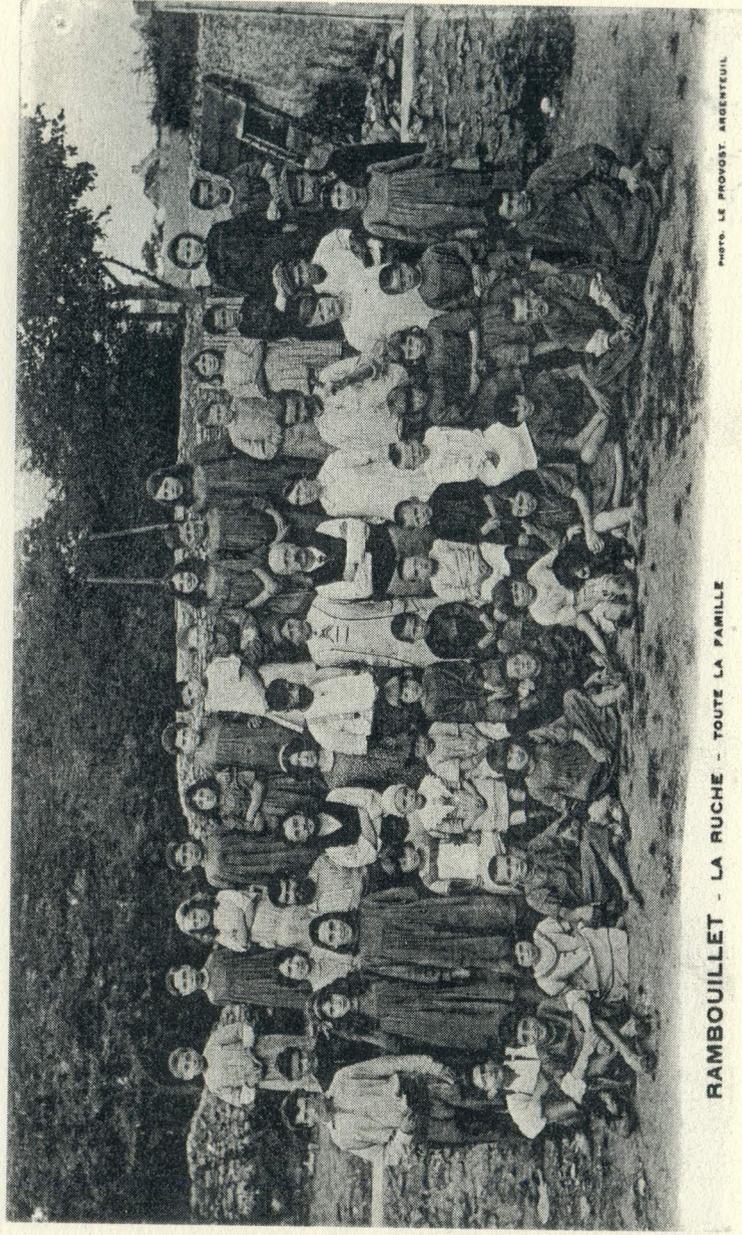
RAMBOUILLET - LA RUCHE - ENFANTS LES MOYENS

PHOTO. LE PROVOST. ARGENTEUIL.



24. RAMBOUILLET - " La Ruche " - toute la famille

Argenteuil



RAMBOUILLET - LA RUCHE - TOUTE LA FAMILLE

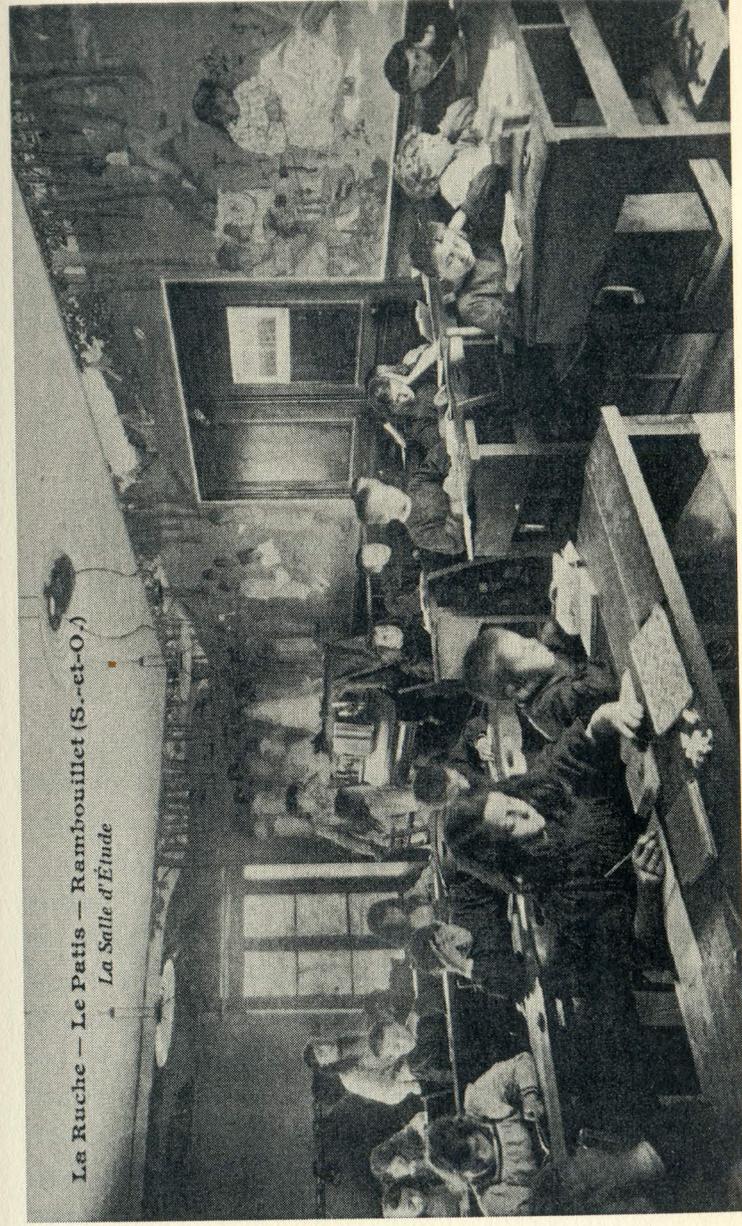
PHOTO. LE PROVOST. ARGENTEUIL





RAMBOUILLET — "LA RUCHE" Toute la Famille

Phot. Le Provost, Argenteuil.



La Ruche — Le Patis — Rambouillet (S.-et-O.)

La Salle d'Étude

CONDIÇÕES DE ADMISSÃO

Não admitimos uma criança senão sob as três condições que enumeramos a seguir. Exigimos:

1° *Que a criança seja saudável.*

Não exigimos que as crianças sejam particularmente sadias e robustas, mas sim pedimos que nada impeça que sejam, essa é uma tarefa de que nós nos encarregaremos.

Propõem-nos uma criança faminta, anêmica, debilitada, momentaneamente enfraquecida, como a maior parte das crianças dos trabalhadores da cidade, faltam-lhe ar puro, uma dieta equilibrada de uma alimentação sadia e abundante, higiene, cuidados; mas ela não é portadora de nenhuma enfermidade congênita, de nenhum defeito de nascimento, de nenhuma moléstia contagiosa, em suma, não seja nem um anormal ou deficiente. Seu estado doentio está subordinado a condições de existência desfavoráveis e, quando estas condições tiverem cedido lugar a outras melhores, a criança, subtraída a essas causas de doença

ou de enfraquecimento, voltará a ser saudável, se fortalecerá e se desenvolverá. Por isso, não consideramos que o estado de saúde de uma criança possa ser um motivo suficiente para recusá-la.

Mas recusamos categoricamente qualquer criança que o raquitismo, a escrófula, a sífilis, o alcoolismo, a tuberculose ou qualquer afecção congênita ou adquirida fez um ser anormal ou deficiente.

Nossas razões são fáceis de entender:

a) Não podemos introduzir em um agrupamento de crianças sadias um foco de contaminação. O que responderíamos às famílias que nos tivessem confiado crianças perfeitas e que nos acusariam de tê-las exposto a uma infecção?

b) Outra, que a presença de uma criança anormal ou deficiente seria um perigo constante para os seus companheiros, ele seria um peso morto, que o grupo inteiro estaria condenado a transportar e que paralisaria o progresso de todos os outros.

c) Por último, a acolhida de um anormal ou deficiente n'A Colmeia não lhe traria nenhum benefício apreciável, porque este necessita de um tratamento especial, de cuidados particulares e de uma atenção específica.

Portanto, exigimos em primeiro lugar que a criança seja sadia e é por isso que a submetemos, antes de admiti-la, a uma inspeção séria, a um minucioso exame médico.

2º Que a criança tenha ao menos seis anos e que não tenha mais de dez.

Incontestavelmente, é útil que o educador cuide da criança desde a sua mais tenra idade; estou bem longe de pensar que o labor educativo não apresenta um verdadeiro interesse senão quando a criança atinge a idade de seis anos.

Mas deve-se reconhecer que, ainda muito pequena, a criança tem necessidade de cuidados constantes, de atenções maiores; é preciso que a todo instante a mãe esteja junto dela, que não a perca de vista, que a sua vigilância e seus afetuosos cuidados sejam constantes. Sem contar que, na idade de dois, três ou quatro anos, a criança tem necessidade de uma dieta muito controlada e que está exposta a uma infinidade de pequenas doenças e indisposições, necessitando frequentemente de um tratamento atencioso.

Por tudo isso, seria necessário, n'A Colmeia, um pessoal especial que não temos, uma instalação particular que nos falta.

E depois, quando a criança é tão pequena, quando ela não está ainda chegada à idade da razão, quando apenas penetram no seu pequeno cérebro algumas luzes de discernimento, quando a sua vontade é quase nula, é praticamente impossível levar a cabo com essa criancinha uma educação propriamente dita. Como chegaríamos à sua compreensão, à sua vontade e à sua consciência?

Tudo o que o educador pode fazer é potencializar e ajudar o bom desenvolvimento desse pequeno ser e dotá-lo de hábitos úteis e costumes saudáveis.

A Colmeia não é - ao menos neste momento - uma escola infantil. Talvez, com o tempo, chegaremos a esse nível preparatório para uma boa educação. Mas, por enquanto, não devemos sonhar com isso.

Expliquemos, igualmente, porque limitamos aos dez anos a idade de admissão à Colmeia.

Acima dessa idade, a criança já passou pela escola e aí permaneceu um tempo mais ou menos longo, esteve na rua, vadiou com os garotos e as garotas da sua idade, já contraiu hábitos, no seu cérebro e no seu coração. A família, a escola, a vizinhança, a rua, já introduziram uma soma mais ou menos considerável de ideias e de sentimentos. Praticou certos métodos, já tem uma certa sutileza de espírito.

Em uma palavra, o educador, quase sempre, deverá começar por um trabalho penoso e ingrato e por vezes lento de demolição. Trabalho negativo que, naturalmente, muitas vezes, desconcertará a criança e mesmo a desanimará. Trabalho durante o qual, ao menos na aparência, tem a sensação de perda de tempo.

A criança, assim, já não é mais o quadro negro, puro e limpo, sobre o qual se possa imediatamente escrever ou desenhar; é o quadro negro que está coberto de sinais, de letras, de desenhos, de cifras, em total desordem, no qual o que deve inicialmente ser feito é perder tempo a apagá-lo, antes de sonhar com um trabalho positivo e atraente.

E assim como, um pouco mais acima, dizia que com as crianças que tem menos de seis anos “nada se tem a fazer” pois é demasiado cedo, eu diria nesse caso: “para o verdadeiro educador, é demasiado tarde!”.

3º Que a família que nos confie seu filho nos dê sua palavra de honra, - compromisso puramente moral - de deixá-lo até a idade de dezesseis anos completos.

A educação é um trabalho de longo prazo; não é uma atividade que se pode iniciar, deixar, retomar e voltar a deixar outra vez. Ela é, durante longos anos, uma obra sem solução de continuidade, que quando inicia não pode ser deixada de lado nem um só dia.

Ela só produz os seus frutos lentamente; não é uma flor que em poucos dias se desenvolve e posteriormente, ai! perece em algumas horas; é a árvore vigorosa que lança nas profundezas da terra suas fortes raízes, que cresce lentamente, mas que, quando atinge toda sua plenitude, desafia bravamente o aquilão¹.

¹ Vento boreal, forte vento que provém do Polo Norte. (N. R.)

Pois bem: eis aqui uma criança de seis anos que se incorpora à Colmeia; permanecendo durante três anos e posteriormente com nove anos, a abandona.

É provável que, independentemente do meio no qual a sua educação continue, esta criança manterá sempre algo do que recebeu n'A Colmeia: sensações, impressões, recordações, sons, imagens, emoções. Mas, tudo isso seria confuso! E como é de temer que, por meio de emoções, imagens, sons, recordações, impressões e sensações opostas, tudo isso será algum dia esquecido.

Eis aqui uma criança de dez anos: entra n'A Colmeia; depois, na idade de doze ou treze anos ela sai.

Ela adquiriu práticas e hábitos que deram lugar a formas muito saudáveis de pensar, sentir e agir. Ela começa a tirar proveito dos métodos pedagógicos especiais que são empregados na Colmeia. Seu coração se abriu aos sentimentos mais elevados, a sua consciência satisfez-se com a franqueza e a honestidade, a sua vontade acostumou-se a resistir às influências perniciosas; ela está na idade em que o inseto, imperceptivelmente, deixa de ser crisálida para se tornar borboleta. Mas, quão frágil segue sendo o inseto! E que pequena coisa não basta para matá-lo!

E bem! Teríamos prodigalizado os nossos cuidados a uma criança durante, dois, três ou quatro anos, para preservá-la de todo o perigo físico e de todo o mal moral, não teríamos poupado nem os nossos zelos nem as nossas vigílias. Teríamos estudado e enfim descoberto o caminho que conduz ao seu coração. Teríamos nos habituado a falar a linguagem que a sua inteligência compreende. Este ser que nos foi trazido débil, ignorante, sem vontade, uma espécie de animalzinho que não pedia outra coisa senão desenvolver-se, mas que só se desenvolverá enquanto for objeto de toda a nossa atenção, nós o teríamos protegido com todas as nossas vigilâncias, nós o teríamos reconfortado com todo o nosso carinho, o teríamos ilustrado com nossos conhecimen-

tos e, quando todos esses esforços começassem a dar resultado, um pai, uma mãe viria, sem nenhum acontecimento imprevisto ou de força maior, comprometer este resultado, desposando e privando a criança dos felizes resultados de todos estes esforços combinados da criança e de nós mesmos?

E, às vezes, sob o pretexto mais fútil: uma mãe que nos suplicara para levarmos seu filho para educar-lhe porque, na ocasião, estava viúva e só, mas que hoje está com um novo marido e não necessita mais d'A Colmeia, viria, pura e simplesmente, retomar seu filho?

Tal pai, que nos implorara para que nos encarregássemos da educação de sua criança porque sua casa estava vazia, pela morte ou abandono da mãe, e não poderia dedicar-lhe tempo, ele viria, pura e simplesmente, retomar o seu filho, agora que em sua casa há outra mulher?

Ou, ainda, mais um pai ou uma mãe, que nos confiara seu filho ainda neném, que sendo muito pequeno era somente um fardo, viria reclamar o seu retorno ao seio da família, agora que ele tem doze ou treze anos, é forte, está formado e capacitado para render, a cada dia, algumas moedas diárias?

Calo-me frente a razões menos sérias ainda, para não falar naquelas famílias que, sem levarem em conta alguma o interesse da própria criança, reclamam de repente, sem explicação, como se fossem um bem que lhes pertence, arrebatando-nos, sem mais escrúpulo do que se tratasse de recuperar um objeto que temporariamente haviam depositado n'A Colmeia até estarem em condições de retomá-lo.

Não rompemos os laços que unem a criança a sua família. Não temos o sentimento de que a criança cuja educação nos está confiada cesse de pertencer à sua família para ser inteiramente nossa. Não somos tão cruéis. Mas consideramos que as nossas crianças, mais felizes que as outras, têm duas famílias: a sua própria e a

Colmeia, e parece-nos justo que, se respeitamos os delicados laços que unem as crianças às suas famílias naturais, estas devem, por seu turno, respeitar da mesma maneira os laços não menos afetivos e não menos sólidos que unem seus filhos à Colmeia.

Ao nos confiar as suas crianças e ao nos encarregar de sua educação, não têm essas famílias nos enviado o que possuem de mais precioso? Não têm elas depositado em nós a sua inteira confiança? Não nos propuseram elas um verdadeiro contrato, pelo qual se comprometiam a entregar-nos inteiramente o cuidado de educar as suas crianças em troca de compromisso que assumimos de amar essas crianças como se fossem as nossas e de torná-las belas, robustas, inteligentes, ativas, afetuosas e dignas como quereríamos que as nossas próprias crianças o fossem?

Pois bem! É este o contrato que, do nosso lado, temos a consciência de respeitar, que pedimos às famílias para respeitar igualmente, que nos deixando as suas crianças até a idade de dezesseis anos, momento no qual, ainda que sua educação não esteja concluída - a formação nunca se conclui; se aprende, melhora se aperfeiçoa até o último dia, até a idade mais avançada - a educação está entretanto bastante avançada para que a criança, quase adulta, esteja formada e não perca seu sentido.

A vida é um oceano de ondas mais frequentemente tempestuosas do que embaladoras e pacíficas. Se nos confiou a criança nos dizendo: "Fazei que, ao deixar este porto - a Colmeia - ela seja capaz de afrontar as ondas furiosas!", aceitamos o desafio, mas só exigimos que nos deixe a criança até que seja capaz de desafiar o furacão. Isso não é razoável?

OS PEQUENOS, OS MÉDIOS, OS GRANDES

As nossas crianças formam três grupos: os pequenos, os médios e os grandes. Os pequenos são aqueles que, ainda demasiado jovens para se entregar a um trabalho de aprendizagem qualquer, não frequentam nenhuma oficina e dividem o seu tempo entre a aula, o brincar e os pequenos serviços caseiros que podem prestar: limpeza, varredura, descascar legumes etc. Os médios são aqueles que estão na idade da pré-aprendizagem. As suas jornadas são consagradas metade ao estudo, metade ao trabalho manual. Os grandes são os que, estando com os estudos propriamente ditos completados e o seu tempo de pré-aprendizagem terminado, tornam-se aprendizes. Note-se bem que não há uma idade fixa, invariável, separando, de uma forma matemática, os elementos que compõem esses três grupos.

Uns são mais precoces, outros são menos fortes, e é o desenvolvimento físico e cerebral de cada criança que, mais do que a sua idade, determina o momento em que elas passam de pequenas a médias e de médias a grandes.

Na verdade, nossas crianças pertencem aos pequenos até a idade de doze ou treze anos; dos doze, treze até cerca dos quinze anos, pertencem aos médios; e acima dos quinze se colocam entre os grandes.

Até os doze ou treze anos, só vão a aula; de doze ou treze a quinze anos vão, uma parte do dia à aula e outra à oficina ou aos campos, e, a partir de quinze anos, cessam de ir à aula e só vão à oficina ou aos campos¹.

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O QUE CHAMAMOS A "PRÉ-APRENDIZAGEM"

A partir da idade de doze ou treze anos, quase todas as crianças que pertencem à classe operaria abandonam a escola. A criança tem o seu certificado de estudos primários e sua família considera que ela já sabe bastante. Em todos os casos, pensa que, a essa idade, já é tempo de trabalhar para receber algo. Para muitos, o essencial e o mais urgente é que a criança deixe de ser uma carga, que ela se vire por si mesma e que, até mesmo, consiga algum dinheiro para aumentar a renda familiar.

Os privilegiados ingressam como aprendizes.

Ingressam sem grandes cerimônias e com alguma satisfação.

Trata-se dos gostos das crianças, das suas aptidões, das suas forças! Os seus gostos? Sabe lá ela o que lhe agrada! As suas aptidões? Ela mesma conhece? Teve ela tempo de as discernir? Ela fará como as outras, na aprendizagem do ofício é que adquirirá e desenvolverá as aptidões necessárias. As suas forças? Tem treze anos, deve ser bastante forte para trabalhar, senão é uma preguiçosa.

E a criança torna-se aprendiz. Sabemos o que fará nove de cada dez vezes: é a que faz a limpeza, varre, faz os recados e

¹ Entretanto, findo o dia, como os grandes não vão deitar antes de 10 horas, eles leem, seguem os cursos que os nossos colaboradores lhes fazem, trabalham com estes, conversam, interrogam, trocam ideias e completam assim a sua pequena bagagem de conhecimentos gerais.

as compras, está encarregada dos trabalhos pesados, é antes um criado que um aprendiz e isto durará até os quatorze ou quinze anos. Na realidade, é somente nessa idade que ela começa a aprender verdadeiramente o ofício que se propõe a seguir.

Qual ofício? O que o pai lhe escolheu; o que um vizinho aconselhou; o que as circunstâncias, muitas vezes fortuitas, lhe indicaram.

O resultado é que com frequência, muitas vezes mesmo, atingindo a idade de dezesseis ou dezessete anos esse jovem operário se dá conta de que a profissão que exerce não convém nem aos seus gostos, nem às suas aptidões, nem ao seu temperamento.

Que fazer? Deixar este ofício que jamais exercerá com gosto e no qual sempre se sentirá inferior? Ele não pode nem pensar. Teria que realizar uma nova aprendizagem e é demasiado tarde.

O adolescente resigna-se; continua, tristemente, sem entusiasmo; torna-se e permanece toda a sua vida um operário medíocre; uma espécie de presidiário condenado perpetuamente ao trabalho forçado.

Triste existência!

Pensamos que era preciso evitar a todo custo à criança o desgosto e a desvantagem de se entregar, desde a idade de doze ou treze anos, a uma profissão que poderá desagradar-lhe.

Tenho ouvido correntemente a afirmação de que, para um operário, todos os trabalhos são os mesmos, ou quase iguais. Os que emitem esta opinião pretendem que os salários do operário sendo, mais ou menos, os mesmos em todas as indústrias, pouco importará que ele trabalhe na madeira, no couro, nos tecidos ou nos metais, dado que a escolha da profissão não deve, em consequência, ser determinada pelos gostos, aptidões ou forças do indivíduo, mas pelo salário e, de uma forma mais geral, pelas condições de trabalho; que, ademais, como os equipamentos mecânicos estão a aumentar e a se aperfeiçoar inces-

santemente, é irrelevante que se manipule madeiras, metais, tecidos ou couros.

Esta opinião é falsa, e não conheço outra que tenha para o trabalhador manual piores consequências.

Em primeiro lugar é evidente que, se o maquinismo invade tudo e se o operário está condenado a ser cada vez mais um condutor, um vigia ou um auxiliar da máquina, não é absolutamente indiferente que, sem levar em conta os seus gostos, as suas aptidões e as suas forças, o operário siga tal ou qual profissão: tal profissão é mais suja, outra mais perigosa. Um trabalho, com o hábito, pode-se fazer maquinalmente e quase sem que se pense; o outro exige uma atenção sem descanso; o primeiro comporta minúcia, delicadeza; o segundo, vigor e resistência. Este, vem a produzir tal perturbação do organismo muscular; aquele, perturbações nervosas. Em um tal ofício, não há necessidade de imaginação, nem iniciativa; em outro é preciso muita. Pode-se exercer um sem conhecer nada de desenho ou de matemática; impossível de exercer o outro sem possuir conhecimentos bastante vastos nessas áreas. Eu não acabaria mais, se quisesse enumerar aqui, sem entretanto me prender a nenhuma, todas as distinções, todas as diferenças, todas as oposições.

E não falo das partes do corpo que são afetadas em particular pela profissão exercida; do ruído que se faz, dos odores que se exalam, das poeiras que são levantadas, do ar que circula etc. ...

Poder-se-á então dizer, manter, que não se deve levar em conta os gostos, as aptidões as forças da criança, e que o trabalhador manual pode exercer, de maneira indistinta e indiferentemente, qualquer ofício?

Sem dúvida, o operário que vai para o seu trabalho como o escravo para o seu cativo, não tem gosto nem aptidão para nenhum trabalho e a ele é indiferente trabalhar nisto ou naquilo; é a sorte que aguarda o triste aprendiz de que falei mais acima.

Mas há trabalhadores que exercem a sua profissão com alegria, trabalhadores aos quais a ferramenta faz tanta falta quanto o pincel ao pintor, que amam o trabalho bem feito, o trabalho acabado, que se apaixonam pelo seu ofício, para os quais, vencer uma dificuldade é ganhar uma batalha, sem o horror do sangue derramado, e que, guardadas as proporções, trabalham em sua oficina com tanto ardor quanto o sábio no seu laboratório.

Ousariam sustentar a opinião de que não há nenhuma diferença entre estes operários e os outros?

Pois bem! Desejamos com grande entusiasmo que as nossas crianças estejam, mais tarde, entre estes trabalhadores qualificados.

Como fazer para obter este resultado ou, ao menos, para garantir todas condições de forma a favorecer este resultado?

Eis aqui:

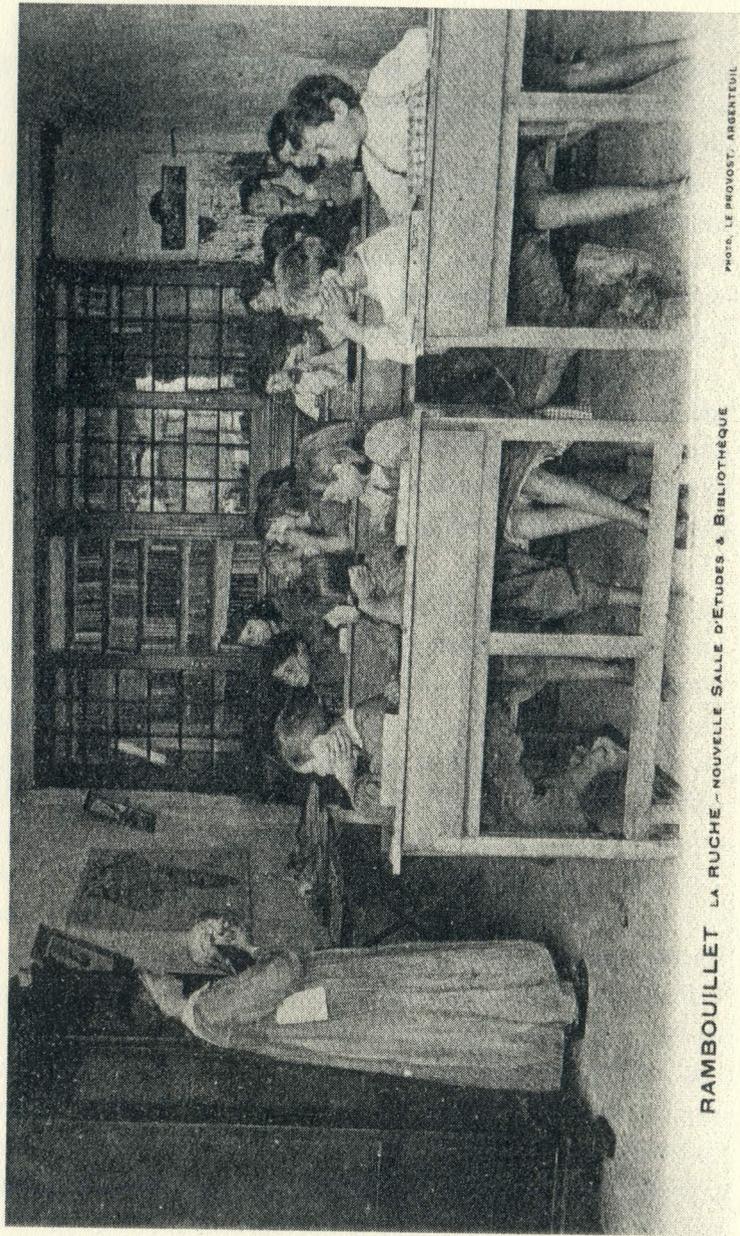
Durante dois ou três anos, cada uma das nossas crianças circula nas nossas diversas oficinas, permanecendo e trabalhando três, quatro, cinco ou seis meses tanto em uma como em outra; assim, ela tem o tempo e a ocasião de estudar os seus gostos, de precisar as suas aptidões e de medir as suas forças. Na idade de doze a quinze anos, ela não tem que se preocupar com a escolha de um ofício; experimenta diversos e cada um deles o tempo suficiente para estabelecer entre uns e outros as comparações necessárias, da qual ela é o centro.

Ao mesmo tempo, continua os seus estudos: não somente porque está longe de haver adquirido a soma de conhecimentos gerais que, no futuro, qualquer que seja a profissão que exerça, lhe serão indispensáveis; não somente porque já chegou a idade em que, com mais maturidade, aproveitará melhor os ensinamentos que lhe forem dados, mas ainda, sobretudo porque, trabalhando alternadamente, cada dia, de uma maneira regular, na aula e na oficina, estabelecerá, de forma irremediável, mesmo

sem suspeitar, uma relação muito útil entre os seus trabalhos aqui e os seus estudos acolá; entre a formação de sua inteligência, sua visão e suas mãos, entre a sua cultura geral e a sua aprendizagem técnica.

E quando, após dois ou três anos desta pré-aprendizagem, se especialize, sua escolha, bem pensada, se baseará sobre esta cultura intelectual e manual, sem que uma seja sacrificada a favor da outra; pelo contrário, as duas se completarão, se ajustarão, para a maior satisfação e bem estar do adolescente.

Não quero dizer que, nestas condições, a escolha da criança seja sempre judiciosa, a melhor, e que deva ser tomada por definitiva, mas digo que, de uma parte, haverá muitas possibilidades de que assim seja e que, de outra parte, nós teremos cumprido, para com essa criança, com o nosso dever, todo o nosso dever.



RAMBOUILLET LA RUCHE - NOUVELLE SALLE D'ETUDES & BIBLIOTHEQUE

PHOT. LE PROVOST, ARGENTEUIL



RAMBOUILLET - "LA RUCHE" La Classe - Bibliothèque

Phot. Le Provost, Argenteuil



RAMBOUILLET LA RUCHE - CLASSE EN PLEIN AIR

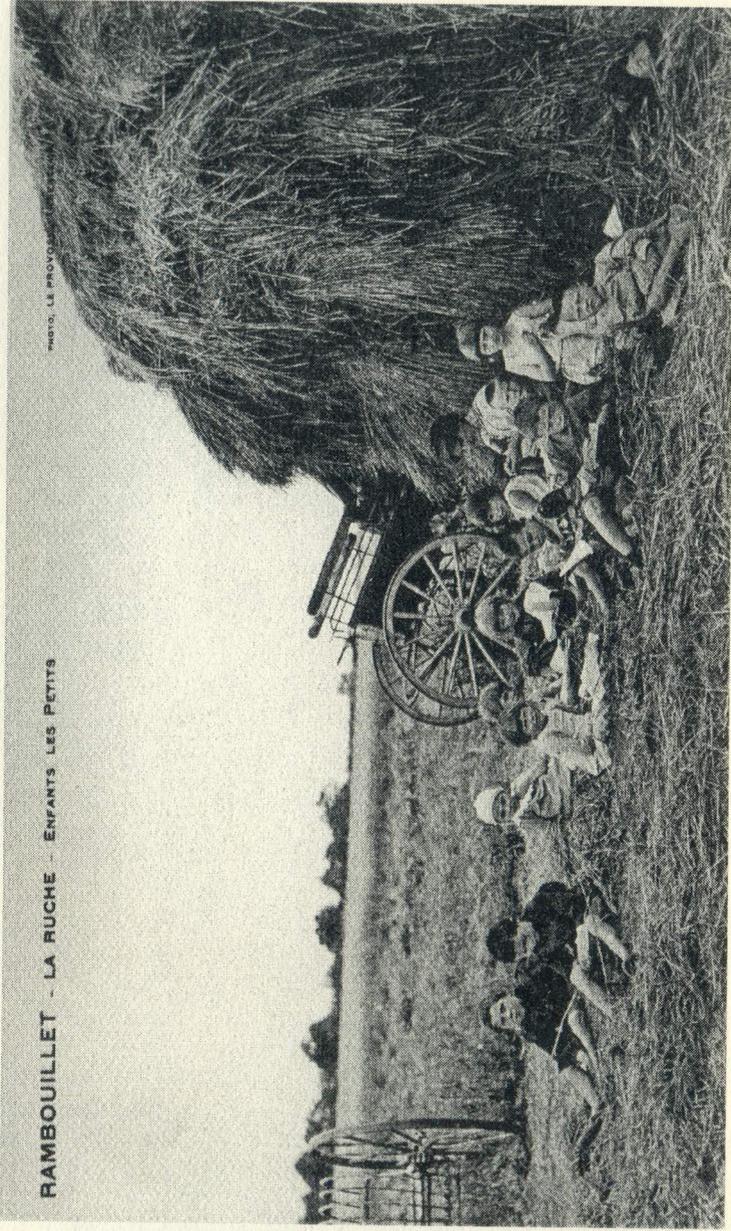
PHOTO. LE PROVOST ARGENTEUIL



RAMBOUILLET - "LA RUCHE" La Leçon de Botanique

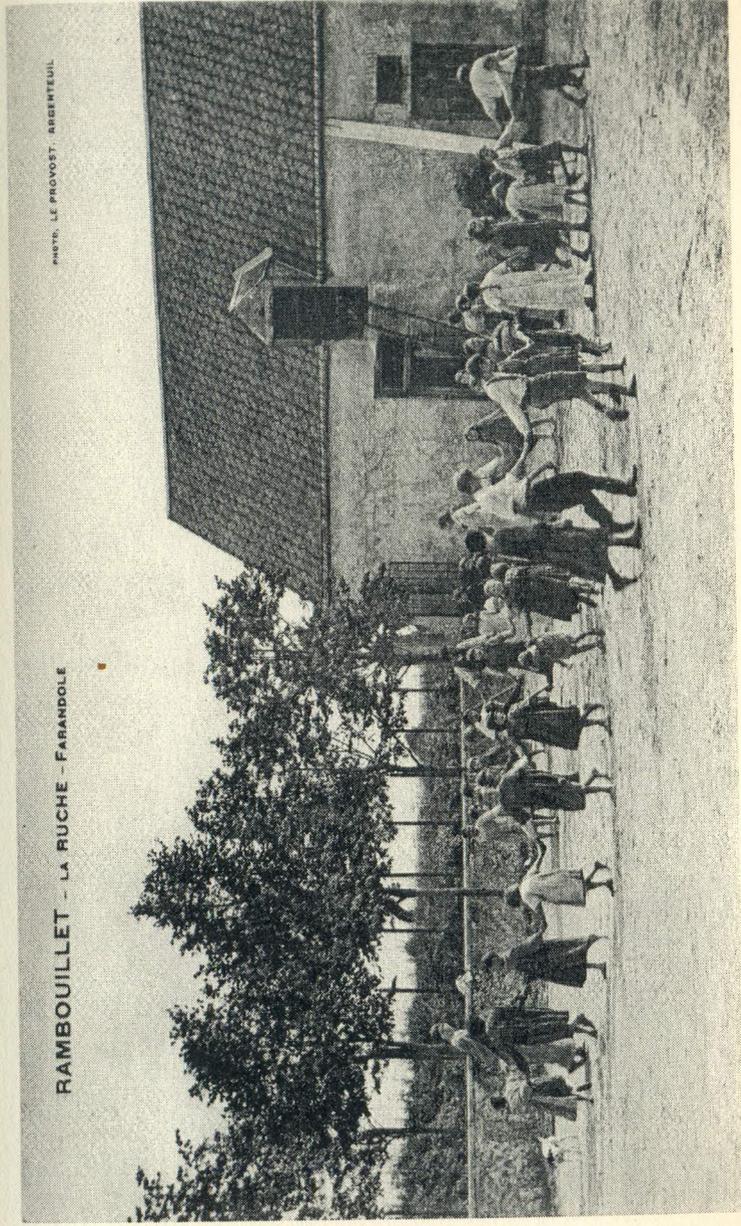
Phot. Le Provost, Argenteuil

RAMBOUILLET - LA RUCHE - ENFANTS LES PETITS



PHOTO, LE PROVOST, ARGENTEUIL

RAMBOUILLET - LA RUCHE - FANFAN



PHOTO, LE PROVOST, ARGENTEUIL



IO. RAMBOUILLET — "LA RÛCHE" — UNE BONNE PARTIE

PHOTO. LE PROVOST, ARGENTEUIL

SERES COMPLETOS

O papel do ensino é conduzir ao máximo desenvolvimento todas as faculdades da criança: físicas, intelectuais e morais.

O dever do educador consiste em favorecer o pleno desenvolvimento deste conjunto de energias e de aptidões que se encontram em todos.

E digo que, ao dotar as crianças que nos são confiadas de toda a cultura geral que estão aptas a receber e do ensinamento técnico para o qual mais se inclinarem os seus gostos e as suas forças, teremos cumprido para com elas o nosso dever, todo o nosso dever. Porque teremos, assim, formado seres completos.

Seres completos! Em nossos dias encontram-se muito poucos. Poderia mesmo dizer que não se encontram. E esta é uma das fatais consequências da organização social e dos métodos educativos que dela se derivam.

Aqui, encontramos um filho de burguês cujos pais ambicionam convertê-lo em um estudioso de um tema ou em um matemático renomado, mas que acreditam que seria dar a seu filho uma educação indigna de sua situação e da posição social à

qual o destinam se o ensinassem a trabalhar o metal, a madeira ou a terra.

Lá, é um filho de proletários mais ou menos necessitados que a família retira da escola na idade de doze ou treze anos. Ele sabe escrever e contar corretamente; está na idade em que a inteligência se abre à compreensão, em que a memória começa armazenar, em que o juízo se forma. Não importa! É preciso que ele vá à oficina ou aos campos, é tempo de ele trabalhar. “E ademais, dizem os parentes, será necessário que ele se torne um *sábio* para ser um camponês ou um operário?”

O que acontece?

O primeiro destes dois rapazes chegará, talvez, a ter um grau apreciável de cultura intelectual: artista, sábio, literato, filósofo, terá o seu valor, não o contesto. Mas será um ignorante e carecerá totalmente de habilidade quando se trate de aplainar uma tábua, de dar uma martelada, de reparar ou manejar uma ferramenta, em uma palavra, de se entregar a qualquer trabalho manual.

O segundo, por sua vez, será, talvez, em seu ofício um trabalhador qualificado: mecânico, alfaiate, pedreiro, carpinteiro, ferreiro; ganhará o seu pão e terá o seu valor, não nego isso. Mas, fora do seu ofício, será de uma ignorância crassa e de uma deplorável incompreensão. Um e outro se terão convenientemente desenvolvido em um sentido, mas terão se descuidado totalmente de se desenvolver em outro.

Produto da instrução e da preparação recebida, o primeiro será um teórico, mas não um prático; o segundo será um prático, mas não um teórico.

Um saberá servir-se do seu cérebro, mas não dos seus braços; o outro saberá servir-se dos braços, mas não do cérebro.

O filho de burgueses se inclinará a julgar como indigno para ele o trabalho manual e como inferiores a ele os que dele vivem; o filho de proletários se verá obrigado a inclinar-se diante da

superioridade do trabalho intelectual e humilhar-se, com admiração, respeito e submissão, diante dos que o exercem.

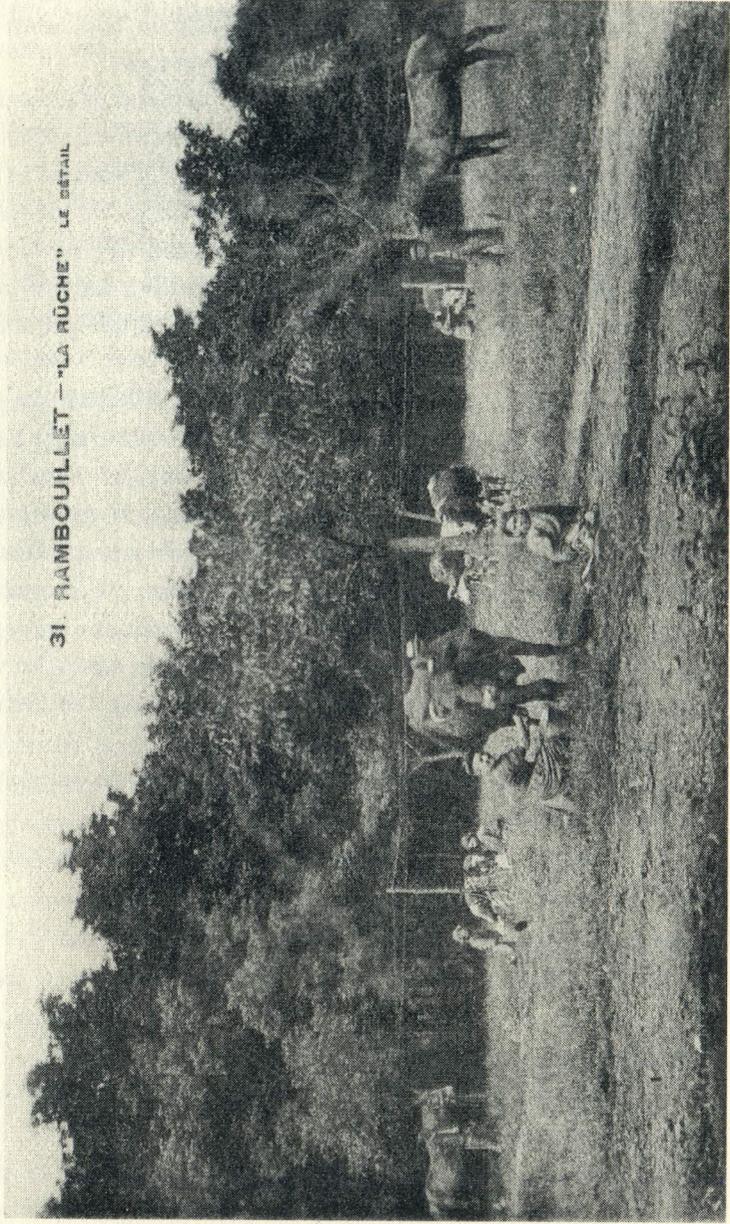
Resultado: do ponto de vista individual, nenhum deles será um ser completo; este, músculos vigorosos, cérebro débil; aquele, cérebro vigoroso, músculos débeis; um e outro, homens incompletos, metades de homens, farrapos humanos. Do ponto de vista social: rivalidade entre trabalhadores manuais e intelectuais; o labor intelectual mais considerado e melhor retribuído que o labor manual; este último continuando indefinidamente a ser inferiorizado, mal retribuído e humilhado.

A educação deve ter por objeto e por resultado formar seres tão completos quanto seja possível, capazes de ir mais além de suas especialidades cotidianas, quando as circunstâncias ou as necessidades o permitam ou o exijam: os trabalhadores manuais, de abordar o estudo de um problema científico, de apreciar uma obra de arte, de conceber ou de executar um plano, até mesmo de participar a uma discussão filosófica; os trabalhadores intelectuais, de pôr a mão à massa, de se servirem com destreza dos seus braços, de fazerem, na fábrica ou nos campos, um papel decente e um trabalho útil.

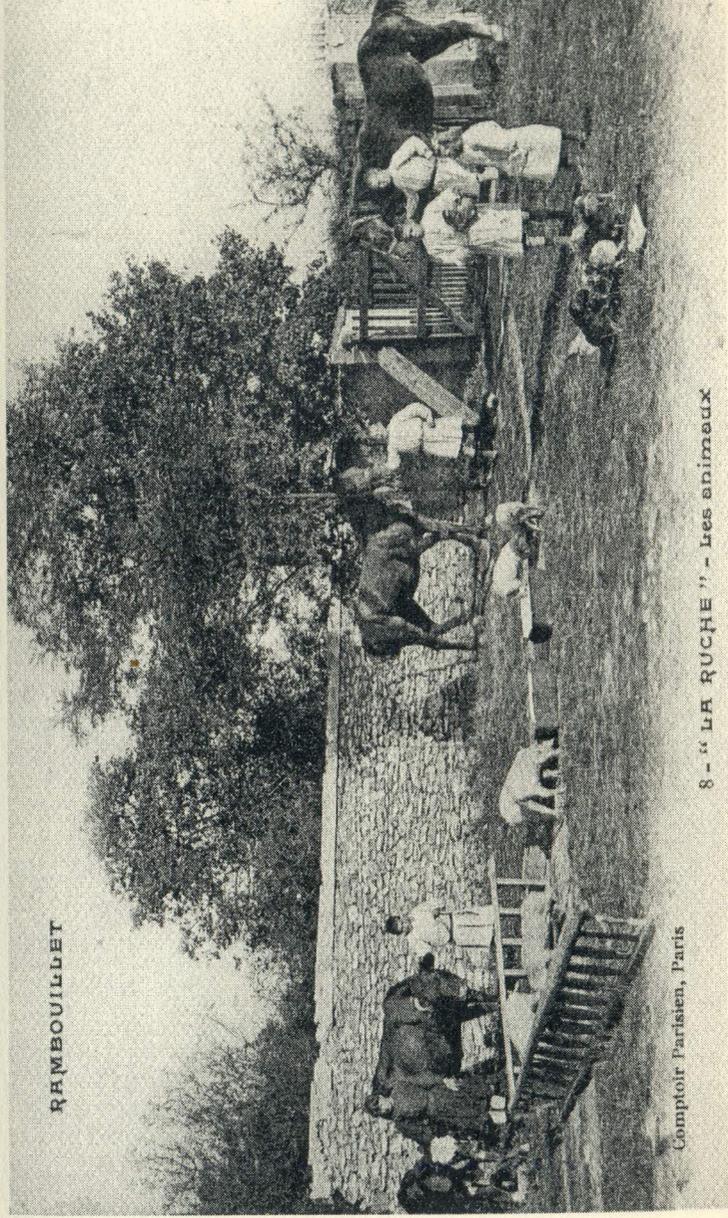
A Colmeia tem a grande ambição e a firme vontade de colocar em circulação alguns indivíduos desta espécie.

É por isso que desenvolvemos simultaneamente a educação geral e o ensino técnico e profissional.

31. RAMBOUILLET - "LA RUCHE" - LE DÉTAIL

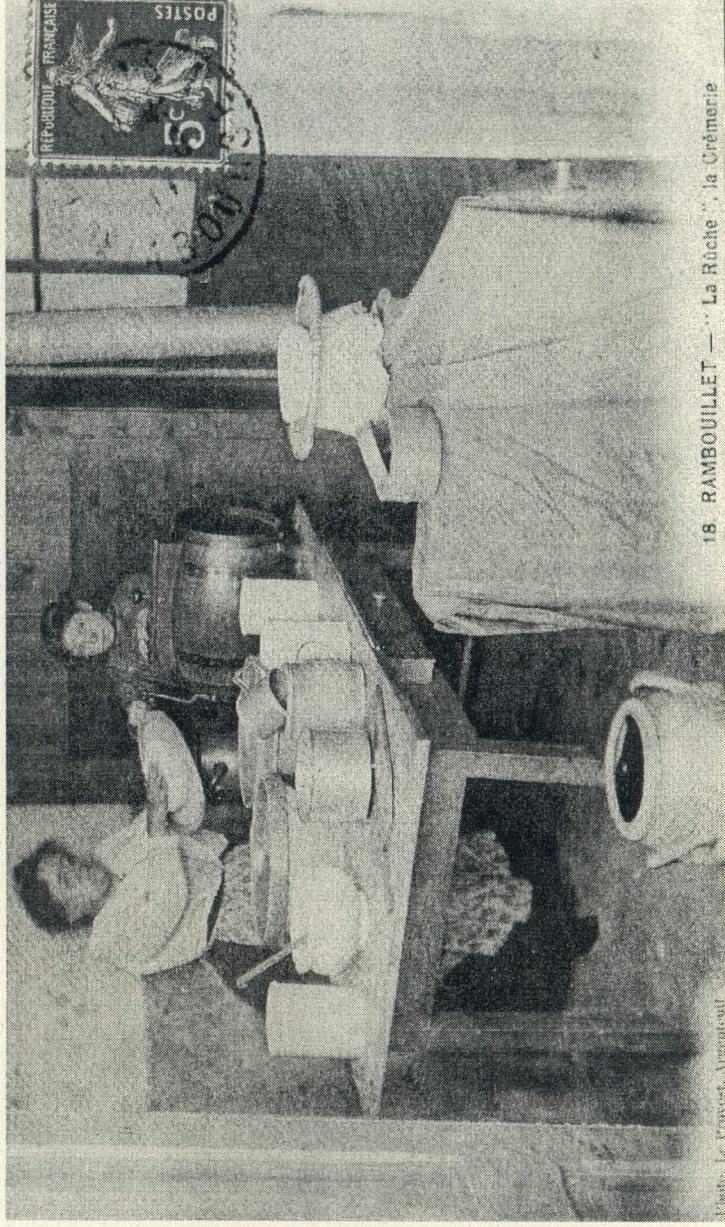


RAMBOUILLET



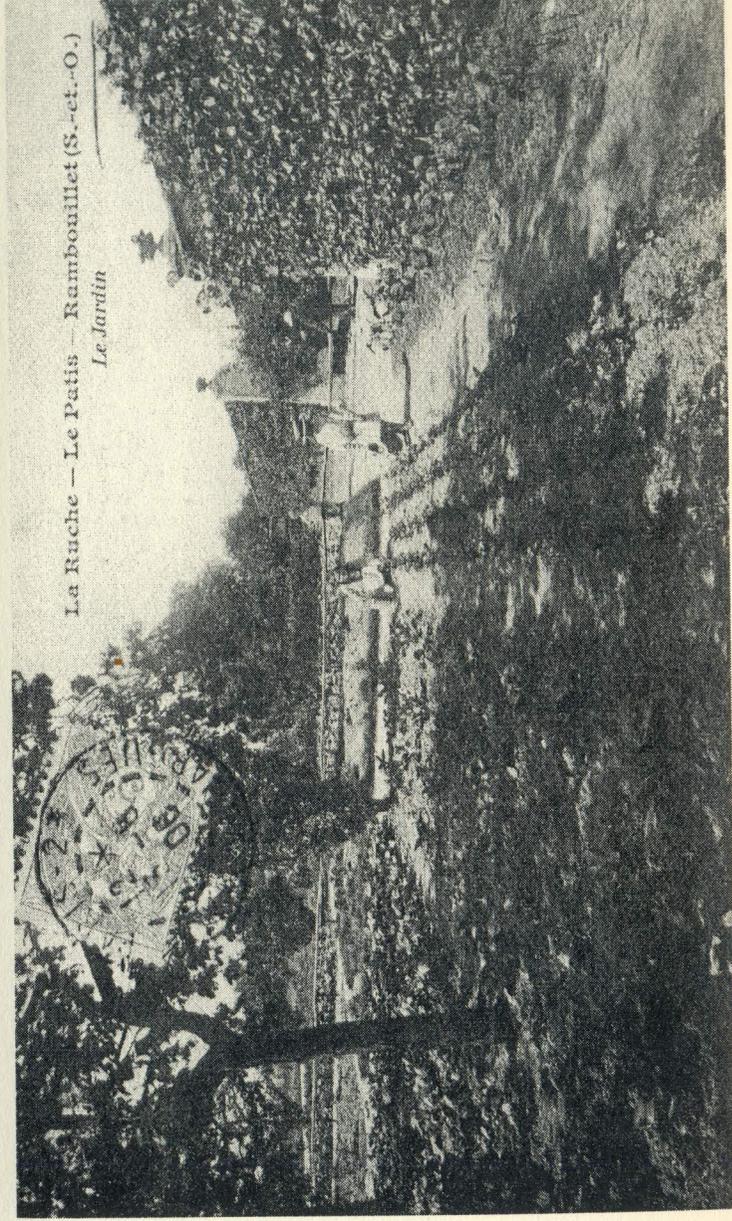
Comptoir Parisien, Paris

8 - "LA RUCHE" - Les animaux

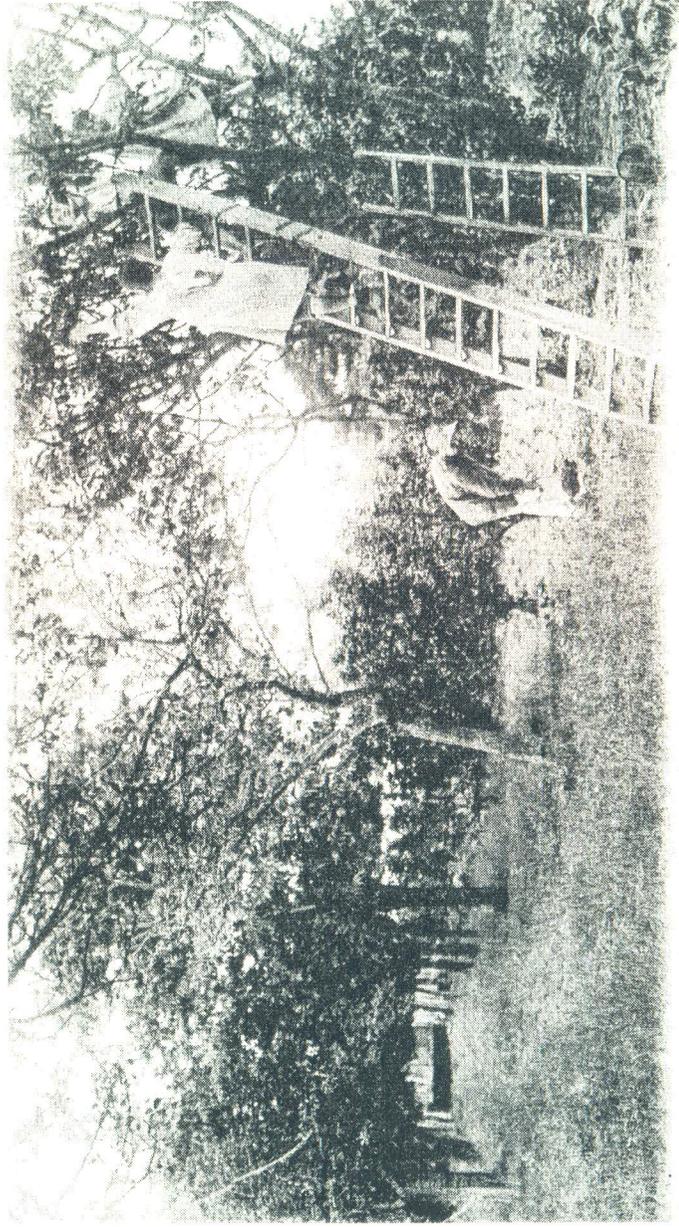


18 RAMBOUILLET — "La Ruche", la Crémérie

Photo: Le Prayest, Argenteuil



La Ruche — Le Pais — Rambouillet (S.-et.-O.)
Le Jardin



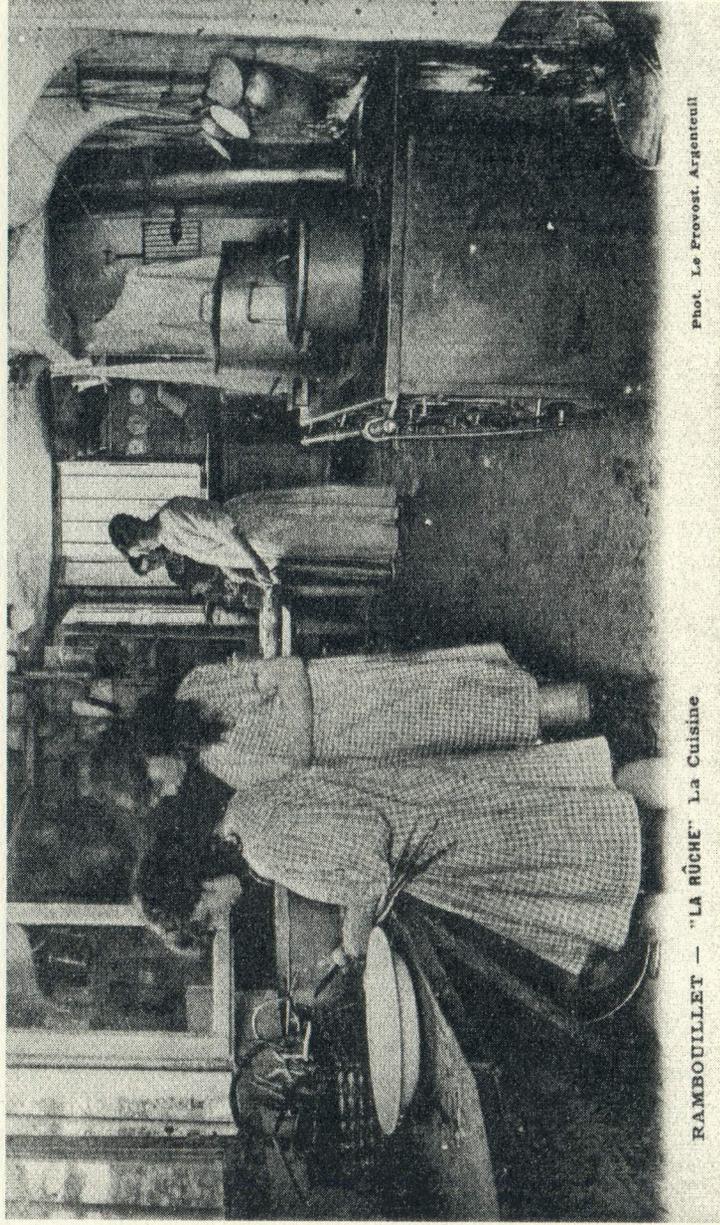
RAMBOUILLET — "LA RÛCHE" La Cueillette

Phot. Le Provost, Argenteuil



RAMBOUILLET LA RÛCHE — EQUIPE DE JARDINIERS

PHOTO. LE PROVOST ARGENTEUIL



RAMBOUILLET — "LA RÛCHE" La Cuisine

Phot. Le Froyost. Argenceuil



La Ruche — Le Patis — Rambouillet (S.-et-O.)
Travail aux Champs

NOSSAS OFICINAS

Até hoje, as nossas oficinas não tem produzido nada para o exterior. A única exceção é o serviço da tipografia.

Marcenaria, forja, alfaiataria, rouparia, encadernação, têm trabalhado somente para as necessidades d'A Colmeia. Na realidade, essas oficinas tem sido e continuam sendo mais serviços do que oficinas propriamente ditas. Algumas, provavelmente, conservarão esse caráter. Outras, como a marcenaria, a encadernação, e talvez a alfaiataria, ao mesmo tempo que continuam sendo serviços e correspondendo sempre às necessidades d'A Colmeia, se tornarão, sem dúvida, em um futuro próximo, oficinas de produção ao mesmo tempo que de aprendizagem.

Quando, ao atingir a idade aproximada dos dezesseis anos, uma criança, um jovem ou uma jovem, possua uma cultura geral suficiente e uma prática profissional que lhe permita trabalhar no exterior e, como operária ou operário, possa cobrir suas necessidades, pode, à sua vontade, abandonar ou continuar n'A Colmeia. É livre e pode fazer sua escolha com toda a independência.

É provável que uma parte desses adultos fique na A Colmeia.

Esses deixarão de formar parte dos nossos pupilos e passarão para as filas dos nossos colaboradores. Temos já alguns que se encontram nesta situação.

Eles trabalham na oficina em que fizeram a sua aprendizagem e exercem o ofício que aprenderam.

Está próximo o tempo em que as nossas costureiras, os nossos marceneiros, os nossos encadernadores estarão em condições de executar com perfeição o trabalho que lhes será encomendado e em que, em cada oficina, serão bastante numerosos para que a sua produção ultrapasse as necessidades correntes d'A Colmeia.

Vislumbramos pois, desde já, a possibilidade de trabalhar para o exterior.

Na marcenaria, propomo-nos a fazer móveis. Nos centros operários, onde se encontra a quase totalidade da nossa clientela, os lares de situação modesta têm que escolher entre um móvel grosseiro, usado, mal acabado, mas relativamente sólido e o móvel vistoso, isto é, elegante, gracioso, ligeiro, mas frágil.

O primeiro não é bonito de ver, mas é resistente, o segundo é agradável de ver mas não suporta grande uso e resiste pouco às travessuras turbulentas das crianças ou aos choques das mudanças.

A Colmeia prestaria um grande serviço à classe operária de Paris e das cidades importantes da província colocando à sua disposição um móvel que evitaria este duplo defeito: rusticidade e fragilidade, isto é, um móvel ao mesmo tempo elegante e forte, atraente e sólido.

A mesma observação prevalece em relação à encadernação: ou é de luxo, ou demasiado rudimentar. De luxo, custa caríssimo, e sendo rudimentar, gasta-se depressa pelo uso.

Para as Bolsas de Trabalho, os sindicatos, as cooperativas, as bibliotecas populares e os companheiros que são chamados

a constituir a nossa clientela, é necessário uma encadernação simplesmente confortável, cujo preço não exceda os já limitados recursos dessa clientela e que seja suficientemente sólida.

Não basta, é certo, produzir bem e em condições vantajosas; é ainda preciso assegurar-se das vendas.

Para A Colmeia, esta questão está de antemão resolvida. Nossos mercados existem: são os sindicatos, as cooperativas, as universidades populares, as Bolsas de Trabalho, as lojas maçônicas, os grupos de vanguarda, todos os amigos d'A Colmeia, e também a multidão de companheiros que, individualmente, seguem com interesse o desenvolvimento da nossa obra.

Bastará apelar a esses mercados para que eles se abram. Temos a certeza disto porque são os companheiros e as organizações que, desde a sua fundação, constituem a clientela da nossa tipografia. Esta funciona há um ano e as encomendas chegam de todas as partes.

O que ocorre com a tipografia, ocorrerá com a encadernação e a marcenaria. Disto não há dúvida alguma.



RAMBOUILLET — "LA RÛCHE" REPASSAGE ET COUTURE

PHOTO. LE PROVOST, ARGENTEUX



La Ruche - Le Patis - Rambouillet
(S.-et-O.)
L'atelier de couture

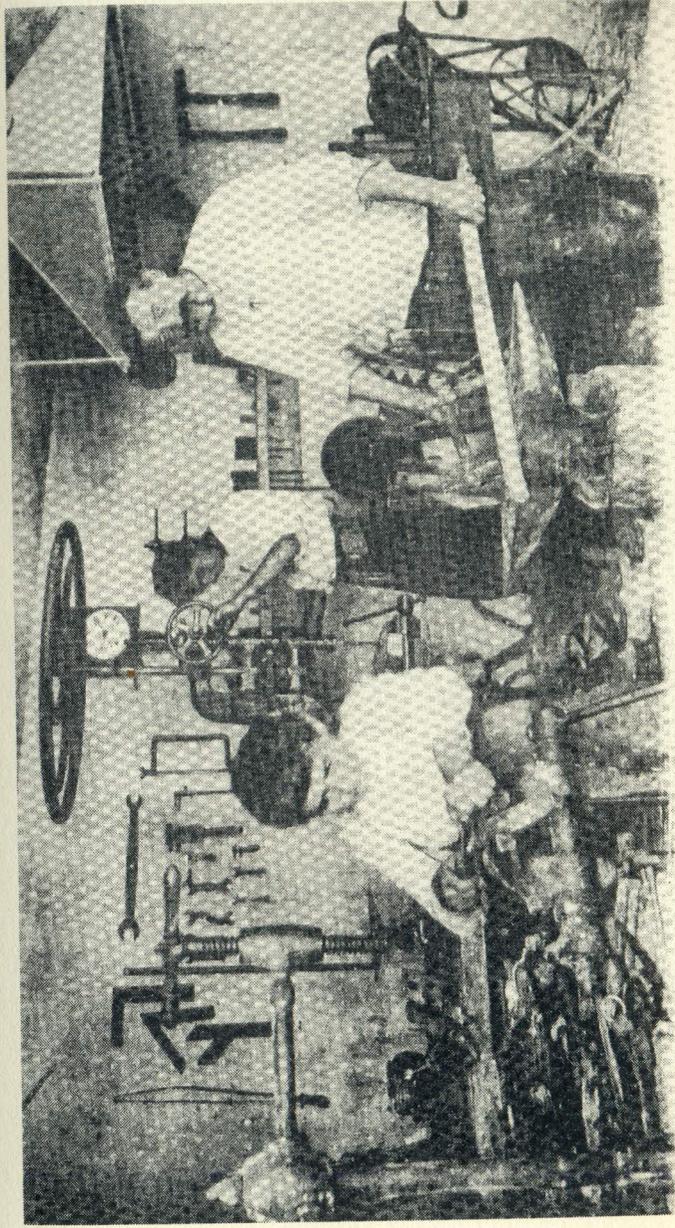


Boygoin & Felle

MAISON FONDÉE EN 1840

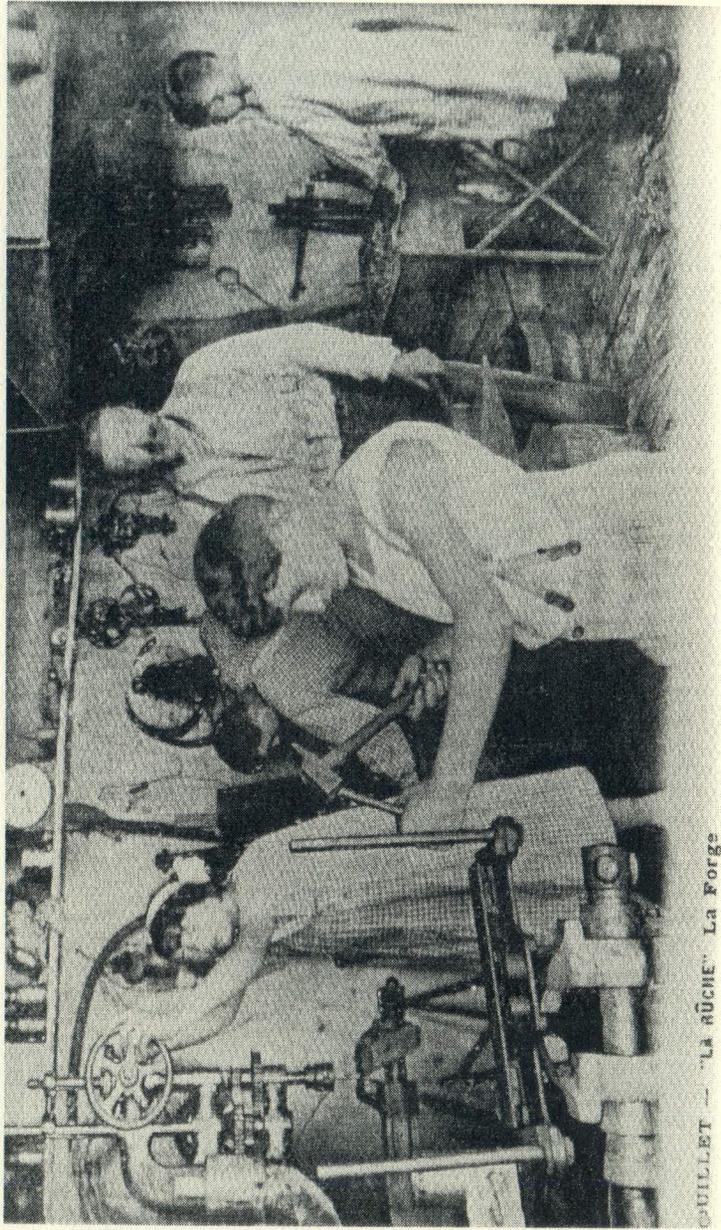
REPUBLIQUE FRANÇAISE
5c
POSTES

La Ruche — Le Patis — Rambouillet (S.-et-O.)
L'atelier de forge
Eponon le 6 Mars 1907.



RAMBOUILLET LA RUCHE - LA FORGE

PH. W. J. PROUET ARGENTELLE

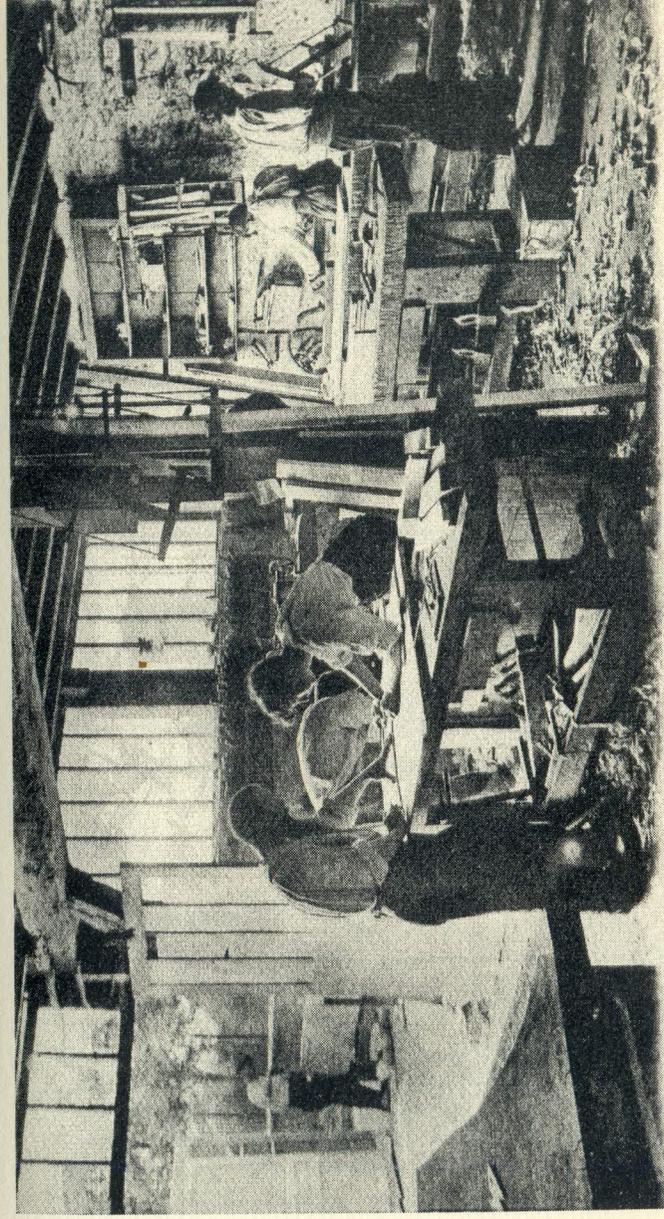
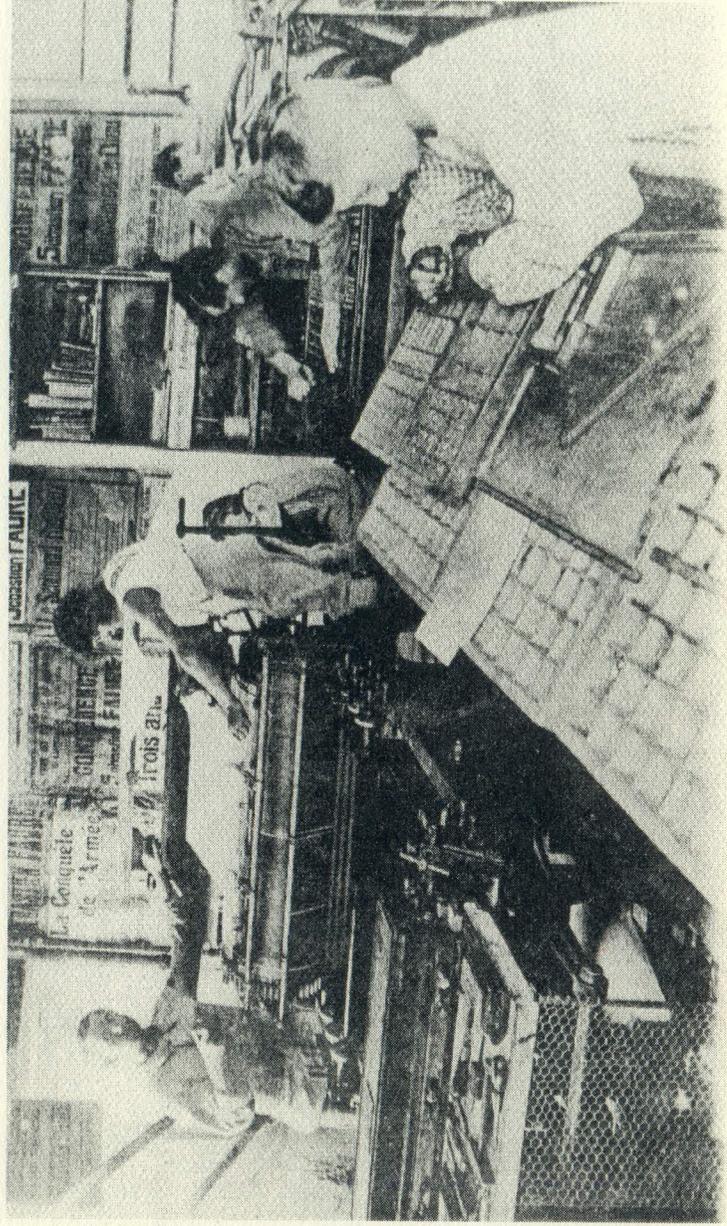


COUILLET — "LA RUCHE" — La Forge



RAMBOUILLET — LA RUCHE — LA RELIURE

PHOTO LE PROUST — ARGENTEUIL



RAMBOUILLET — "LA RUCHE" La Menuiserie

Phot. Le Provost, Argenteuil

NOSSO ORÇAMENTO

Cabe destacar que o que está descrito não é mais do que previsões e esperanças e, por mais razoáveis que umas sejam e por mais bem fundadas que pareçam as outras, não constituem, por enquanto, certezas e realidades sobre as quais possamos nos apoiar seriamente.

Vejamos como, entre 30 de junho de 1913 e 30 de junho de 1914 ficou estabelecido o nosso seguinte orçamento:

Despesas¹

*Orçamento ordinário*²

1. Aluguel e impostos 4.600

1 O nosso balanço das despesas compreende duas partes: a parte fixa, tendo um caráter regular e abrangendo as despesas correntes (é o orçamento ordinário), e a parte móvel, correspondendo às despesas excepcionais e experimentando as flutuações impostas pelas circunstâncias (é o orçamento extraordinário).

2 Todas as quantidades são em Franco francês. (N. R.)

2. Alimentação (60 pessoas, a razão de 0,75fr por dia por pessoa)	16.425
3. Vestuário (7,50 fr por mês e por pessoa) ³	5.400
4. Iluminação (50 francos por mês)	600
5. Aquecimento (100 francos por mês)	1.200
6. Lavagem de roupa (60 francos por mês)	720
7. Utensílios escolares	600
8. Biblioteca, jornais, revistas	300
9. Médico, dentista, farmácia	600
10. Correspondência	600
11. Dinheiro para pequenos gastos dos colaboradores	3.600
12. Viagens, solidariedade, imprevistos, diversos ..	300
13. Conservação do material	1.500

Orçamento extraordinário

1. Soma destinada, de 30 de junho de 1913 30 de junho de 1914, à organização do nosso ensino profissional, à instalação e à equipagem das nossas oficinas de aprendizagem e de produção	10.000
2. Gastos de trabalhos executados para reparações, corte de madeiras e construção de imóveis	3.000

Total. 51.445

Receitas

1. Subscrições	8.123
----------------------	-------

³ A maioria dessas cifras são aproximadas. Não creio ser necessário indicar em detalhe francos e cêntimos, o que não retira sua precisão.

2. Tipografia (lucros líquidos)	3.946
3. Festivais n'A Colmeia e em viagem com as crianças	3.857
4. Produtos da propriedade: terras, hortas, colmeias, criação	4.000
5. Serviço de livraria (cartas, postais, brochuras, etc.)	1.800

Total. 21.726

Déficit. 29.719!

Entre as nossas despesas e as nossas receitas, a diferença foi, portanto, de 29.719 francos: 30.000 francos em cifras redondas.

Este déficit de 30.000 francos foi coberto com o produto das minhas conferências realizadas dentro do mesmo prazo, seja de 30 de Junho de 1913 a 30 de Junho de 1914.

Deve-se reconhecer que este déficit é considerável e preocupante.

Já não estou mais nos dias da minha juventude, chego à idade em que as forças começam a diminuir. Sinto-me ainda forte e em boa saúde; tenho o mesmo entusiasmo no trabalho, a mesma energia, a mesma resistência que a vinte anos atrás. Mas vê-se bem que não poderei prolongar impunemente por mais alguns anos o esforço contínuo e enorme que tenho realizado há mais de trinta anos. Apesar de tudo, a velhice chega, acompanhada do seu inevitável e doloroso cortejo de fraquezas e enfermidades.

Também é prudente prever a doença, o acidente ou a morte, que poderão de improviso desabar sobre mim, levar-me brusca-mente ou deixar-me fora de combate.

E, examinando as cifras acima, os amigos d'A Colmeia poderão conjecturar grandes temores sobre seu futuro.

Poderão temer que, vindo a faltar subitamente o aporte de capital que desde a sua fundação faço a cada ano para a Colmeia, esta obra desapareça sob o peso das cargas que têm se tornado demasiado pesadas.

Compreendo os alarmes dos nossos amigos e há muito tempo que vivo, a despeito do meu grande otimismo, na angústia de passar por uma dessas eventualidades que enumerei mais acima e por esta inevitável fatalidade: a velhice, em cujas portas já me encontro.

S.F

CONFIANÇA NO FUTURO

Pois bem, que nossos amigos se tranquilizem. Pouco tempo nos separa do momento em que A Colmeia, deixando de depender dos recursos de caráter necessariamente aleatório que advêm das minhas conferências, chegará a manter-se por si própria, terminando por substituir estes ingressos incertos por outros recursos de caráter regular e garantido.

Convém notar que, até o fim de 1915, o nosso orçamento das despesas permanecerá pouco mais ou menos o mesmo de hoje: uns cinquenta e um mil francos.

Não obstante, nessa ocasião, nossas instalações profissionais e as máquinas industriais já serão suficientes. Poderemos então suprimir do orçamento das nossas despesas esta soma de quinze mil francos que constitui atualmente o nosso orçamento extraordinário.

Então, as nossas despesas serão reduzidas a trinta e seis mil francos do nosso orçamento ordinário. Os nossos recursos, prescindindo dos recursos das minhas conferências, se elevarão a vinte mil francos, reduzindo a diferença a quatorze mil francos.

Segundo todas as estimativas, as nossas oficinas de marcenaria e de encadernação, ao mesmo tempo que continuam sendo oficinas de aprendizagem, se tornarão também de produção. Os nossos serviços de tipografia e de livraria terão tido certo crescimento. Será excessivo ou insensato esperar que estas previsões, aliás muito razoáveis, tornem-se realidade e esse déficit de quatorze mil venha a ser coberto? Francamente, penso que é possível e assim o creio.

Seja como for, os nossos esforços tendem para este fim e temos, eu e os meus colaboradores, plena confiança que o atingiremos.

O mais difícil está feito. Vencemos as primeiras e as maiores dificuldades, atravessamos o período da dúvida e, por mais longínquo que apareça ainda este fim tão desejável e tão ardentemente desejado, é certo que o caminho já percorrido é muito mais longo e mais árduo que aquele que nos falta ainda percorrer.

A nossa confiança é, pois, legítima; tem fundamento e, por isso, é inquebrável.

NOSSO FESTIVAL ANUAL

Cada ano, com a chegada do verão, geralmente no primeiro ou no segundo domingo do mês de agosto, organizamos, n'A Colmeia, um grande festival.

Este festival se realiza no terreno da propriedade que ocupamos.

Convidamos todos os amigos d'A Colmeia e a população de Rambouillet. Os habitantes de Rambouillet e da região vizinha vêm em grande número, a maior parte deles levados pela curiosidade ou pelo desejo de ver de perto de que são feitos os ferozes anarquistas, segundo a reputação que temos, e os terríveis sindicalistas e revolucionários que, nesse dia, vêm nos ver.

Efetivamente nessa ocasião reúnem-se n'A Colmeia, aos milhares, socialistas, sindicalistas e libertários.

O espetáculo destes milhares de companheiros vindos para passar conosco e com as nossas crianças um dia ao ar livre, ao sol e de saudável regozijo é muito interessante.

Eles se agrupam por afinidades, algumas vezes por organização e as mais das vezes ao acaso dos encontros, porque sabem

muito bem que todos são amigos d'A Colmeia e, por conseguinte, são amigos entre si. Espalham-se pelos bosques, assentam-se, almoçam e jantam ao ar livre, na sombra. E o dia, que para nossa infelicidade se torna demasiado curto, transcorre alegre e divertido.

À tarde, graças à inestimável e maravilhosa colaboração de uma banda vinda de Paris e composta exclusivamente de companheiros, as nossas crianças oferecem um concerto aos nossos visitantes. E cada um escuta atento e fascinado os cantos que executam as vozes frescas, firmes, sonoras e bem afinadas dos nossos pequenos.

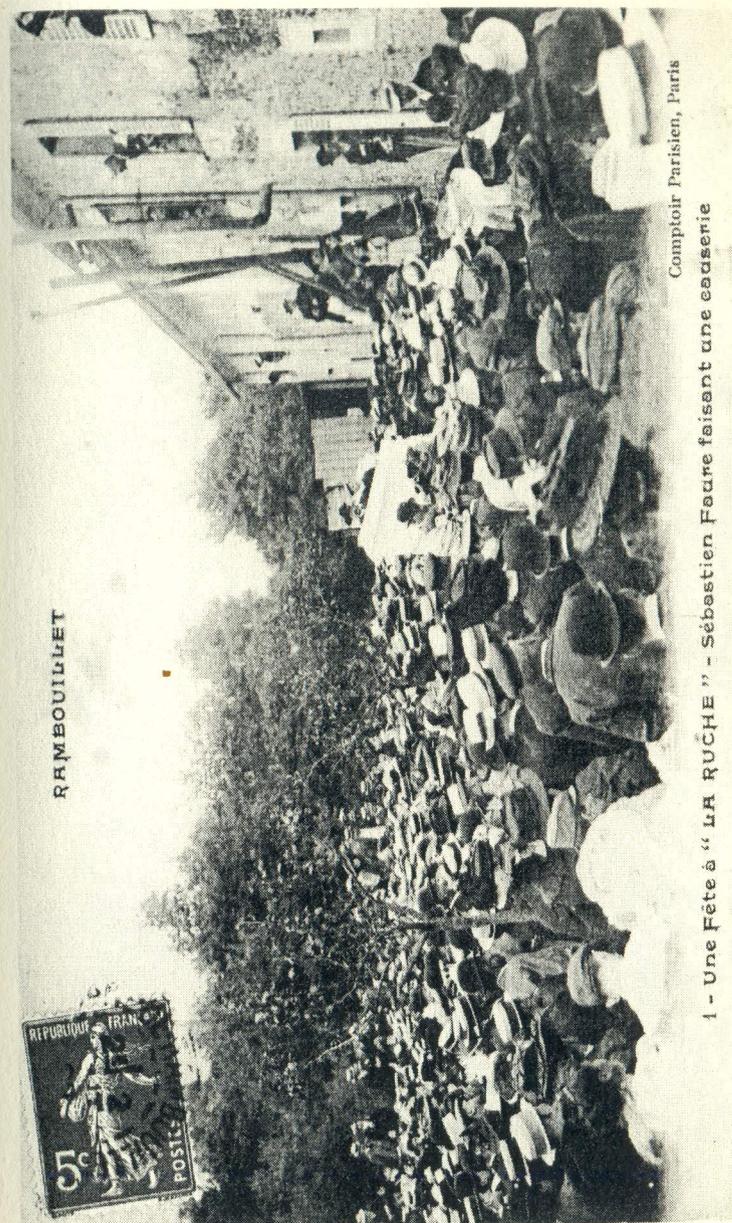
Depois, chegada a noite, a Colmeia se ilumina: centenas de lanternas penduradas nas árvores lhe fornecem um ar festivo dos mais atrativos.

Fogos de artifício e um baile encerram o festival.

Todo mundo leva, nos seus pulmões, uma provisão de ar puro e vivificante e, nos seus corações, a alegria e a emoção, por muito tempo.

Esta grande celebração é uma oportunidade, aos que nunca viram a Colmeia, de visitá-la detalhadamente, e aos que já a conhecem, o momento de rever o ambiente no qual crescem as nossas queridas crianças, que são também um pouco as suas, e verificar o contínuo desenvolvimento da obra.

A nossa festa anual tornou-se uma espécie de peregrinação que os nossos amigos de todas as partes têm o gosto de realizar.

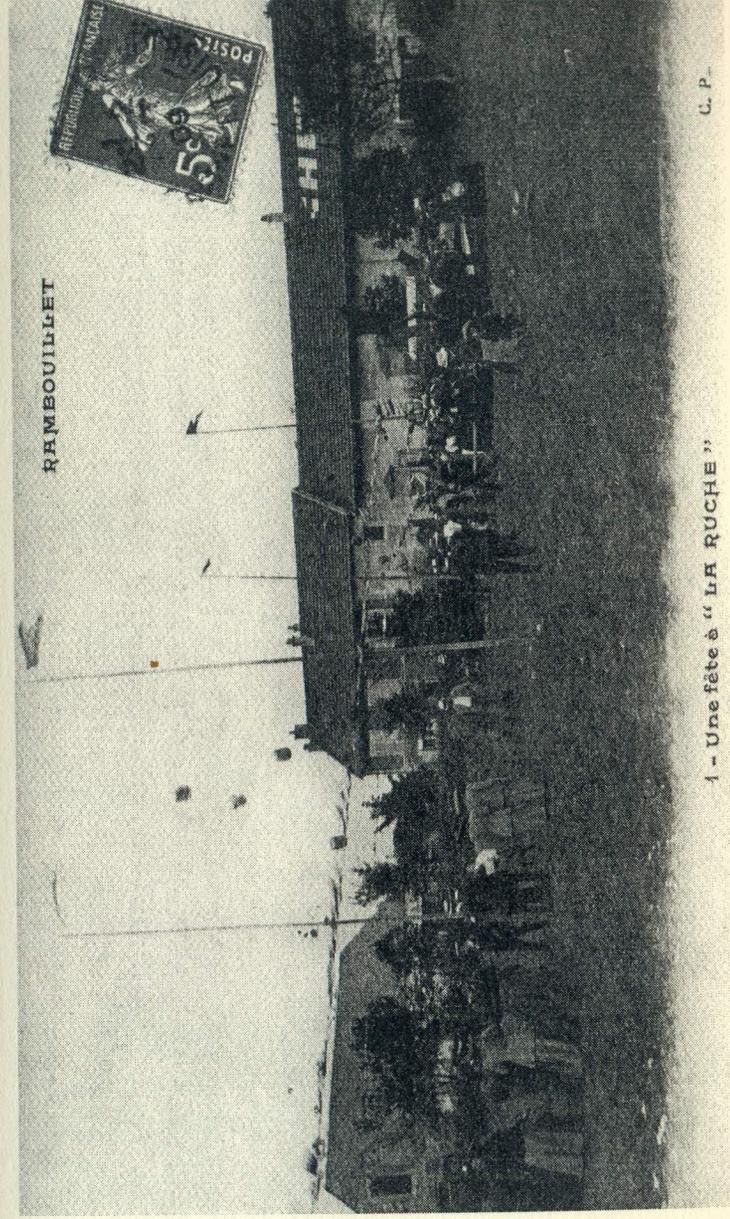


1 - Une Fête à "LA RUCHE" - Sébastien Faure faisant une cadserie

RAMBOUILLET - 2 - Vue de la Forêt, prise d'une
fenêtre de " LA RUCHE " un jour de fête



Comptoir Parisien, Paris



1 - Une fête à " LA RUCHE "

C. P.



3 - "LA RUCHE" un jour de fête

C. P.

NOSSAS VIAGENS

Durante as nossas férias, as nossas crianças fazem uma viagem, ora em uma região, ora em outra. É assim que, desde a fundação d'A Colmeia, a nossa pequena caravana visitou, de norte a sul, de leste a oeste, a França quase toda.

Este ano, percorremos a Argélia e, depois de nos havermos demorado nas principais cidades desta maravilhosa região, fomos até Tunis.

Poder-se-ia supor que esta viagem anual é como uma recompensa oferecida às crianças de maior mérito.

Erro! Se todas as nossas crianças não fazem parte da nossa caravana, não é sua conduta, durante o ano transcorrido, o que serve de base para uma indispensável seleção.

Se não as conduzimos todas, é, de uma parte, porque os gastos de viagem seriam demasiado elevados, de outra, porque não seria razoável interromper a aprendizagem dos mais velhos (que, de resto, já viajaram nos anos anteriores) e expor os menores às fadigas de uma viagem que seria de pouca utilidade para eles.

É a idade que decide. Os mais velhos não viajam mais e os mais moços não viajam ainda, só aqueles que estão entre os dez e os quinze anos se põem a caminho.

Cada qual por sua vez!

Desta forma não há e nem pode haver nem inveja, nem injustiça.

Quando o número de crianças que devem constituir a pequena caravana (este número é, geralmente de 20 a 25) está fixado e quando já temos escolhida a região a percorrer, traçamos o nosso itinerário e a lista das cidades onde faremos uma parada e daremos festas.

À nossa chegada, a qualquer localidade, os companheiros, já avisados, vão na estação buscar as crianças para reparti-las por diferentes casas. São desde logo combinados encontros para a visita de tudo o que pode interessar os jovens viajantes: monumentos, museus, fábricas e curiosidades.

As nossas paradas são curtas. Ao partir, os amigos que receberam as nossas crianças nas suas casas as conduzem até a estação, apertam-se as mãos, abraçam-se, prometem-se escrever e os olhos umedecem-se quando o trem parte, levando as nossas crianças para outras cidades e outros amigos.

Têm-se formulado críticas e exprimido temores a respeito destas viagens.

Alguns disseram: “Durante essas múltiplas excursões, vossos filhos perderão os seus melhores hábitos, ao contato com as famílias que os receberem, as crianças com as quais se ligarem no seio dessas famílias e dos meios diversos cuja influência fatalmente sofrerão. Poderão colocar em perigo a pureza de seus corações e a candura de seus sentimentos. Por uns animados, arrastados por outros, contrairão hábitos em contradição com os adquiridos n’A Colmeia e, ao voltarem, serão necessários dias, semanas, talvez meses, para os levar de novo ao ponto que haviam antes alcançado. Ha que ter cuidado.”

Disseram outros: “É perigoso exhibir crianças em um palco, diante do público. Composto de elementos simpáticos, o auditório as festejará, será pródigo em aplausos, sendo objeto de uma espécie de inveja e admiração por parte das outras crianças e sentindo-se alvo de todos os olhares, elas insensivelmente se deixarão levar pela presunção e pela fanfarronice. Reflitam sobre isso!”

Algo há de verdade em tais apreensões; porém, muito pouco!

Aos primeiros, respondo que apenas confiamos nossos filhos a amigos sérios e a famílias conhecidas, que ao entregarmos os nossos pequenos a esses amigos como se lhes puséssemos em mãos o mais precioso depósito, temos o cuidado de lhes fazer verbalmente e por escrito todas as possíveis recomendações e por isso todo o perigo é descartado de antemão. Não devem, os nossos filhos, ir pouco a pouco acostumando-se a abrir os olhos e exercitar seu senso crítico e suas faculdades de observação no mundo em que, mais cedo ou mais tarde, terão que viver? Não é desejável e útil que eles estejam em condições de estabelecer pontos de comparação entre esse mundo e a Colmeia, para que possa melhor sentir e apreciar a superioridade dos sentimentos, e das ideias que nela se tenta inculcar-lhes, dos ensinamentos e exemplos que lhes damos?

Aos segundos respondo que as crianças só se tornam vaidosas e presunçosas quando insistimos em separar algumas do grupo de que fazem parte para as pôr em destaque e atrair mais particularmente a atenção para esses poucos personagens de elite. Nós nos abtemos perfeitamente de incorrer neste defeito: no transcorrer dos nossos festivais, o palco está quase constantemente ocupado pela totalidade dos nossos pequenos artistas. Trata-se de cantar? Pois só cantarão em coro. Vai-se representar uma pequena comédia? Dispostos as coisas de modo que todos, do menor ao maior, tenham que dizer alguma coisa e desempenhar o seu papel.

Dessa maneira, os aplausos cabem a todos e não a meia dúzia. Nenhum deles é levado a julgar-se superior nem indispensável. A tentação de vaidade, da presunção e da soberba, acha-se assim reduzida a quase nada.

Quanto à cabotinagem, provém quase exclusivamente da má escolha das personagens e dos papéis confiados às crianças, das roupas com que se vestem, dos sentimentos e das ideias que interpretam. Como não caírem na cabotinagem esses garotos que se vestem de generais, essas garotas vestidas de francesas, essas crianças de dez, doze e quatorze anos que se fazem falar como se tivessem trinta ou quarenta e a que se mandam exprimir ideias que são incapazes de conceber e sentimentos que não podem experimentar?

Em um programa executado por crianças, nada deve estar acima de sua idade, tudo lhes deve estar em proporção a seu pequeno tamanho.

As crianças devem expressar em cena somente ideias que compreendem e sentimentos que sejam capazes de experimentar.

Só com esta condição é que a criança conserva a sua ingenuidade, essa naturalidade que constitui o seu encanto, só com esta condição é que ela evita a cabotinagem.

Pelo que foi dito, vê-se que os perigos que nos assinalaram são mais aparentes do que reais, e creio que essas explicações bastarão para demonstrar que, se há perigos, podem ser evitados.

E oponho a esses temores injustificados, ou, pelo menos, excessivos, as vantagens múltiplas e importantes que comportam tais viagens.

As viagens tornam a Colmeia conhecida por um número considerável de pessoas que de outro modo lhe ignorariam a existência. Anualmente, tais viagens proporcionam à nossa obra recursos que, absolutamente, não são para desprezar, atraem a atenção dos educados profissionais, dos pais e das mães para os

nossos processos pedagógicos, os nossos métodos educativos; suscitam a discussões do mais alto interesse, incitam os pais a inspirar-se, para a educação de seus filhos, em nossas doutrinas e em nossos exemplos.

Estas vantagens têm um grande valor.

Quanto às vantagens que as nossas crianças colhem de tais viagens, pode-se fazer delas uma ideia por esta passagem que destaco de uma carta escrita por ocasião de nossa recente viagem ao Norte da África e que os meus amigos d'A Colmeia julgaram conveniente publicar no *Boletim d'A Colmeia*¹.

“Que viagem esplêndida temos feito! Que maravilhosas regiões temos atravessado! O norte da África é uma região soberba.

Visitamos: Oran, Bel-Abbès, Tlemceu, Perrégaux, Mostaganem, Orléansville, Marengo, Blida Argélia, Menerville, Sébif Constantino, Philipeville e Bône. E terminaremos esta viagem extremamente interessante por uma das cidades mais belas e mais curiosas do mundo: Tunís.

Consultai o mapa da Argélia-Tunísia. Podeis mentalmente percorrer conosco o itinerário que seguimos e verificar que os nossos meninos efetuaram, através deste país admirável, uma viagem que a pouquíssimas crianças da idade deles é dado realizar, inclusive as mais favorecidas da fortuna.

Por toda parte visitamos o que para os nossos pequenos pode e deve ser particularmente agradável e instrutivo: lugares pitorescos, monumentos curiosos, ruínas interessantes, indústrias especiais etc., etc. Foi, para as crianças, como o descobrimento de um novo mundo de que quase não suspeitavam. Era de ver como arregalavam os olhos, estupefatos e enlevados, para contemplar, especialmente em Tlemceu, Blida, Argel e Constantina, estas duas civilizações que se avizinham, que se misturam, que as vezes se emaranham, sem

1 Le Bulletin de La Ruche, ano 1, nº9, 10 de julho de 1914.

todavia se amalgamarem nem confundirem, cada qual conservando ciosamente seus costumes, seus trajes, sua linguagem, sua habitação, suas práticas religiosas, civilizações oriental e ocidental, africana e europeia, muçulmana, judaica e cristã.

Que bela lição de coisas! Que curso maravilhoso de geografia e história! E que diferença entre a criança que, pelo estudo habitual de geografia e da história e pelos meios ordinários que comporta este estudo, tenta fazer uma ideia exata da vida presente e do passado das populações que habitam essas regiões, e a criança que, pelos olhos, ouvidos e todos os sentidos, enche sem esforço e com prazer sua inteligência e sua memória dos rumores, imagens, cores, sensações que lhe são comunicadas pelo contato dessas próprias populações do solo sobre o qual se desenvolveram, dos monumentos que atestam seu passado e dos costumes que dizem de sua história!

Os nossos pequenos podem viver muito. Por mais velhos que fiquem, nunca apagarão da memória tais lembranças.

O acolhimento que em toda parte tivemos foi simples, cordial, comovedor. Em cada cidade encontramos braços abertos e corações afetuosos, em todos os lugares as nossas crianças deixaram saudades e muitos olhos se encheram de lágrimas no momento da despedida.

Tais amigos jamais esquecerão dos nossos pequenos, já sabem e sempre saberão, de agora em diante que basta ser d'A Colmeia para encontrar, seja na Argélia ou na França, camaradas solícitos e amigos certos.

Possam as fronteiras de seus jovens corações alargar-se sem cessar e habituar-se a abraçar, em um mesmo sentimento de fraternal solidariedade, todos aqueles que, sejam quais forem a terra em que vivam, as vestes que usem, a língua que falem, aspirem à emancipação universal.

O BOLETIM D'A COLMEIA

Já que acabo de citar o *Boletim*, não é inútil que se diga algumas palavras, que se saibam as considerações que nos levaram a criá-lo, em que consiste, e as felizes consequências que dele esperamos.

Diariamente recebemos cartas que nos pedem informações das mais diversas a respeito d'A Colmeia.

O número desses pedidos aumenta de mês para mês.

Além disso, para responder a todos, seria necessário que um de nós não fizesse outra coisa. Temos a certeza de que as informações pedidas e dadas não interessam somente aos curiosos ou aos companheiros que as solicitam, mas também que um bom número de outros se sentiriam felizes em obtê-las.

A importância cada vez maior dessa correspondência, prova, além disso:

- 1) Que o número dos amigos ou simpatizantes que seguem com interesse o desenvolvimento d'A Colmeia se torna cada vez mais considerável;
- 2) Que a atenção com que seguem este trabalho cresce em proporção ao seu número;

3) Que a Colmeia se tornou, pouco a pouco, uma dessas tentativas de cujo êxito exultam e cujo fracasso entristeceria as pessoas que se preocupam e se apaixonam, com razão, pelos problemas relacionados à educação.

Desde algum tempo que havíamos planejado o projeto de publicar, uma vez ou duas por mês, um *Boletim*. Mas, onde mandar imprimi-lo?

Em Rambouillet? Nem em sonho, os nossos amigos podem adivinhar o por quê.

Em Paris? Certamente, Rambouillet não se acha muito longe de Paris, todavia a composição, a tiragem e a expedição desse *Boletim* teriam acarretado grandes despesas e uma perda de tempo lamentável.

Hoje a Colmeia já tem a sua própria tipografia. Essas dificuldades de ordem prática desapareceram. E nos decidimos.

Este *Boletim* aparece regularmente nos dias 10 e 25 de cada mês.

Cada número contém: um artigo de Sèbastien Faure; um artigo dos nossos colaboradores regulares: Léon Clément, André Girard, C. A. Laisant, G. Yvetot, J. Marestan (posteriormente, outros nomes se juntarão a esses); uma crônica pedagógica ou educativa escrita por um dos três professores que estão encarregados do ensino n'A Colmeia; notas sobre higiene e medicina pelo Dr. A. Mignon e Dr. Elosu: notas simples, claras, precisas, cuja leitura é utilíssima aos educadores e aos pais; uma série de pequenos "fatos" sob a rubrica: "Andando de flor em flor"; notícias d'A Colmeia; finalmente, uma canção ou um coro (letra e música). Ademais, essa canção é publicada em papel especial, o que tornará fácil, reunindo-as, fazer uma coletânea única, interessante, variada, utilíssima para as famílias, aos educadores, aos grupos de alunos etc.

Esse *Boletim* não é vendido avulso, não é encontrado nem nos quiosques nem nas casas de jornais. Só é distribuído aos assinantes.

A assinatura é fixada em quatro francos por ano para a França, e cinco francos por ano para o exterior.

A publicação regular desse *Boletim* quinzenal estreita os laços que já unem todos os camaradas que se interessam pela Colmeia e os põem a par dos mil detalhes que desejam conhecer.

Estabelece entre a *Colmeia* e seus numerosos amigos relações constantes e fraternais.

Na data em que escrevo estas linhas (25 de julho 1914) já apareceram 10 números e o número de assinantes não está longe de mil.

Esta cifra mostra que a publicação deste *Boletim* corresponde a uma verdadeira necessidade.

Le Bulletin de "La Ruche"

ABONNEMENTS

par an
France... .. 4 fr.
Etranger... .. 5 fr.

PARAIT LE 10 ET LE 25 DE CHAQUE MOIS

Toutes les communications doivent être adressées à l'Administrateur de l'Imprimerie de « La Ruche », Rambouillet (Seine-et-Oise).

Penser

Vouloir

Agir

SOMMAIRE

Notre Bulletin, La Ruche. — *Partis sociaux de la Ruche*, par Sébastien FAURE. — *Educateur libérateur*, par C.-A. LAISANT. — *Hygiène : Médecine pratique, les engelures*, par le Dr A. MIGNON. — *En butinant*. — *Tribune pédagogique : De l'Education physique* par L. ROUQUET. — *Bibliographie*. — *Chanson : L'Internationale des Enfants*.

Notre "Bulletin"

Nous recevons chaque jour des lettres nous demandant sur la Ruche les renseignements les plus divers et les plus précis.

Le nombre de ces demandes augmente de mois en mois.

Outre que, pour y répondre, il faudrait que l'un de nous ne fit pas autre chose, nous avons la certitude que les renseignements demandés et donnés n'intéressent pas seulement les curieux ou les camarades qui les sollicitent, mais que bon nombre d'autres seraient heureux de les avoir.

L'importance sans cesse accrue de cette correspondance prouve, en outre :

1° Que le nombre des amis ou sympathiques qui suivent avec intérêt le développement de la Ruche devient de plus en plus considérable;

2° Que l'attention avec laquelle ils suivent la marche de l'œuvre croît en proportion de leur nombre;

3° Que la Ruche est devenue, peu à peu, une de ces tentatives dont la réussite réjouit et dont l'échec attristerait les personnes que préoccupent et passionnent, à juste titre, les problèmes se rattachant à l'éducation.

Depuis longtemps déjà, nous avons formé le projet de publier, une fois ou deux par mois, un Bulletin. Mais, où le faire imprimer ?

A Rambouillet ? Il n'y fallait pas songer; nos amis devinent pourquoi.

A Paris ? Certes, Rambouillet n'est pas fort éloigné de Paris; toutefois, la composition, le tirage et l'expédition de ce Bulletin eussent entraîné de lourdes dépenses et une perte de temps regrettable.

Aujourd'hui, la Ruche a son imprimerie, bien à elle. Ces difficultés d'ordre pratique disparaissent; et nous nous décidons.

Ce Bulletin paraîtra régulièrement le 10 et le 25 de chaque mois.

Chaque numéro contiendra : un article de Sébastien Faure; un article d'un de nos collaborateurs réguliers : Léon Clément, André Girard, C.-A. Laisant, G. Yvetot (par la suite, d'autres noms s'ajouteront à ceux-ci); une chronique pédagogique ou éducative due à la plume d'un des trois professeurs qui sont chargés de l'enseignement à la Ruche; des notes sur l'hygiène et la médecine, par le Dr A. Mignon, notes simples, claires, précises, dont la lecture sera fort utile aux éducateurs et aux parents; une série de petits « échos », sous la rubrique : « En butinant »; des nouvelles de la Ruche; enfin, une chanson ou un chœur (paroles et musique). Cette chanson, tirée sur papier spécial, sera simplement encartée dans le Bulletin; elle en sera donc facilement détachée et il sera aisé d'en faire, en les réunissant, un Recueil unique, intéressant, varié, fort utile aux familles, aux instituteurs, aux groupes de pupilles, etc.

Ce Bulletin ne sera pas vendu au numéro; on ne le trouvera ni dans les kiosques, ni chez les marchands de journaux. Il ne comptera que des abonnés.

L'abonnement est fixé à : quatre francs, par an, pour la France et cinq francs, par an, pour l'étranger.

LA RUCHE

Œuvre de Solidarité
et d'Éducation



Supplément au Bulletin du 10 Avril 1914.

BULLETIN D'ABONNEMENT

à retourner à « la Ruche », Service de l'Imprimerie, Rambouillet.

Je soussigné (1) _____,
demeurant (2) _____,
souscrit à un abonnement d'un an au *Bulletin de La Ruche*.
Ci-joint, en un mandat-poste, la somme de (3) _____,
montant de cet abonnement.
Ce (4) _____ Signature,

Liste des personnes susceptibles de s'abonner

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____
8. _____
9. _____

(1) Nom et prénom. Profession.

(2) Adresse exacte.

(3) 4 francs pour la France, 5 francs pour l'Étranger.

(4) Date.

NOTA. — Prière d'écrire très lisiblement, pour éviter toute erreur.

MEIOS PARA AUXILIAR A COLMEIA

São numerosas as pessoas que manifestam a intenção de auxiliar materialmente o nosso gesto de solidariedade e o nosso esforço de educação e que, não sabendo como fazê-lo, nos consultam a respeito.

Aprovar este gesto é bom, aplaudir este gesto é bom, associar-se a ele é melhor.

Mas, como, por quais meios e em que condições?

Indicaremos aqui os meios já empregados e conhecidos e acrescentaremos outros.

O primeiro meio, isto é, o que antes de qualquer outro se nos apresenta ao espírito, é a subvenção. Conheço pouquíssimas obras de solidariedade, assistência ou educação que não se firmem neste meio ou dele não tirem os seus principais recursos.

A muitos causa surpresa que a Colmeia não seja subvencionada pelo Estado, pelo departamento, pelo município, por uma associação filantrópica ou por doadores generosos.

A subvenção, uma subvenção certa e regular, é a base de todas as obras desta natureza, porque só esta base pode garantir a solidez e a estabilidade ao edifício.

Sem dúvida, A Colmeia é auxiliada por alguns amigos e algumas organizações, especialmente por sindicatos, cooperativas, lojas maçônicas e agrupamentos de vanguarda. Esses diversos abonos conformam, no orçamento dos nossos recursos, uma soma de 8.000 francos.

Mas não são senão subscrições, sem constituir da parte dos grupos e das pessoas que o fazem nenhum compromisso, moral sequer, e podendo faltar-nos de um ano para outro.

A Colmeia não recebe subvenção nenhuma com que tenha o direito de contar e que possa inscrever de antemão em seu orçamento.

Entretanto, nos dizem de forma repetida que, ao interesse da obra, para assegurar sua existência e pô-la ao abrigo das incertezas, seria prudente pedir ao Estado que a subvencionasse.

No orçamento da nação há um capítulo especial exclusivamente reservado as obras de assistência e educação; esse capítulo é alimentado pela renda das corridas de cavalo, círculos, cassinos, casas de jogo. Eu sei disso.

Igualmente sei que a Irmã Candide, cujas recentes desventuras não se acham ainda esquecidas, obteve durante longos anos, desse orçamento, uma bela soma de milhões para suas obras, e deram-me a entender que seria estranho que o nosso Governo de defesa republicana e laica, que subvencionou tão largamente as obras religiosas, se recusasse a subvencionar uma obra essencialmente laica como A Colmeia.

Houve mesmo pessoas tão amáveis quanto "importantes" que, sem me fazerem propostas formais ou explícitas, murmuraram-me ao ouvido que nos altos círculos havia a melhor disposição de acolher favoravelmente um pedido de subvenção para a Colmeia e que elas, as aludidas pessoas, se sentiriam felizes de dar o seu apoio a tal pedido, ao qual se empenhariam em fazer chegar a termo.

Não cedi à tentação, ou, antes, não fui sequer tentado.

Tenho acerca das subvenções ideias bem assentadas e que repousam sobre a razão da experiência.

Tenho a convicção de que sejam quais forem os termos em que uma subvenção é solicitada e quaisquer que sejam as condições em que é concedida, ou ainda concedida sem condição alguma, significa sempre uma atadura, uma dependência.

A subvenção é parte da liberdade perdida e tanto mais alienada, quanto mais forte é a subvenção.

Inútil, creio, insistir.

Ora, eu, e como eu todos os meus colaboradores, e como estes e eu, todos os amigos d'A Colmeia, somos por demais ciosos da independência desta, para consentir em alienar-lhe a menor parcela.

Amo de todo o coração a Colmeia; contudo, preferiria vê-la desaparecer a vê-la adstrita à tutela do Estado, dependente dos poderes públicos.

Portanto, nada de subvenções governamentais, departamentais ou municipais.

Vejamos os outros meios. Nossos amigos d'A Colmeia são pouco abastados. Operários, empregados, funcionários, pequenos comerciantes, não possuem mais do que medíocres recursos, e pode-se dizer que, em geral, são tão pobres de dinheiro como são ricos de coração e de espírito.

Não obstante, sucede-lhes, em intervalos, possuírem alguns soldos ou alguns francos que nada devem a ninguém e de que portanto podem dispor sem privarem do necessário suas famílias, que também são para eles uma pequena Colmeia.

Pois bem! que as mandem à Colmeia, esse dinheiro.

Que, igualmente reunidos nos seus sindicatos, agrupamentos ou assembleias para se divertirem ou discutirem o que lhes interesse, os nossos companheiros façam entre si, simplesmente

uma coleta e, por mais modesto que seja o produto, que o façam chegar às nossas mãos.

Que nos peçam listas de subscrição, nelas se inscrevam, façam-nas circular em suas oficinas, em seus escritórios, no meio em que vivem e depois nos remetam o montante.

Que, membros de um grupo qualquer, proponham a este enviar à Colmeia um abono.

E aí está uma série de ações de cooperação simples, fáceis, ao alcance de todos que tenham boa vontade. Basta pensar nelas e querer, para colocá-las em execução.

Aqui vão outros:

Assinar o *Boletim d'A Colmeia*;

Arranjar-nos outras assinaturas;

Constituir um pouco por toda a parte grupos de amigos d'A Colmeia, por cotização mensal fraca, porém regular;

Organizar, em proveito da obra, festas, rifas etc.;

Comprar as nossas brochuras, nossas canções, nossos cartões postais;

Confiar ao nosso serviço de impressão trabalhos como cartazes, prospectos, papéis timbrados, envelopes, faturas, memorandos, procurações, circulares, brochuras, jornais, periódicos etc.;

Dirigir-se ao nosso serviço de encadernação para o que necessite desse serviço;

Pedir ao nosso serviço de livraria todos os livros, brochuras e publicações de que precisarem etc.

Os amigos d'A Colmeia contam-se hoje aos milhares. Se cada um cuidasse de por em prática o meio ou os meios de que se pode lançar mão, receberíamos, anualmente, em subscrições, abonos, produtos de festas e gincanas, trabalhos e encomendas confiados à Colmeia, uma soma que representaria a melhor e a mais certa das subvenções.

Isso seria mais e melhor que uma subvenção governamental, porque as milhares e milhares de moedas que recebêssemos, mesmo que ínfimas, atestariam o seu compromisso com a Colmeia e constituiriam para nós a mais animadora aprovação e a força moral que, em obras deste gênero, dá aos que delas têm o encargo e assumem a responsabilidade, um ardor sem igual, uma confiança incomparável.

O IMPACTO SOCIAL D'A COLMEIA

Excelentes companheiros me disseram: "Trabalhas e te incomodas por uma coisa de pouca importância. Então imaginas que com as poucas dezenas de crianças que educas ou fazes educar n'A Colmeia irás transformar o velho mundo? Não seria melhor consagrar tua atividade e teus recursos a outros fins?"

Tais companheiros não fazem justiça à Colmeia e nem se apercebem do seu alto alcance social.

Eu poderia responder que já é alguma coisa lançar à grande circulação social um certo número de temperamentos vigorosos, inteligências preciosas, vontades fortes, corações elevados e consciências sadias.

Poderia acrescentar que, para o propagandista que sou, realizar uma parte do meu sonho é já um desejo respeitável e um fato importante.

Poderia ainda dizer que já é um resultado apreciável demonstrar na prática a excelência dos nossos processos educativos e dos nossos métodos pedagógicos.

E, finalmente que, para fazer viver A Colmeia, foi preciso, durante mais de dez anos, multiplicar mais do que nunca as minhas conferências e que, por conseguinte, longe de diminuir a minha atividade, a necessidade de proporcionar à Colmeia os recursos que lhe são indispensáveis estimulou o meu ardor e aumentou o meu esforço.

Mas, por mais justas que sejam, essas diversas considerações não bastariam talvez para convencer esses companheiros que, apesar de tudo, poderiam persistir em pensar que o resultado a esperar d'A Colmeia não é proporcional ao labor que exige dos meus colaboradores e de mim uma obra como esta.

Bem sei que não bastará formar algumas dezenas, nem mesmo algumas centenas de corpos fortes, de espíritos livres e de consciências elevadas, para transformar o mundo antigo. Bem sei que, para revolucionar a escola, não bastará proceder à educação racional e integral de algumas dezenas de crianças.

Porém, sei também, que essas vontades fortes, esses cérebros libertos e esses corpos bem equilibrados formarão parte preciosa da minoria ativa e esclarecida que preparará e realizará um dia a transformação social para a qual caminha a humanidade.

E sei igualmente que o menor fato, o mais modesto exemplo, possui um poder de penetração superior às teorias mais sedutoras, mais bem apresentadas.

Os processos pedagógicos e os métodos educativos em uso n'A Colmeia não são novos.

Durante séculos, notáveis filósofos, eminentes educadores têm proclamado e estabelecido teoricamente sua excelência.

Meus colaboradores e eu não cometemos a tolice de crer e dizer que trazemos um sistema novo e original.

O nosso único mérito está em termos tentado aplicar tais métodos e processos.

O corpo docente conta um número considerável de educadores convictos da excelência desses processos e da superioridade desses métodos.

Mas não ousam, não podem pô-los em prática.

Têm que lutar contra o tradicionalismo e a rotina, contra a desconfiança dos chefes, contra a hostilidade das famílias, contra a ignorância do espírito público, contra a preocupação de sua promoção.

E depois, que resultaria se a aplicação desses métodos - excelentes em princípio, mas que ainda não foram postos à prova da experiência - descambasse para a sua confusão, se, ainda, não alcançasse os resultados esperados?

Para eles, isso representa o salto no desconhecido cheio de perigos e incertezas.

Mas, unicamente fora da escola pública, oficial, é que se funda uma escola absolutamente livre, independente em seus programas e métodos; que, nesse pequeno laboratório independente, procede-se às experiências necessárias; que essas experiências são fecundas e convincentes; e que aqueles que, no estado social, tem a espinhosa missão de instruir e formar a juventude, acompanharão com apaixonado interesse a marcha dessa escola e tentarão aplicar, na medida do possível, os métodos exaltados pela especulação e confirmados pela experiência.

Não se imagina o número considerável de professores e professoras que - como o atesta nossa correspondência - tem os olhos voltados para A Colmeia, assaltam-nos com pedidos de esclarecimentos, informam-se das dificuldades encontradas e dos resultados adquiridos e, firmados nas nossas indicações e baseando-se em nossa experiência, entregam-se a ensaios, tentam imitar-nos, rejubilam com os nossos sucessos e inspiram-se em nossos processos!

E aí que se vê a importância decisiva de uma empresa como a nossa, é assim que se afirma o alto alcance social de uma obra como A Colmeia.

Eis como, por uma infiltração, demasiado lenta, é verdade, mas sustentada e cada vez mais poderosa, a Colmeia, transpondo o círculo minúsculo em que se desenvolve, é chamada a exercer sobre a educação uma influência feliz, a transformar gradualmente a escola pública e, em consequência, a revolucionar a sociedade.

É excessivo pretender que, como tal, A Colmeia é uma obra de importância social de primeira ordem?

Eu não penso assim.



RAMBOUILLET — "LA RÛCHE" Départ pour la Promenade

phot. Le Provost. Argenteuil